

UNIVERSIDADE ABERTA



**AS DINÂMICAS DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO – ESTUDO
DE CASO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CARREGADO**

Paula Cristina Medeiros Clamote

Mestrado em Administração e Gestão Educacional

Dissertação orientada por: Professora Doutora Cláudia Susana Coelho Neves

Somos todos deficientes e especiais

Procura-se urgentemente alguém que acredite na inclusão.

Alguém que esteja aberto a incluir, a abrigar, a abraçar, a acolher.

Que seja disposto a abrir oportunidades.

Tenha boa vontade para estimular as habilidades de outrem.

Que queira perceber as potencialidades de outro alguém.

Que seja humano.

Alguém que veja além das máscaras.

Que consiga acreditar no outro.

E que acredite em si mesmo.

Alguém que queira assumir desafios.

Que não tenha medo das diferenças.

Mas que seja diferente.

Que não acredite em barreiras.

E que não aceite limites.

Procura-se alguém que confie no brilho do olhar.

Que tenha fé no seu próprio coração.

E que acredite na INCLUSÃO.

Lara Orlow

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado:

A todos os alunos com Necessidades Educativas Especiais, com quem tenho aprendido muito sobre dificuldades, perseverança, diferença, alegria e inclusão.

Ao meu marido Paulo por toda a dedicação e pormenor na revisão do texto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que com toda a dedicação me auxiliaram e colaboram na realização da minha dissertação. Destacando:

- Ao meu marido, grande companheiro, o meu porto de abrigo por todo o suporte, dedicação, motivação e apoio afetivo.
- À minha filha pela sua compreensão, quando não tinha tempo para ela.
- Aos meus pais, pelo incentivo, motivação e pelo orgulho e confiança que depositam em mim, nunca contrariando o meu sonho de percorrer o caminho como profissional de educação com a visão de tornar a escola publica numa melhor escola.
- À Professora Doutora Cláudia Neves por me receber de braços abertos como nova orientadora, pela motivação e acompanhamento.
- Aos participantes no estudo: alunos, encarregados de educação, docentes do Agrupamento de Escolas do Carregado
- À Coordenadora da Educação Especial do Agrupamento de Escolas do Carregado, por toda a disponibilidade, boa vontade, sempre pronta em me facultar-me tudo o que necessitei para o estudo.
- À Psicóloga do Agrupamento de Escolas do Carregado.
- Ao diretor do Agrupamento de Escolas do Carregado, dando autorização para realização do estudo e pela colaboração dispensada sempre que necessitava.
- À colega e amiga Ana Peralta que fez a última revisão do texto. Autorizou a divulgação do seu nome.

RESUMO

AS DINÂMICAS DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO– ESTUDO DE CASO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CARREGADO

O objetivo principal deste trabalho é caracterizar, analisar e identificar como o agrupamento de escolas do Carregado dá resposta em termos de inclusão à diversidade escolar de alunos com Necessidade Educativas Especiais (NEE). Como principal base teórica de partida para o enquadramento do estudo faz-se utilização da Declaração de Salamanca e da legislação dedicada a esta área, nomeadamente o decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro.

Enquadra-se a problemática das NEE partindo da noção de diversidade, da evolução do conceito de diferenciação pedagógica, bem como de educar para a diferença e para a inclusão e por fim elencar o conceito de escola inclusiva.

Inicialmente efetua-se uma análise documental dos normativos do agrupamento, seguida de um enquadramento teórico e posteriormente procede-se a um estudo de caso, utilizando um método de recolha de dados misto, entrevistas e questionários aplicados a vários elementos da comunidade educativa que estão diretamente relacionados com alunos com NEE. Neste estudo de caso pretende-se: caracterizar a população escolar com NEE, identificar quais os recursos de que o agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão aos alunos com NEE, caracterizar as atividades e iniciativas tomadas pelo agrupamento para corresponder, em termos de inclusão, aos alunos com NEE, levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEE, identificar dificuldades e limitações do agrupamento de escolas no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE.

Por fim, pretende-se efetuar uma síntese, elaborando sobre a eventual distância entre as bases teóricas e a realidade concreta do agrupamento, no que à inclusão, diversidade pedagógica e efeitos das lideranças diz respeito, bem como elencar eventual trabalho futuro.

Palavras-chave: diversidade, diferenciação pedagógica, necessidades educativas especiais, educação especial, inclusão, lideranças.

ABSTRACT

The Dynamics of the School in The Promotion of Inclusion – Case study in the Agrupamento de Escolas do Carregado, Lisbon, Portugal

The main objective of this work is to characterize, analyze and identify how the Agrupamento de Escolas do Carregado (AEC school) responds in terms of inclusion to the school diversity of students with Special Educational Needs (SENs). As main theoretical background for the study it is made use of the Declaration of Salamanca and the legislation dedicated to this area, namely the decree-law 3/2008 of January 7.

It is intended to characterize and analyse the problem of SENs, starting from the notion of diversity, the evolution of the concept of pedagogical differentiation, as well as to educating for the difference and for the inclusion. Finally, it is intended to emphasize the concept of inclusive school.

Initially a review of the internal norms and rules of the AEC school is carried out followed by a theoretical review. Then a case study is carried out, using a method of mixed data collection, interviews and questionnaires, applied to several elements of the educational community that are directly related to students with SEN. This case study intends to: characterize the school population with SEN, identify the resources that AEC school has to respond in terms of inclusion to the students with SEN, characterize the activities and initiatives taken by the group to respond in terms of inclusion to the students with SEN, to raise the needs felt by the educational community to deepen the inclusion of the students with SENs, to identify difficulties and limitations of the AEC school with respect to the promotion of the inclusion of the students with SEN.

Finally, it is intended to make a synthesis elaborating on the possible distance between the theoretical background and the reality of the AEC school, as far as the inclusion, pedagogical diversity and effects of the leaderships is concerned. This work finishes with a conclusions and listing of future work.

Keywords: diversity, pedagogical differentiation, special educational needs, special education, inclusion, leadership.

SIGLAS

AEC – Agrupamento de Escolas do Carregado

AO – Assistentes Operacionais

CEC- Centro Escolar do Carregado

CEF -Curso de Educação e Formação

CERCI- Cooperativa de Educação e Reabilitação para Crianças Inadaptadas

CNE- Conselho Nacional de Educação

CIF- Sistema de Classificação inserido na família das classificações Internacionais

DGIC- Direção de Gestão de Informação e Comunicação

EB- Escola Básica

EBI- Escola Básica Integrada do Carregado

EE - Educação Especial

EEd.- Encarregados de Educação

ISPA- Instituto Superior de Psicologia Aplicada

MCP- Projeto Multidisciplinar de Componente Pedagógica

NEE- Necessidades Educativas Especiais

OMS- Organização Mundial de Saúde

OPP- Ordem dos Psicólogos Portugueses

PAA- Plano Anual de Atividades

PCA - Projeto Curricular do Agrupamento

PE- Projeto Educativo

PEPT- Programa Educação para Todos -2000

PES – Promoção da Educação para a Saúde

RI - Regulamento Interno

SEN – Special Educational Needs

SPO- Serviço de Orientação e Psicologia

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT.....	V
SIGLAS	VI
Índice.....	VII
Índice de Figuras	IX
Índice de Tabelas.....	X
INTRODUÇÃO	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Capítulo 1. Necessidades Educativas Especiais e Inclusão.....	3
Capítulo 2. Noção de Diversidade.....	4
Capítulo 3. Noção de Inclusão e Educação Inclusiva	5
Capítulo 4. Diversidade e Inclusão – a realidade da natureza humana e a necessidade de adaptação do sistema educativo.....	7
Capítulo 5. A Evolução do Conceito de Diferenciação Pedagógica	9
Capítulo 6. Diferenciação Pedagógica Hoje	10
Capítulo 6.1. Níveis de Diferenciação Pedagógica e Possíveis Práticas no Quotidiano da Sala de Aula	11
Capítulo 7. Educar para a Diferença e para a Inclusão	13
Capítulo 8. Características da Escola Inclusiva	14
Capítulo 9. Papeis da Liderança na Promoção da Inclusão.....	17
Capítulo 10. Educação Especial.....	20
PARTE II - METODOLOGIA DO ESTUDO	25
Capítulo 1. Estudo de Caso	25
Capítulo 2. Método Quantitativo	28
Capítulo 3. Método Qualitativo	29
Capítulo 4. Estudo de Caso: metodologia de aplicação ao AEC.....	31
Capítulo 5. Caracterização do meio onde o AEC está inserido	33
Capítulo 5.1. Caracterização histórica	33
Capítulo 5.2. Caracterização administrativa.....	34
Capítulo 5.3. Caraterização socioeconómica e da população escolar	35
Capítulo 5.4. Identidade do Agrupamento de Escolas do Carregado.....	36
PARTE III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37

Capítulo 1. Entrevistas	37
Capítulo 1.1. Análise à Entrevista à Coordenadora da Educação Especial	38
Capítulo 1.2. Análise à Entrevista ao Diretor do Agrupamento	42
Capítulo 1.3. Análise à Entrevista à psicóloga	47
Capítulo 2. Análise dos Questionários	51
Capítulo 2.1. Grupo I - Caraterização individual (análise conjunta dos questionários aos alunos, encarregados de educação e docentes)	51
Capítulo 2.2. Grupo I - Caraterização individual (análise dos dados característicos de cada amostra)	54
Capítulo 2.3. Grupo II - Recursos existentes para atividades relacionadas com Necessidades Educativas Especiais (NEE's)	56
Capítulo 2.4. Grupo III - Necessidades sentidas pela Comunidade Educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEEs	61
Capítulo 2.5. Grupo IV - Identificar as dificuldades e limitações do Agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEEs.	66
Capítulo 3. Discussão de Resultados das Entrevistas e Questionários	80
CONCLUSÃO	90
BIBLIOGRAFIA	97
Apêndice A – Guião e Transcrição da Entrevista à Coordenadora da Educação Especial	102
Apêndice B – Guião e Transcrição da Entrevista ao Diretor do Agrupamento	108
Apêndice C – Guião e Transcrição da Entrevista à Psicóloga do Agrupamento de Escolas do Carregado	116
Apêndice D – Modelos de Questionários	121
Apêndice E – Pedido e Autorização do Diretor do AEC para Desenvolver o Estudo de Caso	134
Apêndice F – Autorização do Diretor do AEC para Aplicação dos Questionários	135
Apêndice G – Pedido de Autorização aos EE's para os Alunos Responderem ao Questionário aos Alunos	136
Apêndice H – Plano Anual de Atividades da Educação Especial no AEC	137
Apêndice I – Mapa de Alunos ao Abrigo do DL 3/2008	142
Apêndice J – Lista de Técnicos Apoio Terapêutico	173

Índice de Figuras

Figura 1 - Articulação entre os dispositivos de diferenciação (adaptado de Przesmycki, 1991) citado por (Santos, 2009)	13
Figura 2 – Nó do Carregado entre as auto-estradas, A1 e A10, junto da escola sede do AEC....	33
Figura 3 – Mapa do concelho de Alenquer.....	34
Figura 4 – Fachada principal da Escola Sede.	35
Figura 5 – Distribuição de idades.	51
Figura 6 – Distribuição de género.....	52
Figura 7 – Distribuição Ciclos Representados.....	53
Figura 8 – Caracterização dos Docentes.	54
Figura 9 – Escolaridade dos EE’s.	55
Figura 10 – Respostas dos Alunos sobre recursos e atividades com alunos NEE’s.	56
Figura 11 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre recursos e atividades com alunos NEE’s.	57
Figura 12 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre recursos e atividades com alunos NEE’s.	59
Figura 13 – Distribuição de Respostas dos Alunos sobre necessidades para a inclusão dos alunos com NEE’s.	61
Figura 14 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre necessidades para a inclusão dos alunos com NEE’s.	62
Figura 15 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre necessidades para a inclusão dos alunos com NEE’s.	63
Figura 16 – Distribuição de Respostas dos Alunos sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s.	66
Figura 17 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s.....	67
Figura 18 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	68
Figura 19 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	69
Figura 20 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	71
Figura 21 – Distribuição de Respostas dos EEs sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	72
Figura 22 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s.....	73
Figura 23 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	75
Figura 24 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	76
Figura 25 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	77
Figura 26 – Distribuição de Respostas dos Docentes sobre dificuldades do AEC para a promoção da inclusão dos alunos com NEE’s (continuação).....	78

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Cronologia da Legislação publicada no âmbito da Educação Especial em Portugal .	21
Tabela 2 – Atributos dos paradigmas “qualitativo” e “quantitativo” (Reichardt & Thomas, 1986)	26
.....	26

INTRODUÇÃO

O agrupamento em que se realizou o estudo, é um agrupamento em que a frequência do número de alunos com NEE é significativo. O agrupamento conta com cerca de 1413 alunos, dos quais 122 alunos (cerca de 8,6%) são alunos com NEE, avaliados ao abrigo do decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro, descritos no Apêndice I sem identificação por razões de proteção de identidade e dados pessoais.

Nos dias de hoje a escola depara-se com múltiplos desafios, dos quais se pretendem destacar aqueles colocados pela natureza contraditória da sociedade do século XXI em que, se por um lado existe uma visão humanista da inclusão, em si já em aparente dilema e paradoxo com a natureza humana de plena diversidade (intelectual, social, económica, familiar, física, etc), concomitantemente existe uma pressão de sentido contrário à visão humanista criada pelas contínuas e crescentes pressões orçamentais.

Com a realização deste trabalho pretende-se analisar e identificar como o agrupamento de escolas em estudo, o Agrupamento de Escolas do Carregado (AEC), dá resposta em termos de inclusão à diversidade escolar proporcionada pela existência, não só de múltiplas nacionalidades, mas também e fundamentalmente de alunos com NEE. Como principais bases teóricas de partida para o seu enquadramento pretende-se utilizar a declaração de Salamanca e a legislação dedicada a esta área.

A pertinência deste estudo consiste em perceber como é que, no contexto complexo da sociedade do século XXI, a escola dá resposta em termos de inclusão à diversidade pedagógica que a compõe, reduzindo o universo dessa diversidade aos alunos com NEE. Para tal desiderato, ao longo do trabalho ir-se-á caracterizar a população escolar com NEE, identificar quais os recursos de que o agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão aos alunos designados por NEE caracterizar as atividades e iniciativas tomadas pelo agrupamento para dar resposta em termos de inclusão a estes alunos, levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEE, identificar dificuldades e limitações do agrupamento de escolas no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE.

Para enquadrar a problemática das necessidades educativas especiais, parte-se da noção de diversidade, da evolução do conceito de diferenciação pedagógica, bem como do educar para a diferença e para a inclusão e por fim do conceito de escola inclusiva. Ao longo do desenvolvimento do trabalho várias técnicas de investigação são identificadas e aplicadas a vários elementos da comunidade educativa que estão diretamente relacionados com alunos com NEE.

Durante o desenvolvimento do trabalho pretende-se mostrar como a liderança da escola, a equipa da educação especial, e a comunidade educativa envolvida no trabalho com os alunos que apresentam NEE, contribuem para o conceito de escola inclusiva.

Por fim, efetuam-se as conclusões que contêm uma síntese sobre a eventual distância entre as bases teóricas e a realidade concreta do agrupamento, no que à inclusão, diversidade pedagógica e efeitos das lideranças diz respeito, bem como se elenca eventual trabalho futuro nesta área.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1. Necessidades Educativas Especiais e Inclusão

A questão dos alunos com necessidades educativas especiais situa-se no campo mais vasto da exclusão escolar.

Sabemos que esse problema resulta do facto de muitos alunos não conseguirem acompanhar a escola regular de acordo com um padrão que, é suposto, todos alcançarem.

Sérgio Niza analisa esta questão situando-a num percurso que durou toda a primeira metade do século XX, num texto a que chamou “Da Exclusão à Inclusão na Escola Comum”.

Depois de referir a ideia reinante nos liceus napoleónicos, posteriormente adotada pelos professores do ensino obrigatório, de que todos os alunos deveriam ser ensinados como um só e que deu origem, logo na primeira década do século XX, à exclusão das escolas de todos os que se atrasavam no ritmo de aprendizagem e que viriam a constituir as classes de aperfeiçoamento, afirma Sérgio Niza: “Esta designação eufemística do primeiro sistema alternativo de escolaridade provou rapidamente que, tal como na geometria, os sistemas paralelos nunca se encontram. Na escola tradicional o que marca o ritmo das aprendizagens é o ensino (as lições) do professor. Os que não acomodam o seu estilo e processo de aprendizagem ao caminho do professor são excluídos desse percurso – são os alunos “atrasados” como então se designavam”. A ideia de que a exclusão se justificava pela incapacidade dos alunos manteve-se por largo tempo (Conselho Nacional de Educação, 1999).

A Declaração de Salamanca, aprovada em junho de 1994 pelos representantes de 92 governos (entre os quais o de Portugal) e 25 organizações internacionais, constitui uma referência incontornável no percurso de uma escola inclusiva, como via alternativa ao princípio vigente da exclusão.

Esta declaração situa a questão dos direitos das crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais (NEE) no contexto mais vasto dos direitos do homem e, por isso, refere a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos e as Normas das Nações Unidas sobre a Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiência.

O documento acolhe as novas conceções sobre a educação dos alunos com NEEs, expressa a opção pela escola inclusiva e traça as orientações necessárias para a ação, a nível nacional e a nível internacional, com vista à implementação de uma escola para todos.

O texto apela a todos os governos e incita-os a adotar, como matéria de lei ou como política, o princípio da educação inclusiva, admitindo todas as crianças nas escolas regulares, a não ser que haja razões que obriguem a proceder de outro modo (Conselho Nacional de Educação, 1999).

Acordou-se em Salamanca que as escolas devem ajustar-se “a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras”.

Neste conceito, devem incluir-se crianças com deficiência ou sobredotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos e marginais”. Estas condições colocam uma série de diferentes desafios aos sistemas escolares. A expressão “necessidades especiais” refere-se a todas as crianças e jovens cujas necessidades se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares.

Lê-se ainda na Declaração: “E para que a possibilidade de sucesso nas escolas regulares se possa concretizar, estas devem adequar-se às crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais (NEE), através duma pedagogia neles centrada e capaz de ir ao encontro dessas necessidades. Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias. Os sistemas de educação devem ser planeados e os programas devem ser implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades”(UNESCO, 1994).

Desta forma, com a Declaração de Salamanca concretizou-se a rutura formal com a escola segregada e reforçou-se, com grande clareza, a via da inclusão. (Conselho Nacional de Educação, 1999).

Capítulo 2. Noção de Diversidade

(Grave-Resendes, Inclusão Educativa, 2008), referindo Sacristán (2002), começa por apresentar a diversidade entre os seres humanos ou entre os seus grupos e a singularidade individual entre os sujeitos (própria da natureza humana).

A gestão dessa diversidade sempre criou problemas ao sistema educativo. Por isso, cabe à organização e gestão escolar gerir essa diversidade. Sustenta, ainda, Grave-Resendes, que a escola tentou gerir esta mesma diversidade, mas sem ter em conta o conceito de inclusão. De acordo com Barroso (1995), citado por Grave-Resendes (2008), a escola evoluiu de forma a homogeneizar a própria escola e os alunos. No entanto, essa tentativa de homogeneização de turmas e pedagogias em contexto de sala de aula, por exemplo, é ilusória, uma vez que haverá sempre diversidade como resultado das diferenças culturais, dos ritmos de aprendizagem, das inteligências múltiplas (Gardner, 2006).

Em 1990, na Tailândia, a Conferência Mundial Sobre Educação Para Todos produziu uma declaração que visava estabelecer programas de resposta às necessidades educativas fundamentais. Em 1994, foi aprovada a Declaração de Salamanca que institucionalizou o princípio da Inclusão, no sentido

em que as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras (reforçando-se que todos estes alunos devem aprender juntos).

Capítulo 3. Noção de Inclusão e Educação Inclusiva

De acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), a inclusão é vista como um processo que responde, ou tenta responder, às diferentes necessidades de todos os alunos através de uma maior participação na aprendizagem, na cultura e na comunidade.

Após a Declaração de Salamanca foram aparecendo propostas em quadros normativos conducentes a um abandono progressivo do conceito de integração passando-se a falar do conceito de inclusão.

De acordo com o autor Pijl, a Integração –“Reflete os esforços desenvolvidos no sentido de colocar os alunos com NEE no ensino regular” (Pijl, 1997).É um processo através do qual as crianças consideradas como tendo NEE, são apoiadas individualmente de forma a poder acompanhar o programa da escola sem pôr em causa o programa e a escola. – Consiste numa abordagem centrada no aluno.

De acordo com Giangreco (Giangreco, 1997) Inclusão - “Diz respeito à qualidade e equidade educativa para todos os alunos, uma vez que sendo bem conduzida, tem potencial de beneficiar uma diversidade de alunos”. No processo de implementação de uma cultura de inclusão, o empenhamento da escola em receber todos os alunos, requer reestruturação de forma a poder dar respostas adequadas à diversidade dos alunos – consiste numa abordagem centrada na escola.

Segundo Niza (Niza, Necessidades Especiais de Educação: da Exclusão à Inclusão na Escola, 1996), e na linha da Declaração de Salamanca, uma escola inclusiva terá de incluir crianças com deficiência ou sobredotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais. Tal conceito provoca o aparecimento de diferentes desafios aos sistemas escolares. As escolas terão de encontrar formas de educar com sucesso esta diversidade de crianças, colocando-se como desafio à escola inclusiva, ser capaz de desenvolver uma pedagogia centrada nas crianças em turmas regulares, suscetível de as educar a todas com sucesso.

Para se atingir este ambicioso objetivo, o movimento da escola moderna portuguesa defende que são necessárias duas ferramentas: a diferenciação pedagógica e a cooperação. Resumidamente, entende este movimento que diferenciação não é individualização nem deve ser confundido com individualização, é antes um processo segundo o qual os professores se defrontam com a necessidade de fazerem progredir no currículo, uma criança em situação de grupo, através da seleção apropriada

de métodos de ensino e de estratégias de aprendizagem e de estudo. Para tal, só a partir de uma pedagogia diferenciada centrada na cooperação entre o professor e os alunos e destes entre si, se poderão pôr em prática os princípios da inclusão.

A educação inclusiva atua no fornecimento de respostas para as necessidades educativas em contextos escolares, e permite que docentes e discentes assumam positivamente a diversidade e a considerem um enriquecimento e não um problema.

Educação inclusiva é uma ação, desejando compreender e aceitar alguém, o outro, na sua singularidade. Significa abranger e abrir os braços para acolher todos e a cada um dos alunos. A natureza da inclusão é diferente de integrar, que tem a ver com adaptar o aluno às exigências da escola; implica mudança de perspetiva educacional, uma vez que se dirige a todos os alunos. A inclusão possibilita maior equidade e abre horizontes para o desenvolvimento de sociedades inclusivas. Fazer inclusão significa desejar e realizar mudanças profundas em termos de conceções e práticas educacionais (Zimmermann & Strieder, 2010).

A inclusão exige uma mudança de mentalidade e de valores nos modos de vida e é algo mais profundo do que simples recomendações técnicas, como se fossem receitas. Requer complexas reflexões de toda a comunidade escolar e humana para admitir que o princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade, presente numa comunidade humana (Zimmermann & Strieder, 2010).

Para Stainback e Stainback (1999), a cooperação pode aumentar o sucesso da educação inclusiva. Uma colaboração processual que, envolvendo direção, supervisão pedagógica e professores, permite traçar e projetar, de forma negociada, atividades e estratégias de aprendizagem. Sem a tónica num trabalho coletivo e colaborativo, a realidade mostra inúmeras fragilidades no processo inclusivo.

Perante este cenário, as escolas têm vindo a adaptar-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir currículos adequados, estratégias pedagógicas, recursos e cooperação com todas as comunidades.

Em Portugal, há normativo produzido na defesa da inclusão, tendo-se iniciado este caminho com a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 (Assembleia da República, 1986) que se refere à igualdade de oportunidades e ao sucesso educativo para todos. O processo de reflexão participada sobre os currículos, iniciado em 1996/97, incidiu muito sobre estas questões da gestão curricular ao nível da escola e ao nível das turmas, da adequação do currículo ao aluno. Em 2001, com o Decreto-lei n.º 6/2001 (Ministério da Educação, 2001), foi posto fim ao programa nacional inflexível, rígido e sagrado, abrindo portas à gestão flexível do currículo e à sua adequação aos alunos.

A escola recebeu, assim, o desafio de criar projetos educativos que visassem alcançar uma escola inclusiva.

Capítulo 4. Diversidade e Inclusão – a realidade da natureza humana e a necessidade de adaptação do sistema educativo

Brisk (1998) refere-nos que a investigação pedagógica demonstra a importância de conhecer os alunos como seres individuais. Pelas suas características, todos os alunos são diferentes.

A Inclusão é essencial à dignidade de cada um e só assim haverá igualdade de oportunidades, na certeza de que a escola deve organizar-se na lógica e aceitação de culturas diversas.

Os alunos bilingues apresentam uma diferença adicional (linguística/cultural). Em Portugal, este fenómeno cresceu, quer com o regresso de portugueses que trabalharam fora e, agora de volta, os seus filhos têm dificuldade numa integração plena, quer com os filhos de cidadãos estrangeiros que vieram trabalhar em Portugal.

Os professores/educadores devem procurar métodos educativos apropriados a estes alunos. Embora, sabemo-lo, não seja uma tarefa fácil, pode mesmo ser um “trabalho de anos”, como refere Collier (1989) citado por (Brisk, 1998). No entanto, também o sabemos, as crianças em contexto de sala de aula têm facilidade em aprender/apreender novas línguas.

Assim, com o propósito de concretizar estratégias pedagógicas adequadas, é muito importante contextualizar os antecedentes destes alunos. Devemos ter em conta fatores da sociedade, os fatores escolares e os fatores familiares.

(Brisk, 1998) sugere, também, algumas estratégias a aplicar, como, por exemplo, exploração de ideias, mapas semânticos, reconhecimento de palavras-chave de textos, exercícios de expressão escrita em forma de diálogo, autobiografias familiares, realização de trabalhos sobre os países de origem. A variedade linguística e cultural é uma realidade do mundo de hoje, também ele em mudança.

(Checkley, 1997) conduz uma entrevista a Howard Gardner, tendo como motivo principal a teoria das múltiplas inteligências e a sua correlação com a educação. Neste sentido, Gardner apresenta inteligência como uma capacidade humana para resolver problemas ou produzir algo com valor para a comunidade ou para várias comunidades. Essa capacidade, ou habilidade, que pode ser útil ao longo do tempo, é, desta forma, inteligência.

Gardner refuta o standard de inteligência como algo nato e mensurável, por exemplo, nos testes de QI, alegando que cada pessoa tem uma combinação diferente de várias inteligências. Por esta via existe então uma vasta diversidade na sala de aula e de acordo com Gardner, o ensino deve ser dirigido tanto quanto possível, a promover a compreensão, por parte dos alunos, do que é relevante, o ensino deve ser adequado em função destas múltiplas inteligências e a cada aluno. Para Gardner citado por (Checkley, 1997) “Os professores têm de ajudar os alunos a usar a sua combinação de inteligências para serem bem-sucedidos na escola, ou seja, têm que combinar aquilo para que os alunos têm vocação (inteligência) com a formalidade dos programas”.

A propósito da teoria das múltiplas inteligências, (Gardner, 2006) refere algumas experiências que teve enquanto professor. Entre elas realça-se a aposta nos trabalhos de grupo, na elaboração de projetos, na preparação dos alunos para o mundo naquilo em que são bons e gostam de fazer, indo ao encontro da sua ligação de inteligência com a produção de algo útil para a sociedade. Este professor acrescenta, ainda, que não há um caminho único para a implementação da teoria das múltiplas inteligências na educação, mas é muito importante, refere, a existência de pedagogia diferenciada, de um acompanhamento e avaliação individualizados, levando os alunos a aproveitar as suas qualidades, experiências e conhecimentos para os aplicarem ao longo da vida.

(Gardner, 2006) discorda das conclusões expostas em “The Bell Curve: Intelligence and Class Structure in American Life”, onde a inteligência é apresentada como algo determinístico, que considera que as pessoas nascem com uma certa quantidade de inteligência e que esta não pode ser mudada – visão determinística. Na visão de Gardner, a inteligência é dinâmica (estimular e desenvolver). É necessária uma outra forma de entender a inteligência, que seja mais pluralista e mais otimista, uma forma que defenda e que demonstre que as pessoas podem melhorar a sua inteligência. Com os estudos que realizou, Gardner percebeu que existe aquilo a que podemos chamar de diversidade intelectual.

Na sua teoria das múltiplas inteligências Gardner alega a existência de oito inteligências múltiplas (Verbal/Linguistic; Logical/Mathematical; Musical/Rhythmic; Bodily/Kinesthetic; Visual/Spacial; Interpersonal; Intrapersonal; Naturalist). Gardner refere, ainda, a possibilidade de uma nona inteligência múltipla, ainda não comprovada definitivamente em estudos, mas altamente provável: a existencial (daí podermos falar em oito inteligências e meia). Definitivo é o facto de todos, nesta teoria, termos as oito (ou nove) inteligências múltiplas e todos termos conjugações diferentes das mesmas.

Assim, quando a escola educa de forma igual (“uniform education”) não está a educar de acordo com as diferenças (sejam elas devidas às diferentes combinações de inteligências, ou derivadas de fatores culturais, linguísticos, sociais, familiares e outros) nas crianças e nos jovens. No entender deste professor, a “uniform education” está generalizada.

No entanto, hoje a escola está em condições de partir para uma educação diferenciada e individualizada, pois conhecemos novas pedagogias diferenciadas e temos novos recursos tecnológicos. A inteligência não pode, por tudo o que foi dito, continuar a ser avaliada com um papel e uma caneta, num teste de QI. Contudo, essas mesmas inteligências podem ser acompanhadas, desde cedo, através do “Spectrum of Intelligence” uma vez que as crianças demonstram o seu prazer em aprender. E porque todas as crianças são diferentes, as suas reações perante as diversas aprendizagens também o são.

Segundo Gardner citado por (Checkley, 1997), os professores podem implementar a teoria das múltiplas inteligências através de informação dada pelo próprio aluno. Os alunos podem ser bons

informadores dos professores por ex: o professor pode dizer ao aluno, isto não está obviamente a funcionar, vamos tentar usar uma imagem/gráfico/tabela. Se o aluno ficar entusiasmado com essa imagem, pode ser uma pista sobre o que funciona e não funciona.

Numa abordagem mais operacional sobre ensino na diversidade, segundo (Tomlinson, 2008) o ensino diferenciado é uma forma de pensar o ensino e a aprendizagem que pretende reconhecer, aprender sobre e satisfazer todas as necessidades de aprendizagem dos alunos.

Para esse fim, os professores usam variadas estratégias relativamente ao currículo, ao processo de ensino-aprendizagem e à avaliação, promovendo verdadeiras oportunidades de aprendizagem para todos os alunos na sala de aula, através de ambientes diversificados.

Desta forma pode-se sintetizar que diversos autores abordando a diversidade sob diversos prismas, cultura, língua, inteligência convergem necessidade da adaptação da escola à diversidade para atingir o sucesso educativo, a efetiva aprendizagem (Gardner, 2006).

Capítulo 5. A Evolução do Conceito de Diferenciação Pedagógica

Com a crescente importância que a avaliação das aprendizagens na sua vertente reguladora, nos últimos anos, tem vindo a apresentar, poder-se-á pensar que a diferenciação pedagógica é um conceito recentemente construído. Mas, tal não é assim, pelo menos no que respeita à sua relevância, muito embora, ao longo das últimas décadas, o sentido que lhe tem vindo a ser atribuído tenha evoluído, acompanhando, naturalmente, a própria mudança no entendimento de avaliação formativa (Santos, 2009).

Se é certo que até aos anos 50 do século XX, a diferenciação pedagógica enquanto intencionalidade pedagógica não constituía uma preocupação dos sistemas educativos, que apenas atribuíam à avaliação um carácter sumativo, a partir dos anos 60, com a inclusão de uma vertente formativa de avaliação, começam-se a preconizar modelos de diferenciação pedagógica. Seguindo o modelo pedagógico então vigente, designado por pedagogia por objetivos, a aprendizagem acontecia através de um encadeamento de objetivos, seguindo um processo de acumulação linear e normalizado, assente em pré-requisitos (Bloom, 1976) citado por (Santos, 2009). O que explicava, sobretudo, as diferenças de desempenho dos alunos era a diversidade de tempo para a aprendizagem.

Uns alunos precisavam de mais tempo do que outros. Deste modo, a diferenciação pedagógica consistia em “dar mais do mesmo” aos alunos que ainda não tinham atingido os objetivos, enquanto os outros realizavam tarefas de enriquecimento. Muito embora, um olhar distanciado nos permita identificar as limitações deste modelo, há que reconhecer alguns avanços importantes que serviram como ponto de partida para a construção de um conceito de diferenciação pedagógica mais rico e

promissor em termos de aprendizagem. Desde logo, a pedagogia por objetivos ao introduzir o conceito de avaliação formativa, coloca, pela primeira vez, a avaliação no processo pedagógico. Para além disso, chama a atenção para a possibilidade da existência de diferentes ritmos de aprendizagem, o que traz como consequência, inevitável, um olhar atento para a importância da gestão curricular.

Com a evolução do entendimento do que é aprender e ensinar, sustentado pelos resultados da investigação em educação que vai sendo realizada, começa-se a entender a diferenciação pedagógica de outro modo. A aprendizagem deixa de ser vista como um processo de acumulação linear, para ser vista como um processo complexo, que implica uma apropriação pessoal de experiências, feita através de uma atividade pessoal (Pinto, 2007) citado por (Santos, 2009), favorecida quando acontece num contexto social (Vigotsky, 1978) citado por (Santos, 2009).

Outro facto importante liga-se com um entendimento mais alargado daquilo que nos distingue enquanto humanos. Não é apenas o tempo que pode explicar as diferenças de desempenho, mas também, e sobretudo, as formas diversas de pensar e de estabelecer relações entre o que sabemos e o que aprendemos de novo.

Um exemplo que certamente nos pode ajudar a entender essas diferenças é o contributo de (Gardner, 2006) com a Teoria das Inteligências Múltiplas acima referido.

Como já explanado, segundo este autor, apresentamos umas capacidades mais desenvolvidas do que outras, por exemplo, o caso da inteligência verbal/linguística, correspondendo ao pensar por palavras, da inteligência lógico-matemática que nos leva a considerar proposições e hipóteses e a realizar cálculos complexos, e a inteligência visuo-espacial que privilegia o pensar numa forma tridimensional.

Para além destas diferenças cognitivas há ainda a acrescentar as diferenças socioculturais, cada vez mais presentes nas escolas portuguesas, e as diferenças psicológicas (Przesmycki, 1991) citado por (Santos, 2009).

Capítulo 6. Diferenciação Pedagógica Hoje

Como vemos, diversos autores pensam e escrevem sobre Diferenciação Pedagógica tais como Tomlinson, Boal, Perrenoud, Grave-Resendes, Niza, Roldão, Santana, Zimmermann, Ainscow, etc. Já há muito que o Movimento da Escola Moderna conhece e desenvolve algumas estratégias que vão neste sentido. É essencial saber como se passa da teoria à prática. Para ajudar neste sentido, a UNESCO publicou em 2004 “Changing Teaching Practices using curriculum differentiation to respond to students diversity”(UNESCO, 2004). Um trabalho fortemente voltado para a prática e com muitas sugestões.

A Diferenciação Pedagógica tem como objetivo o sucesso educativo de cada um, na sua diferença. Não é um método pedagógico, mas sim a assunção de todo o processo de educação global e complexo em que o ser/indivíduo, em todas as suas manifestações, é o centro condutor das ações e atividades realizadas nas escolas (Boal, Hespanha, & Borralho, 1996). É uma perspetiva que considera o aluno como indivíduo com as suas características intrínsecas e extrínsecas psicossomáticas, sociais e culturais.

A Diferenciação Pedagógica opõe-se à uniformização dos conteúdos: uniformidade de ritmos de progressão e uniformidade de métodos, de didáticas e de práticas pedagógicas e organizacionais. Pode definir-se, por isso, como o procedimento que procura empregar um conjunto diversificado de meios e de processos de ensino e de aprendizagem, a fim de permitir a alunos de idades, de aptidões, de comportamentos, de *savoir-faire* heterogéneos, mas agrupados na mesma turma, atingir, por vias diferentes, objetivos comuns (Gomes, 2006).

Implica a utilização de estratégias diversificadas, visando o maior sucesso possível para todos os alunos. Esta é uma preocupação importante numa escola que tem de ser para todos, constituindo um interessante desafio aos professores. Perrenoud (Perrenoud, 1997) define a Diferenciação Pedagógica como o processo pelo qual os professores enfrentam a necessidade de fazerem progredir no currículo cada criança em situação de grupo, através da seleção apropriada de métodos de ensino, adequados às estratégias de aprendizagem (e de estudo) do aluno.

Capítulo 6.1. Níveis de Diferenciação Pedagógica e Possíveis Práticas no Quotidiano da Sala de Aula

Segundo (Santos, 2009), a diferenciação pedagógica pode desenvolver-se a diferentes níveis, podendo considerar-se num dos seguintes tipos: diferenciação institucional, diferenciação externa e diferenciação interna. Falamos em diferenciação pedagógica institucional quando acontece a nível macro da estrutura, a nível do sistema educativo ou das escolas e instituições de formação. É, por exemplo, o caso, no passado, da existência de diversas vias de ensino a partir do final da escola primária (Ensino Liceal e Ensino Técnico) ou, na atualidade, as diversas vias que se oferecem no ensino secundário (via profissionalizante e via de ensino) e os cursos que existem em paralelo com o ensino regular, como seja, os Cursos de Educação Formação (CEF).

A diferenciação pedagógica externa pode acontecer como algo que, embora diferente, se enquadre no plano de estudos vigente. Ela realiza-se a nível meso da estrutura. É, o caso, das turmas

de currículos alternativos e os apoios pedagógicos acrescidos, e ainda de formas alternativas de organização da escola.

Por último, a diferenciação pedagógica interna é aquela que se desenvolve a nível micro da estrutura, no quotidiano da sala de aula. É este terceiro tipo de diferenciação que numa lógica de aprendizagem mais nos interessa focar.

Note-se que se assumimos que os alunos apresentam características diversas, têm as suas formas pessoais de aprender, e a aprendizagem é um direito de todos, o professor, enquanto principal responsável pela construção de experiências de aprendizagem, deve gerir o currículo tendo em conta essas diferenças. É, enquanto o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve, que faz sentido procurar adequá-lo às características dos diferentes intervenientes da comunidade de aprendizagem.

Deste modo, vamos agora referir-nos à diferenciação interna, isto é, àquela que ocorre na sala de aula. Segundo Meirieu (1988) citado por (Santos, 2009), a diferenciação pode apresentar três formas: a simultânea, a sucessiva e a variada. A diferenciação é simultânea quando, num dado momento, grupos de alunos estão a realizar tarefas distintas. É uma categoria que se centra no que os alunos fazem.

A diferenciação diz-se sucessiva quando se verifica variação de forma ao longo de um período de tempo. É uma categoria que se centra na natureza das tarefas, nas abordagens diversas ou no recurso a representações múltiplas de um dado conceito.

Por último, falamos de diferenciação variada quando se combinam as duas anteriores.

A diferenciação pedagógica, em particular a interna, acontece através da interação entre o aluno, o professor e o saber. Recorrendo ao triângulo pedagógico, Przesmycki(1991) citado por (Santos, 2009), propõe três dispositivos – processos, produtos, conteúdos - de diferenciação, de forma a potencializar a aprendizagem (figura 1.adaptada de (Santos, 2009)).

A forma de escolher em cada momento qual destes dispositivos utilizar pode depender de diferentes critérios, como sejam as necessidades dos alunos, as dificuldades reveladas num dado momento, os seus interesses, e os estilos de aprendizagem em presença.



FIGURA 1 - ARTICULAÇÃO ENTRE OS DISPOSITIVOS DE DIFERENCIAÇÃO (ADAPTADO DE PRZESMYCKI, 1991) CITADO POR (SANTOS, 2009)

Capítulo 7. Educar para a Diferença e para a Inclusão

A educação é para todos, por isso a todas as crianças assiste o direito de usufruir da mesma igualdade de oportunidades educativas, mesmo que as suas características lhes impossibilitem ou dificultem o acesso às várias estruturas educativas, nomeadamente à grande diversidade de atividades e experiências que esta proporciona.

A história ao longo dos séculos, mostrou-nos que a lenta promoção social da pessoa “diferente” está estreitamente ligada a lutas sociais que levaram ao reconhecimento dos seus direitos, mantendo-se hoje em dia tão premente como sempre foi, a dignificação pela igualdade de oportunidades educacionais para todos independentemente da classe social, nível educacional, portadores de deficiência física, ou minorias raciais.

O desenvolvimento de uma cultura mais humanista, com a crescente valorização dos direitos humanos e conceitos de igualdade de oportunidades, determinou o desabrochar de uma nova mentalidade que abriu caminho à inclusão.

Esta filosofia de intervenção surge a partir da Declaração de Salamanca (1994) ao afirmar: “As crianças e jovens com necessidades educativas especiais, devem ter acesso às escolas regulares que a elas se devem adequar, através de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades. As escolas regulares, ao seguirem esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias criando, comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos. A Declaração de Salamanca refere ainda que “o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos alunos adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de

currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades” (p.11).

Nesta perspetiva caberá à escola educar todos com qualidade e sem discriminação, encarando a diferença não como sendo uma categoria em que se podem agrupar apenas alguns, mas um fator comum a todos. Assim sendo, esta poderá ser uma característica comum a todas as pessoas, que a têm em menor ou maior grau, o que implica que as escolas ultrapassem o “mito da homogeneidade”, como refere Perrenoud, citado por (Niza, Necessidades Especiais de Educação: da Exclusão à Inclusão na Escola, 1996), e reconheçam a diferença como uma característica enriquecedora da espécie humana, talvez a mais interessante e dinâmica. “Quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos: a sociedade inclusiva, onde a diferença será vista como um desafio, facilitadora para o desenvolvimento de novas aprendizagens e competências, pois quando as escolas incluem todos os alunos, a igualdade é respeitada e promovida como um valor na sociedade, com os resultados visíveis da paz social e da cooperação “ (Stainback & Stainback, 1999)

Pretendemos dar resposta ao grande desafio que se coloca à escola de encontrar formas de responder efetivamente às características de cada aluno e às necessidades educativas de uma população escolar cada vez mais heterogénea, de construir uma Escola Inclusiva, uma escola que aceite todos e a todos trate de forma diferenciada.

Capítulo 8. Características da Escola Inclusiva

Segundo (Mrech, 2001) as escolas deverão ter as seguintes características para que estas sejam consideradas escolas inclusivas:

- Direcionamento para a Comunidade- na escola inclusiva o processo educativo é entendido como um processo social, onde todas as crianças portadoras de necessidades educativas especiais e de distúrbios de aprendizagens têm direito à escolarização o mais próximo possível do “normal”. O objetivo a ser alcançado é a integração da criança portadora de deficiência na comunidade,

- Vanguarda- uma escola inclusiva é uma escola líder em relação às demais. Ela apresenta-se como a vanguarda do processo educacional. O seu objetivo maior é fazer com que a escola atue através de todos os seus escalões para possibilitar a integração das crianças que dela fazem parte,

- Altos padrões - há em relação às escolas inclusivas altas expectativas de desempenho por parte de todas as crianças envolvidas. O objetivo é fazer com que as crianças atinjam o seu potencial máximo. O processo deverá ser doseado às necessidades de cada criança,

- Colaboração e cooperação - dá-se privilégio às relações sociais entre todos os participantes da escola, tendo em vista a criação de uma rede de autoajuda,

- Mudando papéis e responsabilidades- a escola inclusiva muda os papéis tradicionais dos professores e da equipa técnica da escola. Os professores tornam-se mais próximos dos alunos, na captação das suas maiores dificuldades. O apoio aos professores da turma é essencial, para o progresso do processo de ensino-aprendizagem,

- Estabelecimento de uma infraestrutura de serviços- gradativamente a escola inclusiva irá criando uma rede de apoio para superação das suas maiores dificuldades. A escola inclusiva é uma escola integrada na sua comunidade,

- Parceria com os pais- os pais são parceiros essenciais no processo de inclusão da criança com NEE na escola,

- Ambientes educacionais flexíveis - os ambientes educacionais têm que visar o processo de ensino aprendizagem do aluno,

- Estratégias baseadas em equipas- as alterações na escola deverão ser introduzidas a partir das discussões com a equipa técnica, os alunos, pais e professores,

- Estabelecimento de novas formas de avaliação- os critérios de avaliação deverão ser reajustados para atender às necessidades dos alunos NEE,

- Continuidade no desenvolvimento profissional da equipa técnica - os participantes da escola inclusiva deverão procurar dar continuidade aos seus estudos, aprofundando-os.

Os autores (Armstrong & Rodrigues, 2014) identificam como ferramenta de ajuda à prática da inclusão o Índice para a Inclusão de Booth e Ainscow (Booth & Ainscow, 2002) que fornece materiais que apoiam as escolas num compromisso de exame crítico das suas políticas e práticas, e guia-as num processo de desenvolvimento no caminho da educação inclusiva. O Índice para a Inclusão não é um “modelo” ou uma “lista”, mas antes um convite às escolas para reconhecerem onde estão “agora” e para avançarem num processo de mudança positiva. O Índice para a Inclusão descreve os processos envolvidos da seguinte forma:

- Valorizar todos os alunos e funcionários da mesma forma.
- Incrementar a participação dos alunos nas culturas, curricula e comunidades das escolas locais, reduzindo a sua exclusão em relação a estas.
- Reestruturar as culturas, políticas e práticas nas escolas para que possam responder à diversidade de alunos na localidade.
- Reduzir as barreiras à aprendizagem e à participação de todos os alunos, não só dos que apresentam dificuldades, mas também dos que estão categorizados como tendo NEE.

- Aprender através de tentativas de ultrapassar barreiras ao acesso e participação de alunos particulares para promover mudanças para o benefício dos alunos em geral.
- Admitir a diferença entre os alunos como recursos de apoio à aprendizagem e não como problemas a serem resolvidos.
- Reconhecer o direito dos alunos à educação na sua localidade.
- Melhorar as escolas para os funcionários e para os alunos.
- Enfatizar o papel das escolas na construção da comunidade e desenvolvimento de valores, assim como no aumento de resultados.
- Fomentar relações mutuamente sustentáveis entre as escolas e as comunidades.
- Reconhecer que a inclusão na educação é um aspeto da inclusão na sociedade.

Ainda os mesmos autores (Armstrong & Rodrigues, 2014) relativamente a práticas inclusivas e valores referem que quando pensamos em contextos específicos como a elaboração de políticas e sua interpretação numa autoridade local ou escolar, existem questões chave que precisamos de colocar relacionadas com o desenvolvimento da educação inclusiva: - como e onde são estas políticas elaboradas em relação ao ensino e aprendizagem, por quem e com que resultados?, - inclusão é encarada como “um estranho que entra” ou como envolvendo uma transformação da escola e culturas institucionalizadas para que todos os que vêm sejam aceites da mesma forma?, - como podemos identificar e desafiar as estruturas e práticas culturais enraizadas que sustentam a exclusão, e promover a transformação nas relações sociais e culturais nas escolas?

Para (Armstrong & Rodrigues, 2014) uma escola para todos é uma escola inclusiva e de qualidade que visa a inclusão social, respeita a diferença e a dignidade das pessoas, contrariando as situações de exclusão, no que seguem as linhas balizadoras da Declaração de Salamanca. Ainda para os mesmos autores estas escolas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades, (in)capacidades e multiplicidade dos seus alunos, adequando metodologias, práticas e dinâmicas aos diferentes ritmos, estilos e processos de aprendizagem de cada aluno, garantindo uma educação de qualidade sem constrangimentos.

Desta forma, num esforço conjunto e concertado, que envolva a participação de toda a comunidade educativa, com recurso às várias estratégias de ensino, aos equipamentos disponibilizados, às mudanças organizacionais e às parcerias com as mais diversas entidades, poder-se-á contribuir para ajudar a ultrapassar alguns dos problemas sociais que a todos preocupam. Assim, será possível desenvolver as competências das crianças e criar novas situações de aprendizagem que lhes assegurem uma educação efetiva que privilegie também as relações sociais entre todos os participantes e onde não falte a seriedade, afetividade, rigor e competência.

Para (Armstrong & Rodrigues, 2014) a inclusão escolar do cidadão portador de deficiência é uma necessidade absoluta, não se devendo nem podendo compactuar com a ideia de que se ensina e as crianças aprendem e muito menos permanecer naquele modelo de “educação da deficiência”, mas sim passar a um modelo de “educação das potencialidades”, um modelo mais proativo. Este é o princípio básico da inclusão: a defesa da igualdade de oportunidades e da partilha, a educação para todos sem distinção de raça, cor, religião ou capacidade de aprendizagem.

Para uma verdadeira inclusão tem de se tornar o meio “o mais favorável possível”, ao contrário do anterior conceito defendido nos primórdios da integração em que as pessoas tinham de se adaptar ao meio.

Presentemente, segundo este princípio da inclusão, é a sociedade que tem de se preparar para lidar com as pessoas, com suas diferenças e semelhanças. O investimento na formação profissional dos professores é um fator importante para que estes saibam lidar com a diversidade, assim como a utilização dos meios de comunicação social para a divulgação de informações relativas às questões das deficiências e suas características, de modo a mudar as mentalidades. Não basta que uma escola se torne inclusiva, o meio que a envolve e que com ela interage diariamente tem de estar sensibilizado para estas práticas e revelar atitudes discriminatórias geradoras de exclusão.

O princípio da inclusão conduz ao desenvolvimento de culturas, políticas escolares e práticas pedagógicas que se comprometem com a diversidade humana e a diferença de estilos e ritmos de aprendizagem de cada grupo social representado nas comunidades escolares, onde todos são iguais, com os mesmos direitos, independentemente da condição física, social e económica.

A multiplicidade e as diferenças individuais dos alunos devem ser valorizadas como pontos de partida, fatores importantes para promover as aprendizagens no grupo-turma e combater a exclusão, pois educação inclusiva não se reporta unicamente às pessoas com deficiência, ela direciona-se a todas as crianças e jovens que diariamente lutam contra as mais diversas barreiras.

Capítulo 9. Papeis da Liderança na Promoção da Inclusão

Considerando o papel que um diretor (liderança de topo) deve ter num agrupamento, apresenta-se uma abordagem sobre liderança escolar que se cruza indubitavelmente com a transformação de uma escola no caminho para a inclusão.

Para (Leithwood & Day, 2008) esta evidência está organizada à volta de sete alegações no que diz respeito a liderança escolar de sucesso: a liderança escolar segue-se à instrução na sala de aula relativamente à influência na aprendizagem dos alunos. Líderes bem-sucedidos usam um repertório comum de práticas básicas de liderança, líderes melhoram o ensino e aprendizagem diretamente e de forma mais efetiva através da sua influência na motivação da equipa e nas condições de trabalho, liderança escolar tem maior influência nas escolas e nos alunos onde está mais largamente distribuída. Um pequeno número de traços pessoais explica uma grande parte da variação de eficácia da liderança.

Concomitantemente segundo (Bolívar, 2009), exercício de uma boa liderança escolar apresenta-se, como o segundo fator mais relevante na aprendizagem dos alunos, sendo o primeiro a qualidade e o trabalho dos professores. Assume-se, portanto, a necessidade de o líder escolar ir para lá das questões burocráticas/procedimentais. A este propósito (Bolívar, 2009), refere que “a criação de um ambiente, motivações e condições que favoreçam, por sua vez, um bom trabalho em cada aula é algo que depende da liderança do diretor”.

Neste sentido (Bento A. , 2008), considera que a liderança é mais emocional, inovadora, criativa, inspiradora, visionária, relacional - pessoal, original, criativa, assente em valores, enquanto a gestão é mais racional, fria, calculista, eficiente, procedimental, imitadora e reativa.

Em Portugal, o exercício do cargo do órgão executivo da escola tem estado mais próximo de uma ação de gestão (management) do que de um exercício de liderança (leadership). Numa estrutura centralizada como é o sistema educativo português os órgãos executivos (diretor) terão tendência para agir como gestores que cuidam do funcionamento do dia-a-dia da escola, absorvidos por tarefas burocráticas, mais do que serem líderes proativos. No entanto tem de haver um esforço para combinar as duas porque a gestão e a liderança são ambas importantes para a condução da escola e a necessidade de mais liderança não tem de minimizar a importância da ação de gestão.

Para (Bento A. , 2008), a liderança envolve processos únicos que são distintos dos processos básicos de gestão. No entanto, uma pessoa pode aplicar processos efetivos de gestão, processos de liderança, ambos ou nenhum deles.

Segundo (Bento A. , 2008), o Líder escolar deve possuir as seguintes qualidades: Visão: ter a visão para o futuro e saber comunicar essa visão aos outros e transformar a visão em realidade. Associada à visão (nível estratégico) está a Missão (nível tático/operacional) que guia a organização na prossecução da visão. Credibilidade: gerar nos seus colaboradores a perceção de confiança nas suas ideias e realizações. Visibilidade: ser presente e visível na comunicação da visão e na mobilização para a execução da missão.

Para atrair pessoas para sua visão, os líderes devem conhecer os seus seguidores e falar a linguagem deles. As pessoas devem acreditar que os líderes compreendem as suas necessidades e levam em conta

os seus interesses. A liderança é um diálogo, não um monólogo. Apenas mediante o conhecimento íntimo dos sonhos, das esperanças, das aspirações, das visões e dos valores dessas pessoas é que os líderes podem conseguir apoio. Estão dispostos a correr riscos, a inovar e a experimentar com o objetivo de encontrar novas e melhores maneiras de fazer as coisas (Kouzes & Posner, 2009).

Recentemente conclui-se que a liderança efetiva decorre da combinação de traços/qualidades pessoais com a situação específica. Como as situações mudam constantemente, os líderes têm de se adaptar para se manterem como agentes de mudança, ou seja, em controlo da situação. Podemos dizer que o líder escolar tem de se situar permanentemente num “espectro contínuo de liderança”, produto dos seus traços pessoais e do contexto em cada momento. Tal é especialmente relevante quando o líder (diretor) tem de promover a transformação e mudança de mentalidades, processos e práticas para uma escola mais inclusiva, com os inerentes desafios.

Para (Ferreira & Torres, 2012) os estilos de liderança escolar, enquanto vetores constitutivos da própria cultura da organização, adquirem sentido por referência ao contexto onde são quotidianamente exercidos e moldados. Na sua perspetiva a organização é um *locus* de cultura e de liderança, que apesar de centralmente reguladas, são construídas a partir da ação dos atores. Assim, toma como ponto de partida para a definição dos estilos de liderança a conceptualização de Quinn e Mcgrath (1985) sobre quatro modelos de cultura e respetivos valores (consensual, prospetiva, racional e hierárquica), que segundo os autores podem coexistir na organização, levando à existência de quatro estilos de liderança correspondentes. Dois estilos enquadram-se no pólo do controlo/centralização (liderança transacional) (cf. BASS, 1985, 1991) e outros dois no pólo flexibilidade/descentralização (liderança transformacional) (idem).

Para (Ferreira & Torres, 2012), o estilo de liderança em contexto escolar será tendencialmente uma combinação dos quatro estilos, que apesar de regulado exteriormente, é igualmente um processo que se constrói no seio da organização e, por outro lado, o estilo adotado será o resultado de diferentes variáveis socioculturais e organizacionais, que condicionam fortemente a ação do líder formal, levando-o a adotar um estilo “mestiço”, embora um deles possa estar mais marcadamente evidenciado.

Segundo (Thurler, 2001) a liderança escolar voltada para a transformação, que é a que releva neste trabalho, visa a melhoria das competências individuais e coletivas dentro do estabelecimento escolar, objetivando a modificação de novas práticas. O líder transformacional age essencialmente sobre a cultura existente, sobre as representações, emoções, atitudes e crenças dos diferentes atores e, por isso, sobre a realização dos seus objetivos individuais e coletivos.

Consequentemente, a liderança voltada para a transformação representa uma intervenção sobre a cultura organizacional na sua globalidade. Muitos autores descrevem os líderes da transformação como pessoas visionárias, envolvidas abertamente no processo da mudança, que conseguem levar a maior

parte dos seus pares para a construção de representações comuns e partilhadas, transformam a cultura organizacional pela coerência e congruência com que administram, o estabelecimento do projeto coletivo (Thurler, 2001).

Capítulo 10. Educação Especial

A Educação Especial é um conjunto de recursos específicos, metodologias de ensino, currículos adaptados, apoio de materiais ou de serviços de pessoal docente especializado, que pretende adequar as respostas educativas às necessidades dos alunos e promover o acesso e o sucesso dos alunos elegíveis para a Educação Especial.

A Educação Especial integra um conjunto de procedimentos cujo objetivo é o de promover o acesso e o sucesso educativo de alunos que apresentam limitações significativas na atividade e participação num ou vários domínios da vida, tais como: aprendizagem, comunicação, aplicação do conhecimento, tarefas e exigências gerais, autocuidados, mobilidade, interações e relacionamentos interpessoais e áreas principais da vida, da vida comunitária, social e cívica.

A Educação Especial tem como propósito a construção de uma dinâmica de trabalho colaborativo com toda a comunidade educativa, em que participam a Direção, os diretores de turma, os professores titulares de turma, os educadores de infância, os professores das várias disciplinas que compõem o conselho de turma, os pais/encarregados de educação, os assistentes operacionais, os terapeutas e todos os recursos disponíveis na comunidade.

As medidas previstas no decreto-lei 3/2008 (Ministério da Educação, 2008) visam criar condições para aprendizagem em ambiente de inclusão, para alunos com NEE, que caracteriza como alunos com alterações significativas nas funções e estruturas do corpo, na atividade e na participação decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente de causa “biológica ou congénita que exigem um tratamento significativo e serviços de reabilitação detetados precocemente”, tais como: alterações sensoriais (autismo, paralisia cerebral, cegueira, surdez, síndrome de Down, entre outros). Essas medidas visam permitir o acesso e o sucesso educativo dos alunos com NEE elevando o seu nível de participação e as taxas de conclusão do ensino secundário e de acesso ao ensino superior.

A Educação Especial (EE) abrange todos os alunos que: “apresentam limitações significativas ao nível das funções e estruturas do corpo, da atividade e participação, num ou vários domínios da vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social”, (CIF- Organização Mundial de Saúde, 2002), resultantes de: anomalias cromossómicas, perturbações neurológicas, malformações congénitas,

doença crónica grave, desenvolvimento atípico com alterações na comunicação e relação, défices sensoriais (baixa visão/cegueira ou surdez), perturbações graves da personalidade e emocionais e doenças metabólicas.

Podem ser objeto de avaliação especializada os alunos que apresentem um atraso significativo de desenvolvimento ou patologias de etiologia desconhecida, abrangendo uma ou várias áreas (motora, física, cognitiva, linguagem e comunicação, emocional, social e adaptativa), validada por avaliação fundamentada e realizada por um profissional capacitado e especializado na área.

Ao longo dos anos a área da educação, e em particular da EE, em Portugal tem sofrido rápidas e profundas alterações. O país tem assistido a uma preocupação, por parte dos sucessivos governos, em criar políticas tendentes a facultar a educação aos alunos com NEE nas escolas regulares. Na Tabela 1 encontra-se um resumo da evolução da legislação dedicada a esta área.

TABELA 1 - CRONOLOGIA DA LEGISLAÇÃO PUBLICADA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM PORTUGAL

ANO	LEGISLAÇÃO PUBLICADA
1913	Aurélio da Costa Ferreira cria o 1º Curso para professores – especialização no ensino de surdos.
1946	Decreto-Lei de 3 de agosto “Classes Especiais” - Escolarização de crianças anormais com inadaptações escolares e “Inabilidades Ligeiras”.
1957	- Criação da Liga Portuguesa de Deficientes Motores, com uma Escola de Reabilitação
1960	- Fundada a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral em Lisboa.
1962	- Criação da “Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Mongolóides”, que se viria a chamar-se “Associação Portuguesa de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais (APPCDM).
1964	- Instituto de Assistência a Menores da Direção Geral de Assistência Social – Cria Serviços responsáveis pela organização de meios educativos, para crianças e jovens de todo o país.
1971	- Criação da Associação Portuguesa para Proteção às Crianças Autistas.
1973	- Lei nº5 de 24 de julho Departamentos do Ensino Especial, no ministério da Educação.
1974	- Foram criadas as Cooperativas de Educação e Reabilitação para Crianças Inadaptadas – CERCI.
1975/76	- Implementação das Equipas de Ensino Especial.
1976	- Constituição da República (Artº 71,72 e 73), confere pleno direito e cumprimento dos deveres consignados para cidadãos física e mentalmente diminuídos. Consagração do direito ao ensino e à igualdade de oportunidades a todos os cidadãos sem qualquer distinção.

1979	<p>- Decreto-Lei nº 174 de 2 de maio, assegura as condições necessárias à integração de deficientes. Define o regime escolar das crianças deficientes físicas e mentais. Despacho nº 59 de 8 de agosto. Regula a integração progressiva dos deficientes físicos e intelectuais no sistema regular de ensino e a organização de classes.</p> <p>- Lei nº 66 de 4 de outubro, criação no Ministério da Educação de um Instituto de Educação Especial.</p> <p>-Decreto-Lei nº 538 de 31 de dezembro, declara o Ensino Básico Universal e Gratuito</p>
1984	<p>- Decreto-Lei nº 301 de 7 de setembro, obriga o ensino a todas as crianças em idade escolar, podendo ser cumprido no ensino particular e cooperativo.</p>
1989	<p>- Decreto-Lei 43/89 de 3 de fevereiro, define o regime jurídico da autonomia da escola, estabelecendo como competência da mesma, no âmbito da orientação e acompanhamento dos alunos, “Desenvolver mecanismos que permitam detetar a tempo dificuldades de base”, assim como “Organizar e gerir modalidades de apoio” (artº 11º - c) e d)). Esta autonomia da escola, abre o caminho para a sua responsabilização no atendimento às crianças, independentemente das suas capacidades e características.</p>
1991	<p>- Foram criados no âmbito do Ministério da Educação, os Serviços de Psicologia e Orientação de acordo com o disposto no artigo 26.º da Lei nº 46/86 de 14 outubro” (Decreto-Lei 190/91, de 17 de maio, artº 1º). A estes serviços são atribuídas funções ao nível da avaliação, do apoio psicopedagógico e planeamento educativo dos alunos com NEE.</p> <p>- Decreto-Lei 319/91, de 23 de agosto, determina a regulamentação legal e exclusiva para a Educação Especial, cujo conceito evoluiu paralelamente noutros países, satisfazendo uma grande lacuna que até então se fazia sentir. Este Decreto altera de sobremaneira o enquadramento legal da Educação Especial em Portugal.</p>
1993	<p>- Despacho 611/93 de 29 de junho- Estabelece as normas de ensino especial aplicáveis às crianças com necessidades educativas especiais que frequentam os jardins de infância da rede pública do Ministério da Educação, as quais se aplicam as medidas do regime da educação especial.</p>
1997	<p>- O Despacho Conjunto Nº 105/97, de 1 de julho, estabelece o regime aplicável à prestação de serviços de apoio educativo, de acordo com os princípios consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo” (artº 1º). Este Despacho Conjunto determina que os órgãos de gestão e coordenação pedagógica, os professores e os alunos da escola possam recorrer a todo um conjunto de apoios educativos que antes eram orientados apenas para o aluno com NEE e essencialmente centrados no professor do ensino especial. Estes serviços de apoio educativo “abrangem todo o sistema de educação e ensino não superior e desenvolvem.</p>
1998	<p>- Decreto-Lei 115 A/98 de 15 de maio, aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respetivos agrupamentos.</p>

1999	- Despacho conjunto nº 600/99, 22 de julho (regula a componente letiva dos docentes de educação especial).
2001	- Decreto-Lei 6/2001 de 18 de janeiro, define os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional, entendido como o conjunto de aprendizagens e competências, integrando os conhecimentos, as capacidades, as atitudes e os valores, a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo para este Nível de ensino.
2002/ 2003	- O Ministério da Educação deu a conhecer a toda a comunidade escolar a pretensão de revogar o Decreto-Lei 319/91, tendo enviado para as escolas e sindicatos a proposta de revisão do referido diploma. Assim, as alterações mais significativas ao Decreto-Lei 319/91 bem como as inovações introduzidas implicam reformas profundas nos papéis e nas práticas dos intervenientes (pais, professores, alunos e comunidade em geral).
2008	- Decreto-Lei 3/ 2008, de 7 de janeiro, promove a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino. Considera a inclusão como objetivo da educação especial.
2009	- Decreto-Lei n.º 281/2009, de 6 de outubro (O presente decreto-lei tem por objeto a criação de um Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI);
2012	- Despacho normativo nº 24-A/2012, de 6 de dezembro (regulamenta a avaliação e certificação dos conhecimentos e capacidades desenvolvidas pelos alunos aplicáveis às diversas ofertas curriculares do ensino básico e secundário); - Despacho normativo nº 5106-A/2012, (define no ponto 5.4, o máximo de 20 alunos por turma e dois alunos com NEE); - Portaria nº 275-A/2012, de 11 de setembro (matriz curricular para alunos com CEI no Ensino Secundário).
2017	Resolução da Assembleia da República n.º 77/2017. Recomenda ao Governo que promova uma verdadeira escola inclusiva, dando cumprimento à Recomendação n.º 1/2014, de 23 de junho, do Conselho Nacional de Educação e às recomendações do Grupo de Trabalho sobre Educação Especial, criado pelo Despacho n.º 706 -C/2014, de 15 de janeiro.

O Decreto-Lei n.º 3/2008,(Ministério da Educação, 2008), é a legislação atualmente em vigor. Tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. A referência principal é o desenvolvimento de uma escola inclusiva, consagrando princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades. Um sistema de educação inclusivo deve estruturar-se e desenvolver-se atendendo à diversidade de características das crianças e jovens, às diferentes necessidades ou problemas e, portanto, à diferenciação de medidas.

O Decreto-Lei n.º 3/2008 explanado no relatório “ Educação Especial – Manual de Apoio à Prática”, DGIC,(Educação, 2008) enquadra as respostas educativas para serem desenvolvidas no âmbito da adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios da vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente e das quais resultam dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social.

Refere ainda, que a EE tem por objetivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente.

Os artigos 4º e 30º do Decreto-Lei n.º 3/2008, estão relacionados com a diferenciação institucional da EE, ou seja, correspondem à organização escolar para a EE. O artigo 4º refere: “Para uma flexibilização da organização escolar visando o bom funcionamento da educação especial, devem as escolas ou agrupamentos de escolas contemplar nos seus projetos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, de carácter organizativo e de funcionamento, necessárias à resposta educativa aos alunos que se enquadram na educação especial. Estas adequações melhoram a qualidade da educação prestada, beneficiando, desta forma, todos os alunos. Nos projetos educativos da escola deverão estar registadas, entre outras, as ações e respostas específicas a implementar, as parcerias a estabelecer, as acessibilidades físicas a efetuar, assegurando assim a participação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente nas atividades de cada grupo ou turma e da comunidade educativa em geral.” O artigo 30º refere que “No âmbito da educação especial, a articulação com os serviços da comunidade assume a maior importância numa ótica de rentabilização de recursos. Neste sentido, as escolas ou agrupamentos de escolas devem estabelecer parcerias com instituições particulares de solidariedade social e centros de recursos especializados...” entre outras ações com vista ao desenvolvimento da EE e sua consolidação como prática e processo da escola.

PARTE II - METODOLOGIA DO ESTUDO

O presente estudo enquadra-se no paradigma qualitativo e quantitativo de investigação. A metodologia de investigação que é utilizada para a realização da investigação é o estudo de caso.

Capítulo 1. Estudo de Caso

O estudo de caso é uma metodologia de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Na verdade, um estudo de caso pode ser conduzido no quadro de paradigmas metodológicos bem distintos como o positivista, o interpretativo ou o crítico (Kilpatrick, 1988), citado por Ponte (Ponte, 2006). Tem como objetivo o estudo de uma entidade bem definida, limitado no tempo e inserido num determinado contexto, descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede diretamente, de uma forma profunda e global. O responsável pela investigação é o investigador, o mesmo não pretende alterar a situação, mas compreendê-la como ela é, e como acontece.

O tema abordado nesta investigação são “As dinâmicas da escola na promoção da inclusão”, e pretende-se caracterizar o estado da inclusão no Agrupamento de Escolas do Carregado (AEC).

O estudo de caso segundo Yin (Yin, 2008), centraliza-se na investigação de um fenómeno atual no seu próprio contexto, salientando que o estudo de caso se pode estudar num caso individualmente ou casos múltiplos, e os dados recolhidos podem ser apresentados de forma qualitativa, quantitativa ou de ambas as formas.

Coutinho e Chaves, (Coutinho & Chaves, 2002) e Yin (Yin, 2008) consideram que o estudo de caso pode ser conduzido por um dos três objetivos básicos: explorar, descrever e explicar. Considerando ainda como estratégia preferida quando se quer responder à questão de “como” e/ ou “porquê”.

Considerando os vários tipos de Estudo de caso; estudo de caso único, estudo de caso múltiplo, comparativo ou múltiplo, (Stake, 2012) considera três tipos de estudo de caso:

- O estudo instrumental, no qual o estudo funciona como instrumento para compreender outros fenómenos. Uma necessidade de compreensão global, onde o investigador pode alcançar um conhecimento mais profundo se estudar um caso em particular.

- O estudo intrínseco, no qual o investigador pretende uma melhor compreensão de um caso particular que contém em si mesmo o interesse da investigação. Como por exemplo, quando um professor estuda um aluno com dificuldades.

- O estudo coletivo no qual um caso instrumental se estende a vários casos, possibilita a comparação, e assim se obtém um conhecimento mais aprofundado da população-alvo de estudo.

O estudo realizado é misto ou eclético, considerando o recurso aos métodos qualitativos, mais concretamente o inquérito por entrevista, e métodos quantitativos, uma vez que simultaneamente também se optou pelo uso de um inquérito por questionário devidamente validado. Citando (Reichardt & Thomas, 1986) o investigador não é obrigado a optar pela utilização exclusiva e única de métodos quantitativos ou qualitativos e, no caso da investigação assim o exigir, poderá combinar o uso dos dois métodos.

TABELA 2—ATRIBUTOS DOS PARADIGMAS “QUALITATIVO” E “QUANTITATIVO”(REICHARDT & THOMAS, 1986)

Paradigma Qualitativo	Paradigma Quantitativo
Advoga o emprego dos métodos qualitativos.	Advoga o emprego dos métodos 0 quantitativos.
Fenomenologismo e verstehen (compreensão) “interessado em compreender a conduta humana a partir dos próprios pontos de vista daquela que atua”.	Positivismo lógico “procura as causas dos fenómenos sociais, prestando escassa atenção aos aspetos subjetivos dos indivíduos.
Observação naturalista e sem controlo.	Medição rigorosa e controlada.
Subjetivo.	Objetivo.
Próximo dos dados; “perspetiva a partir de dentro”.	À margem dos dados; perspetiva “a partir de fora”.
Fundamentado na realidade, orientado para a descoberta, exploratório, expansionista, descritivo e indutivo.	Não fundamentado na realidade orientado para a comprovação, confirmatório
Orientado para o processo.	Orientado para o resultado.
Válido: dados “reais”, “ricos” e “profundos”.	Fiável: dados “sólidos” e repetíveis.
Não generalizáveis: estudos de casos isolados.	Generalizável: estudos de caso múltiplo.
Holístico.	Particularista.
Assume uma realidade dinâmica.	Assume uma realidade estável.

Numa investigação quantitativa (Sousa & Baptista, 2011), as hipóteses, as variáveis e o projeto de investigação são sempre previamente definidos, baseando-se a validade dos resultados no controlo conceptual e técnico das variáveis em estudo. As mesmas autoras apresentam as vantagens e desvantagens da investigação quantitativa:

-Vantagens:

Análise e integração dos resultados de um conjunto mais ou menos alargado de investigações já realizadas sobre o tema.

-Desvantagens:

O investigador não conseguir controlar as variáveis independentes.

No que se refere à investigação qualitativa (Sousa & Baptista, 2011), classificam este tipo de investigação como indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses como nos estudos quantitativos.

As vantagens e desvantagens da investigação qualitativa citando (Sousa & Baptista, 2011):

- Vantagens:

Possibilidade de gerar boas hipóteses de investigação, devido ao facto de se utilizarem técnicas como: entrevistas detalhadas, observações minuciosas e análise de produtos escritos.

- Desvantagens:

Objetividade. Existem problemas de objetividade que podem resultar da pouca experiência, da falta de conhecimentos e da falta de sensibilidade do investigador.

O estudo desenvolvido baseia-se na investigação qualitativa e quantitativa, como já referido. Desta forma o estudo pode ser mais consistente, substancial e fundamentado. A triangulação de dados é a combinação dos métodos de investigação. Segundo (Denzin e Lincoln, 1984), citado por (Sousa & Baptista, 2011), existem diversos tipos de triangulação:

- A triangulação de dados - O uso de uma variedade de fontes num mesmo estudo;
- A triangulação de teorias - O uso de várias perspetivas para interpretar um conjunto de dados;
- A triangulação de investigadores – O uso de vários investigadores ou avaliadores;
- A triangulação metodológica - O uso de diferentes métodos para estudar um dado problema.

Considerando (Reichardt & Thomas, 1986) a utilização de vários tipos de investigação conduz a uma melhor compreensão dos fenómenos, assim como o uso de vários tipos de triangulação conduz a resultados mais seguros e sem distorções. Este tipo de investigação deve ter em consideração dois aspetos importantes: a validade e a fiabilidade. A validade refere-se à necessidade de garantir que os resultados constituam a veracidade estudada, enquanto a fiabilidade é referente à autenticidade e legitimidade dos resultados obtidos.

Capítulo 2. Método Quantitativo

Neste estudo são aplicados questionários, um método de investigação quantitativo. Para tal, colocam-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores. Deste modo, é importante ter em conta o que se quer e como se vai avaliar, devendo haver rigor na seleção do tipo de questionário a aplicar de forma a aumentar a credibilidade do mesmo.

Segundo (Sousa & Baptista, 2011) para a realização de questionários estão disponíveis três tipos de questionários: questionário aberto, questionário fechado e questionário misto.

Os questionários aplicados no estudo são questionários predominantemente fechados, no entanto apresentam algumas questões abertas. Desta forma podem ser classificados como mistos.

Para realizar parte do estudo utiliza-se um método de investigação quantitativo - inquérito por questionário. As autoras citadas (Sousa & Baptista, 2011) defendem que o questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações, baseando-se geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo.

Para tal, colocam-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores. As mesmas autoras consideram que a aplicação de um questionário permite recolher uma amostra dos conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos.

Deste modo, é importante ter em conta o que se quer e como se vai avaliar, devendo haver rigor na seleção do tipo de questionário a aplicar de forma a aumentar a credibilidade do mesmo.

A temática do estudo quantitativo por inquérito por questionário, leva-nos a efetuar diferentes leituras e pesquisas, de forma a conseguir definir os conceitos mais importantes quanto à elaboração e administração de inquéritos por questionário. Parece evidente que uma investigação quantitativa obriga a que o investigador elabore um plano de investigação estruturado, no qual deve mencionar os objetivos e os procedimentos de investigação, de forma pormenorizada. Para elaborar esse plano é necessário um trabalho prévio de revisão de literatura. É a partir daqui que se definem, as metas, os objetivos do trabalho, a formulação de hipóteses e a definição de variáveis. Podemos ainda acrescentar que os objetivos da investigação quantitativa consistem essencialmente em retirar conclusões, recorrendo ao tratamento estatístico dos dados recolhidos. Os métodos quantitativos estão baseados em instrumentos estruturados, fornecendo respostas que podem ser quantificáveis e expressas numericamente, facilitando o processo de interpretação e análise.

O questionário deverá passar por uma fase de pré-teste que segundo (Sousa & Baptista, 2011) deve incluir duas fases: a verificação das perguntas individuais e a verificação do questionário como um todo no que diz respeito às condições de aplicação.

Citando (Bell, 1997), tal como todos os instrumentos de recolha de informação, os questionários devem ser testados, deve-se proceder a um exercício piloto para descobrir se existem problemas, dificuldades em responder ou se o estilo e formato das questões não levantam problemas na altura de analisar os dados reais.

Em síntese, a construção deste elemento de recolha de dados é fundamental, pois determina toda a pesquisa de campo, contribuindo para a recolha de dados que devem ser fiáveis para tornar a investigação num processo válido e reconhecido pela comunidade científica. (Sousa & Baptista, 2011).

Capítulo 3. Método Qualitativo

A aplicação da metodologia mista utiliza os métodos de recolha: entrevista semi estruturada, inquéritos por questionário e análise documental de legislação aplicável, Projeto Educativo (PE), Regulamento Interno, (RI), Projeto de Desenvolvimento Curricular do Agrupamento (PDC), Plano Anual de Atividades (PAA) e Relatório do Observatório da Qualidade (ROQ). Os instrumentos de recolha de dados são os guiões realizados para as entrevistas, as grelhas para o registo da análise documental e os questionários.

Uma investigação quantitativa obriga a que o investigador elabore um plano de investigação estruturado, no qual deve mencionar os objetivos e os procedimentos de investigação, de forma pormenorizada. Para elaborar esse plano é necessário um trabalho prévio de revisão de literatura. É a partir daqui que se definem, as metas, os objetivos do trabalho, a formulação de hipóteses e a definição de variáveis. Pode-se ainda acrescentar que os objetivos da investigação quantitativa consistem essencialmente em retirar conclusões, recorrendo ao tratamento estatístico dos dados recolhidos. Os métodos quantitativos estão baseados em instrumentos estruturados, fornecendo respostas que podem ser quantificáveis e expressas numericamente, facilitando o processo de interpretação e análise.

Como metodologia de recolha e análise de dados, será aplicado o método da entrevista. A entrevista é um o método de recolha de dados em investigação qualitativa, especialmente quando o objetivo da investigação é obter respostas a questões que exigem a descrição e compreensão de determinados aspetos do tema em investigação. A entrevista é uma técnica de recolha de informação que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas cuidadosamente selecionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informação (Ketele, 1999:18), citado por (Sousa & Baptista, 2011).

Previamente, a entrevista carece de um propósito bem definido (tema, objetivos e dimensões) e é essencial ter uma imagem do entrevistado. Citando (Sousa & Baptista, 2011) este método de investigação tem as seguintes vantagens:

- Permite a recolha de informação muito rica, que por vezes, não está em documentos;
- Bom grau de profundidade. A entrevista permite recolher os testemunhos e interpretações dos entrevistados, respeitando os seus quadros de referência, a linguagem e as categorias mentais;
- Permite definir dimensões relevantes de atitude e avalia-as melhor;
- Permite explorar muita informação;
- É flexível, no sentido em que permite verificar se ambos os intervenientes compreendem o significado das palavras e o sabem explicar.

Por outro lado, apresenta como desvantagens:

- Possibilidade de respostas falsas, quer conscientes quer inconscientes;
- Depende sempre da capacidade ou incapacidade que as pessoas têm para verbalizar as suas próprias ideias;
- Consome muito tempo e é um método difícil de trabalhar;
- A análise de conteúdo é complicada e difícil;
- Noções pré-concebidas influenciam o resultado das entrevistas;
- As opiniões do investigador podem influenciar o entrevistado.

Neste método, a preparação é uma das etapas mais importantes, que exige, por esse motivo, tomar em atenção cuidada alguns aspetos. Entre estes, destacam-se o planeamento (que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado); a escolha do entrevistado (deve ser alguém familiarizado com o tema pesquisado); a sua disponibilidade em conceder a entrevista (entrevista deve ser marcada com antecedência); as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado a confidencialidade das respostas e da sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o guião com as questões importantes; a escolha do entrevistado, que deverá ter um grau de familiaridade com o investigador - uma garantia de que estará mais à vontade para colaborar nas respostas (Lakatos, 1996) citado por (Boni & Quaresma, 2005). A entrevista tem um papel importante na metodologia do estudo de caso, tendo em conta que é um meio que o investigador utiliza para perceber como os intervenientes no estudo interpretam os seus papéis, assim como as suas opiniões sobre os assuntos “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”(Bogdan & Biklen, 1994).

Capítulo 4. Estudo de Caso: metodologia de aplicação ao AEC

O Estudo de Caso foi aplicado no Agrupamento de Escolas do Carregado (AEC). Como já referido utilizou-se uma metodologia qualitativa – entrevista - em paralelo com técnicas da metodologia quantitativa - questionário.

Para a realização da investigação por recurso à entrevista, as pessoas entrevistadas foram o Diretor do Agrupamento, a Coordenadora da Educação Especial e a Psicóloga do Serviço de Psicologia e Orientação, todos do Agrupamento de Escolas do Carregado. Todos os entrevistados foram contactados antecipadamente e foi-lhes explicado o propósito das entrevistas, bem como os procedimentos a seguir. Obtida a concordância dos entrevistados, foram agendadas as datas da realização das entrevistas, tendo sido acordados os seguintes procedimentos:

- Garantia de anonimato da fonte de informação,
- Autorização e gravação da entrevista,
- Transcrição da entrevista para suporte informático e devolução do texto para leitura, por parte do entrevistado.

Na elaboração das questões, a fase do processo de investigação que mais determina o grau de cumprimento dos objetivos a que se propõe o investigador, é particularmente relevante a forma como são formuladas as perguntas, que devem contemplar um equilíbrio entre a sequência do pensamento do entrevistado e o fio condutor dos objetivos do investigador (Bourdieu, 1999), citado por (Boni & Quaresma, 2005).

O tipo de entrevista escolhido, foi a entrevista semi estruturada. Já tem um guião, com um conjunto de tópicos ou perguntas a abordar na entrevista. Mas sendo composta por questões abertas dá a possibilidade ao entrevistado de exprimir e justificar livremente a sua opinião (Sousa & Baptista, 2011), embora não deixe fugir muito do tema.

As entrevistas foram conduzidas por um guião, instrumento para a recolha de informação na forma de texto que serve de base à realização da mesma (Sousa & Baptista, 2011). Os guiões foram previamente estruturados de acordo com os objetivos traçados para as entrevistas. Os mesmos foram constituídos por um conjunto ordenado de questões abertas.

Para a realização da investigação por recurso ao questionário, foram desenvolvidos questionários para aplicar a docentes, encarregados de educação de alunos com NEE e a alunos em que nas suas turmas tenham colegas com NEE dos 2º e 3º ciclos. Os alunos dos restantes ciclos não foram contemplados porque o seu nível de escolaridade e maturidade, leva a que exista dificuldade significativa de compreensão dos conteúdos abordados, de forma alinhada com a estrutura idealizada de abordagem desta dissertação. Os inquéritos pretendem identificar quais os recursos de que o

agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão aos alunos com Necessidades Educativas Especiais; caracterizar as atividades e iniciativas tomadas pelo agrupamento para dar resposta em termos de inclusão aos alunos NEE; levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEE e identificar dificuldades e limitações do agrupamento de escolas no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE.

Dando por concluída a apresentação metodológica do estudo no que concerne às técnicas de investigação, validação e fiabilidade do estudo, o próximo capítulo aborda e desenvolve o estudo relativamente à apresentação e análise dos resultados obtidos.

Capítulo 5. Caracterização do meio onde o AEC está inserido

Capítulo 5.1. Caracterização histórica

A ocupação humana na freguesia do Carregado remonta à pré-história, nomeadamente nas épocas do Paleolítico e Neolítico. Centro de comunicações por excelência, o Carregado assumiu durante séculos, um papel histórico-geográfico, como estação ferroviária e centro viário de ligação com o Norte do País.

Desde a Idade Média, o Carregado coloca-se como ponto estratégico de passagem obrigatória por parte das galeras e dos almocreves, entre a Vala do Carregado e o Alto.

A produção agrícola e artesanal do Concelho de Alenquer era escoada especialmente para Lisboa. Entre 1758 e 1855 passavam na localidade as carreiras diárias da mala-posta entre Lisboa, Caldas da Rainha e Coimbra.

Com a inauguração da máquina a vapor deu-se a substituição das faluas do Tejo, e, gradualmente, os serviços regulares das carreiras da mala-posta. O Carregado tornou-se assim numa povoação importante pela sua situação no cruzamento da estrada de Lisboa, Santarém, Cercal e Caldas da Rainha, bem como pela inauguração do primeiro troço da linha férrea Lisboa/Carregado, a 28 de outubro de 1856.

Mais recentemente uma nova rodovia passou a atravessar o termo da freguesia: a autoestrada A1, o principal eixo rodoviário do País. Presentemente encontra-se em funcionamento outra rodovia, a A10, que se destina a fazer a ligação ao sul do País, ficando com uma das maiores rotundas de autoestradas da Europa, abaixo exposta. Portanto, o Carregado continua, atualmente, a sua tradição de nó central das linhas viárias que cruzam o País.



FIGURA 2–NÓ DO CARREGADO ENTRE AS AUTO-ESTRADAS, A1 E A10, JUNTO DA ESCOLA SEDE DO AEC.

O Carregado é uma zona comercial e industrial, mercê da sua privilegiada localização. As vinhas, os campos de trigo e os olivais, cederam o seu lugar a novas construções. As indústrias

implantaram-se na área, as populações modificaram o seu modo de vida, o Carregado iniciou o seu crescimento e com ele chegaram também populações cada vez mais heterogéneas e multiculturais.

Neste contexto, a escola assume cada vez mais um papel fulcral no desenvolvimento educativo, cultural, social e económico do meio em que se insere. Assim sendo, torna-se pertinente uma breve caracterização dessa mesma comunidade, neste caso a União das Freguesias de Carregado e Cadafais.



FIGURA 3–MAPA DO CONCELHO DE ALENQUER.

Capítulo 5.2. Caracterização administrativa

O Carregado pertence administrativamente ao concelho de Alenquer e ao distrito de Lisboa e foi elevado a Vila em 1987.

A vila do Carregado está limitada a norte pelo concelho do Cadaval (com o qual partilha a serra de Montejunto), a leste o concelho de Azambuja, a oeste o concelho de Torres Vedras e a sul os territórios municipais de Sobral de Monte Agraço, Arruda dos Vinhos e Vila Franca de Xira.

É neste contexto que está inserido o Agrupamento, na União de Freguesias do Carregado e Cadafais, que se estende por uma superfície com cerca de 25 km² e que fica situada a sudoeste do concelho de Alenquer, contando com uma população de 13 441 habitantes, dos quais 9 026 são eleitores (segundo informações da Junta de Freguesia – janeiro de 2014), o que se torna elucidativo do número elevado de população em idade escolar. A Freguesia revela características urbanas, devido ao seu desenvolvimento industrial habitacional e populacional.

Os lugares que integram esta freguesia são: Carregado, Casal Pinheiro, Obras Novas, Casal do Prego, Carambanha de Cima, Torre, Meirinha, Ferraguda, Guizanderia, Vale Flores, Carambanha de Baixo, Cadafais, Refugidos, Casais da Marmeleira, Preces e Carnota de Baixo. Todas estas zonas sofreram nos últimos anos um grande incremento a nível habitacional e consequentemente

populacional, fator que veio contribuir para a sobrelotação de que padece a escola sede do Agrupamento.

Capítulo 5.3. Caracterização socioeconómica e da população escolar

A par da diversidade e da dispersão física do território educativo do Agrupamento de Escolas do Carregado, destacam-se igualmente variações significativas no que respeita à ocupação humana do espaço no contexto do território educativo.

As atividades económicas mais importantes e influentes na freguesia são muito diversificadas. Com muito menos impacto, as atividades agrícolas foram outras das atividades económicas a desenvolver a sua influência. A indústria vem adquirindo uma maior importância, nomeadamente a indústria metalo-mecânica, reparação de automóveis, carpintaria, construção civil, cerâmica, restauração, produtos congelados, elétrica (produção de eletricidade por central termoelétrica), panificação, etc. Os serviços, ocupam também, uma parte significativa da mão-de-obra local, tanto no comércio, como na logística. Esta última atividade encontra-se bastante vincada e o comércio encontra a sua maior expansão no ramo da restauração e produtos de primeira necessidade, alimentação e vestuário.

Segundo o relatório do observatório de qualidade de 2013/2015, instrumento de avaliação interna, a nacionalidade da população escolar é muito heterogénea salientando-se que cerca de 20% dos alunos que frequentam o Agrupamento são estrangeiros e encontram-se distribuídos entre o ensino pré-escolar e os três ciclos do ensino básico. Estes alunos são oriundos de países muito diferentes, dos quais a comunidade educativa mais significativa é a brasileira (61%) seguida da cabo-verdiana (13%), ucraniana (11%), guineense (7%) angolana (5%), e outras (3%).

O território educativo do Agrupamento de Escolas do Carregado tem vindo a acentuar o forte caráter de zona residencial para pessoas de baixos rendimentos que se revela na baixa escolaridade dos encarregados de educação.



FIGURA 4—FACHADA PRINCIPAL DA ESCOLA SEDE.

Capítulo 5.4. Identidade do Agrupamento de Escolas do Carregado

A escola sede do AEC, a Escola Básica Integrada do Carregado - EBI, está localizada na região norte do distrito de Lisboa, numa área de transição entre o meio urbano e o meio rural. Do Agrupamento de Escolas do Carregado fazem parte a EBI, integrando os três ciclos de escolaridade, o Centro Escolar do Carregado -CEC-(Escola Básica nº1 do Carregado) que agrupa o 1º ciclo e o Jardim de Infância, a EB1 de Cadafais e o Jardim de Infância de Cadafais.

A Escola Básica Integrada do Carregado foi inaugurada no ano letivo de 1994/95, no âmbito da experiência das escolas básicas integradas, pioneira no sistema educativo português no início dos anos 90. No seu primeiro ano, esteve tutelada por uma instituição de ensino superior e aderiu ao Programa “Educação Para Todos, PEPT 2000”.

Em 1998, o Agrupamento Vertical do Carregado candidata-se ao Projeto de Gestão Flexível de Currículos e as bibliotecas da EBI do Carregado e da EB1 do Carregado candidataram-se à integração do programa da Rede Bibliotecas Escolares, recebendo verba para aquisição de mobiliário, equipamento e fundo documental. Numa atitude de escola inclusiva, adere ao Projeto de Currículos Alternativos no ano letivo de 2000/2001 para o 2º Ciclo e no ano letivo seguinte para o 3º Ciclo. A partir do ano letivo de 2002/2003, o Agrupamento passou a oferecer duas vias profissionalizantes de Cursos de Educação e Formação (tipo 2) de Cozinheiro e de Operador de Informática e em 2008/2009 foi criada uma terceira de Jardinagem e Espaços Verdes. No ano letivo 2008/2009, foi aprovado um projeto de Percorso Curricular Alternativo para o 6º ano de escolaridade. Em 2010/2011 a Jardinagem e Espaços Verdes deu lugar à oferta no âmbito da Logística e Armazenagem, para em 2012/2013 o curso de Operador de Informática ser substituído pelo de Instalação e Reparação de computadores, mantendo-se as restantes ofertas.

Podemos constatar que, a escola sede EBI e posteriormente o Agrupamento conseguiu dar espaço a situações curriculares diversificadas e inovadoras, criando estas um balão de ensaio de diversas experiências pedagógicas, no panorama educativo português. É prioridade do Projeto Educativo do Agrupamento que a sua identidade se centre “nos princípios da inclusão e da cidadania ativa e consciente”, que emerge como uma resposta aos “interesses e motivações da população alvo, tão heterogénea e multicultural”.

PARTE III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte procede-se à análise e discussão dos resultados obtidos pela aplicação das entrevistas e questionários.

Capítulo 1. Entrevistas

O estudo que realizado, tendo por base o estudo empírico, foi unicamente desenvolvido no AEC. A seleção deveu-se; por um lado por ser docente do quadro deste agrupamento desde 2006, a exercer cargos de liderança intermédia em que participo diretamente, quer em decisões, quer em diversas atividades. Por outro lado, impulsionada pela professora Lídia Grave que quando lhe descrevi o agrupamento na unidade curricular de Problemas Educativos Contemporâneos, alertou-me que esta realidade deveria ser estudada.

Realizaram-se os guiões das entrevistas e os questionários. Posteriormente feito o pedido de autorização ao diretor do Agrupamento para desenvolver o estudo. Em seguida, foi feito o pedido para monitorização de inquéritos em meio escolar ao Ministério da Educação. Finalizando o processo elaborou-se em documento de pedido de autorização aos encarregados de educação para os alunos responderem aos questionários, o mesmo foi enviado na caderneta do aluno. No inquérito aplicado aos Encarregados de Educação foi explicada a intenção do estudo e todos revelaram interesse em participar no mesmo.

Realizada a recolha de informação, realizado o tratamento da mesma que seguiu, citando (Bardin,2014: 121), uma técnica que passa por uma fase que é composta por três missões: a escolha dos documentos para serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e por fim a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

De acordo com Belson, citado por (Ferreira & Hermano, 2015), a análise do conteúdo é uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação. No entanto, Ferreira e Hermano (Ferreira & Hermano, 2015), expõe Grawitz, por que podemos utilizar mais que um tipo de análise de conteúdo: análise de exploração e análise de verificação; análise quantitativa e análise qualitativa e análise direta a indireta.

Dando prosseguimento às etapas de análise de conteúdo, podem aparecer dúvidas ou questões relacionadas com a validade e a fidelidade da análise de conteúdo. De acordo com (Ferreira & Hermano, 2015), a validade diz respeito àquilo que o investigador pretendia medir. Uma análise de conteúdo será válida, quando a descrição que se fornece sobre o conteúdo tem significado para o problema em causa e reproduz fielmente a realidade dos factos. No que se refere à fidelidade, **diz**

respeito ao problema de garantir que diferentes codificadores cheguem a resultados idênticos. Concluindo, é necessário que todas as etapas que integram o processo de análise sejam corretamente executadas.

O método de investigação – entrevista – foi realizado à Coordenadora da Educação Especial ao Diretor do Agrupamento, e à Psicóloga que acompanha o 2º e 3º ciclos. Os guiões das entrevistas foram estruturados em oito blocos delineados de acordo com os objetivos que se pretendiam atingir.

Capítulo 1.1. Análise à Entrevista à Coordenadora da Educação Especial

Em apêndice A encontra-se o guião e a transcrição da entrevista realizada à Coordenadora da Educação Especial.

De acordo com o RI do AEC o coordenador da Equipa de Educação Especial é designado pelo Diretor de entre os professores profissionalizados do grupo de recrutamento da Educação Especial posicionados no terceiro escalão, ou superior, detentores, preferencialmente de formação especializada em supervisão pedagógica.

O cargo de coordenadora visa acompanhar e supervisionar a equipa da Educação Especial. Este cargo é primordial para a articulação entre os docentes da Educação Especial, entre estes docentes da EE e os docentes das turmas de alunos com NEE. É também fundamental que a Coordenadora realize o seu trabalho desenvolvendo uma comunicação assertiva e direcionada a todos os elementos da comunidade educativa.

Nesta entrevista procura-se conhecer o percurso profissional da coordenadora, compreender o papel da Coordenadora da Educação Especial no agrupamento, conhecer a população alvo com necessidades educativas especiais, conhecer os meios ao dispor da equipa da Educação Especial e enumerar os recursos que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto e necessidades do agrupamento.

- **Legitimação e motivação do entrevistado – Bloco A**

A entrevista foi realizada no dia 17 novembro de 2017, na escola sede do Agrupamento de Escolas do Carregado, na sala da Educação Especial, onde foi garantida a total confidencialidade, e onde estavam reunidas todas as condições para que a entrevista decorresse em tranquilamente.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco B**

No que concerne ao bloco B, tinha como objetivo conhecer o percurso profissional da Coordenadora da Educação Especial do Agrupamento, o qual foi dado a conhecer de uma forma muito

direta e clara. Respondendo sobre a sua formação inicial e restante formação, assim como sobre o seu tempo de serviço, o tempo que trabalha com alunos NEE e os anos que está a trabalhar neste agrupamento.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco C**

No que diz respeito ao bloco C, tinha como objetivo compreender o papel da Coordenadora da Educação Especial no agrupamento. A coordenadora elencou todas as suas funções específicas e outras. Realçou a importância da realização dos horários dos docentes da EE, a distribuição da carga horária para estes alunos, assim como a realização do PAA do grupo da EE. Referiu com quem se tem de relacionar para desenvolver o seu trabalho. Também descreveu claramente como era um dia de trabalho no seu agrupamento.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco D**

O objetivo deste bloco era saber o número de alunos com necessidades educativas especiais que frequentam o agrupamento e conhecer as suas necessidades educativas. Referiu que frequenta o agrupamento um elevado número de alunos (122 num universo de 1413 – 8,6%) com diversas necessidades educativas especiais, limitações significativas, ao nível da atividade e da participação, decorrentes de alterações funcionais ou estruturais de carácter permanente que têm um CEI. Elencou algumas patologias dos alunos: Encefalopatia Epilética neonatal, Paralisia Cerebral, Síndrome de Leigh por mutação DNA mitocondrial, Síndrome de Asperger, Transtorno do Espectro autista, Trissomia 21, Surdez de condução bilateral, Hidrocefalia pós-hemorragica, Perturbação da Coordenação Motora, Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, hiperatividade, Síndrome de contrários, défices de atenção/concentração.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco E**

No que se refere a este bloco o seu objetivo era conhecer os meios ao dispor da equipa da Educação Especial. Tendo a coordenadora respondido que após muito esforço conseguiu que o agrupamento conte com 7 docentes especializados na Educação Especial desde setembro de 2018, um psicólogo a tempo inteiro para os alunos dos 2º e 3º ciclos e outro afeto ao primeiro ciclo, cedido pela Câmara Municipal de Alenquer. Conta também com seis docentes de várias áreas que desenvolvem o projeto MCP e 2 auxiliares afetas ao pré-escolar que estão com os alunos CEI do pré-escolar.

Em relação aos meios que o agrupamento dispõe, responde com pesar que não são os suficientes. Mas afirma conseguirem “milagres” com o que dispõem; duas salas de ensino especial,

uma no centro escolar, outra na escola sede. Ambas estão pouco apetrechadas, afirma que gostaria de ter mais materiais para trabalhar com estes alunos, e que tem feito de tudo para o conseguir, fora do âmbito do Ministério da Educação.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco F**

O objetivo deste bloco era enumerar os recursos de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto e necessidades do agrupamento. A coordenadora respondeu que gostaria de ter ao serviço do agrupamento docentes do grupo 910 (Educação Especial) afetos ao Quadro de Escola e/ ou que permaneçam mais que um ano para darem continuidade às dinâmicas de inclusão, mais duas horas semanais disponíveis para atividades de coordenação, mais duas salas na escola sede, e uma sala no Jardim-de-Infância, materiais específicos na área da educação especial, uma assistente social, mais formação na área da EE para os docentes de outros grupos disciplinares. Refere ainda que gostava de ter na sala de trabalho da educação especial um espaço de cozinha para a realização de atividades da vida diária.

Mostrou a importância de estabelecer mais parcerias com empresas da zona da do agrupamento, tendo em conta a preparação destes alunos para o processo de transição para a vida pós-escolar. Referenciou também a importância das parcerias, especificando mesmo estágios em empresas da zona, que estão comprometidos por falta de docentes que façam a supervisão dos alunos que estão em estágio.

Ainda neste bloco, foi abordada a possibilidade de obtenção de sucesso pleno na inclusão de alunos NEE. Foi respondido afirmativamente considerando que a inclusão constrói-se com mudança física da escola e das mentalidades. Considerou ainda que o agrupamento vai no caminho certo para um dia chegar à plena inclusão. Receando, no entanto, que a tutela com as atuais medidas/cortes faça retroceder nas conquistas já conseguidas.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco G**

O bloco G do guião da entrevista contemplava proporcionar um momento de expressão livre para a entrevistada mencionar algum assunto que não tivesse sido abordado. A mesma defendeu que na formação inicial dos professores deveria fazer parte um seminário sobre Educação Especial (EE) como forma de dar a conhecer e sensibilizar para estas temáticas. Defendeu esta formação inicial, baseando-se no facto de que o professor de EE não está a tempo inteiro em todas as salas de aula, e os docentes não especializados em EE, que lidam com estes alunos diariamente, não têm formação de

base nesta área. Arguiu que por muito que se trabalhe em articulação seria importante o conhecimento nesta área.

No que se refere à Coordenadora da Educação Especial, a sua formação inicial é em Educação Pré-Escolar. Realizou licenciatura em Educação Especial e mais tarde um mestrado nesta área. Tem vinte e seis anos de serviço e trabalha há dezoito anos com alunos de NEE. Exerce funções no agrupamento desde 2006, assumindo, desde esse ano, o cargo de representante do grupo 910 (EE), e desde 2012 assume o cargo de Coordenadora da Educação Especial.

- **Síntese da entrevista à Coordenadora da Educação Especial**

Como síntese global da entrevista realizada à coordenadora da Educação Especial verifica-se que:

- A entrevistada tem um perfil profissional adequado ao assunto abordado e mostrou-se muito motivada e tranquila para responder de forma aberta à entrevista,

- A entrevistada demonstrou o quão intenso é o seu dia-a-dia e a variedade de solicitações e responsabilidades a que tem de responder, na área de EE e inclusão,

- O agrupamento tem 122 alunos NEE num universo de 1413 (cerca de 9%) o que está ligeiramente acima da média nacional que era de 7% em 2016 (Ministério de Educação, 2017) e (Fundação Francisco Manuel do Santos, 2018).

- Para além do elevado número de alunos NEE, o espectro de necessidades educativas especiais é bastante alargado,

- Face às necessidades do agrupamento, os meios materiais e humanos, são insuficientes, sendo que a entrevistada tem procurado obter mais meios por recurso a processos alternativos aos da tutela,

- Para dotar o agrupamento dos meios humanos, materiais necessários e adequados seriam necessários mais docentes do grupo 910 afetos ao Quadro de Escola que permaneçam no agrupamento e /ou os docentes contratados que fiquem no agrupamento em situação bianual, duas horas semanais para atividades de coordenação, três salas no agrupamento, materiais específicos na área da educação especial, uma assistente social, formação na área da EE para os docentes de outros grupos disciplinares. Seria ainda necessário ter na sala de trabalho da educação especial um espaço de cozinha para a realização de atividades da vida diária.

- O estabelecimento de parcerias com empresas da zona da do agrupamento, tendo em conta a preparação destes alunos para o processo de transição para a vida pós-escolar, seria importante como processo de melhoramento da inclusão na sociedade. Na prática tais parcerias são de difícil realização por falta de docentes que façam a supervisão dos alunos em estágio.

- Considera-se ser possível obter sucesso pleno na inclusão dos alunos NEE, desde que ocorra a adaptação/mudança física da escola e das mentalidades na comunidade escolar e na sociedade.

- O agrupamento analisado evidencia ter vindo a percorrer um caminho no sentido de um dia chegar à plena inclusão, receando, no entanto, que a tutela com as atuais medidas/cortes faça retroceder nas conquistas já conseguidas.

Capítulo 1.2. Análise à Entrevista ao Diretor do Agrupamento

Em apêndice B encontra-se o guião e a transcrição da entrevista realizada ao Diretor do Agrupamento.

Após consulta de legislação e do Regulamento Interno do Agrupamento, considera-se que “O Diretor é o órgão de administração e gestão do Agrupamento nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. (Artigo 18º do Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de abril, com as alterações resultantes do Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de julho).”. Destacam-se ainda as competências previstas no Artigo 20º do Decreto-Lei n.º 75/2008 (Ministério da Educação, 2008), com as alterações resultantes do Decreto-Lei n.º 137 (Ministério da Educação, 2012). Além das competências indicadas na legislação) compete ao Diretor:

- Desenvolver todas as diligências necessárias para a constituição dos diferentes órgãos de administração e gestão da escola.

- Planificar/ Calendarizar o ano letivo nomeadamente no que se refere ao Conselho Pedagógico, Direção, Diretores de Turma, Conselho Administrativo e ouvidos os respetivos órgãos.

- Desencadear a aquisição de material requisitado, tendo em conta a legislação vigente e a relação preço/qualidade.

- Manter atualizada a informação dentro do Agrupamento.

Nesta entrevista procura-se compreender o papel do diretor para supervisionar e garantir a existência de práticas de inclusão, conhecer a gestão dos meios ao dispor da equipa da Educação Especial, conhecer a perspetiva do Diretor sobre os recursos (normativos, humanos e materiais) de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto do agrupamento.

• Legitimação e motivação do entrevistado – Bloco A

A entrevista que apresento foi realizada no dia 11 de janeiro de 2018, na escola sede do Agrupamento de Escolas do Carregado, na sala do diretor, onde foi garantida a total confidencialidade, e onde estavam reunidas todas as condições para que a entrevista decorresse tranquilamente.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco B**

No que concerne ao bloco B, tinha como objetivo conhecer o percurso profissional do Diretor do Agrupamento de Escolas do Carregado, o qual foi dado a conhecer de uma forma muito direta e clara. Respondendo sobre a sua formação inicial, assim como sobre o seu tempo de serviço, os anos que está a trabalhar neste agrupamento e os anos que desempenha o cargo de diretor.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco C**

No que diz respeito ao bloco C, tinha como objetivo compreender o papel do diretor para supervisionar e garantir a existência de prática de inclusão no agrupamento. O diretor referiu que devem ser cumpridos todos os normativos e demonstrou que é conhecedor da realidade do agrupamento que dirige.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco D**

O objetivo deste bloco era conhecer a gestão da população alvo com NEE. saber o número de alunos com necessidades educativas especiais que frequentam o agrupamento e conhecer as suas necessidades educativas. Deu a conhecer que frequentam o agrupamento 122 alunos num universo de 1413 alunos, sendo cerca de nove por cento (9%), considerando que o agrupamento tem uma percentagem elevada de alunos NEE, com alguma tendência para subida.

Referiu que o agrupamento procura responder às necessidades destes alunos, tendo havido uma aposta há dois ou três anos para cá na qualidade do apoio, procurando ter o cuidado de selecionar o mais eficazmente possível os alunos que necessitam mesmo de apoio direto dando mais horas para esse acompanhamento e procurando que outras situações mais ligeiras possam ter um apoio indireto com a colaboração dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco E**

No que se refere a este bloco, o seu objetivo era conhecer a gestão dos meios ao dispor da equipa da Educação Especial. O diretor é conhecedor dos meios que o agrupamento dispõe, das parcerias para extensão desses meios (ver apêndice J) e referiu que as necessidades do agrupamento foram colocadas de uma forma muito clara e justificadas junto da tutela. Desta forma conseguiu o aumento de quatro docentes para sete. Lamenta que a maioria destes docentes só esteja colocado por um ano no agrupamento e que não está nas suas mãos a continuidade dos docentes por mais anos e, portanto, a estabilidade do corpo docente.

O diretor foi muito assertivo na questão da quantidade de meios humanos especializados, suspeitando que os três e seis meses de especialização numa determinada área faça um excelente profissional. Daí desenvolver que só o tempo e um acompanhamento muito próximo das escolas, de pessoas com muita experiência é que vai fazer com que se tenham profissionais mais dinâmicos e eficazes. Para a especialização de recursos humanos, a única coisa que o diretor poderá fazer, é incentivar a que os docentes da EE possam, de alguma forma, ter um contacto mais permanente com as crianças e o devido acompanhamento. Não é no momento em que se faz a especialização, mas sim com o tempo que se passa com os alunos.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco F**

O objetivo deste bloco é que o diretor enumere os recursos de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto e necessidades do agrupamento. O diretor respondeu que em relação aos recursos humanos, não é a grande quantidade que faz a diferença. Referiu a vontade de ter uma unidade estruturada – Unidade de Multideficiência para fazer face às necessidades específicas. A médio prazo poderá ser uma realidade no agrupamento, atualmente não será fácil por uma questão de espaço que não está disponível, face à sobrelocação do agrupamento. Não foi possível obter uma resposta explícita sobre recursos normativos.

Quanto à possibilidade de os alunos com NEE obterem sucesso pleno na inclusão, o diretor acredita que tal será possível, com o tempo, com o envolvimento global dos docentes, não-docentes e famílias. Sendo que existem casos distintos, desde os alunos com NEE muito específicas, às situações mais generalizadas de hiperatividade e déficit de atenção, refletindo que nem sempre todos os alunos conseguem atingir o sucesso pleno em todas as áreas. Identifica que no agrupamento há uma preocupação muito grande em todos os profissionais docentes e não docentes para com as crianças com NEE.

Considera que o agrupamento e a sociedade vão num sentido do reconhecimento de que a Educação Especial seja efetivamente algo que toda a gente, sem exceção, perceba que existe, e que os

alunos com NEE são apenas diferentes, mas com os mesmos direitos, os mesmos deveres e por isso acredita no sucesso, sendo que o primeiro passo, o da integração, está feito.

O sucesso pleno para a inclusão, não tem que ser só com os meios da Educação Especial, mas com todos envolvidos e a trabalhar para o mesmo fim.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco G**

O bloco G do guião da entrevista contemplava proporcionar um momento de expressão livre para o entrevistado mencionar algum assunto que não tivesse sido abordado. O mesmo referiu a preocupação na necessidade integrada de se perceber os problemas e necessidades das famílias dos alunos, pois que muitas situações de NEE são originárias nas famílias. A família necessita de acompanhamento mais próximo, mais precoce de forma a aligeirar algumas dessas necessidades. Afirmou que o papel de um mediador a funcionar junto das famílias seria importante, benéfico e ajudava as crianças em risco de ter NEE evitando que algumas destas questões pudessem vir a acontecer.

- **Síntese da entrevista ao Diretor do AEC**

- O entrevistado tem um perfil profissional adequado ao assunto abordado e mostrou-se entusiasmado e interessado para responder de forma aberta à entrevista,

- O entrevistado demonstrou o quão intenso é o seu dia-a-dia e a variedade de solicitações e responsabilidades a que tem de responder, na área de EE e inclusão,

- O agrupamento tem 122 alunos NEE num universo de 1413 alunos, sendo cerca de nove por cento (9%), considerando que o agrupamento tem uma percentagem elevada de alunos NEE, com alguma tendência para subida, o que está ligeiramente acima da média nacional que era de 7% em 2016 (Ministério de Educação, 2017) e (Fundação Francisco Manuel do Santos, 2018).

- O agrupamento procura responder às necessidades destes alunos, tendo havido uma aposta há dois ou três anos para cá na qualidade do apoio, procurando ter o cuidado de selecionar o mais eficazmente possível os alunos que necessitam mesmo de apoio direto, dando mais horas para esse acompanhamento e procurando que outras situações mais ligeiras possam ter um apoio indireto com a colaboração dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial.

- O diretor é conhecedor dos meios de que o agrupamento dispõe, das parcerias para extensão desses meios e referiu que as necessidades do agrupamento foram colocadas de uma forma muito clara e justificadas junto da tutela. Desta forma conseguiu o aumento de quatro docentes para sete. Lamenta

que a maioria destes docentes só esteja colocado por um ano no agrupamento e que não está nas suas mãos a continuidade dos docentes por mais anos e, portanto, a estabilidade do corpo docente.

- Face às necessidades do agrupamento, os meios materiais e humanos existentes serão insuficientes, mas têm de ser geridos dentro da realidade existente, ou seja, gerindo prioridades, e apostando numa equipa transversal (pessoal docente, não docente) motivada e “oleada”, conhecedora pela formação e sobretudo pela experiência no terreno. O entrevistado tem procurado obter mais meios quer por recurso à tutela (meios humanos), quer por processos alternativos aos da tutela, através de acordos com entidades locais e regionais especializadas (meios humanos e materiais),

- O diretor tem procurado por via do estabelecimento de parcerias com entidades da zona e região do agrupamento, aumentar os recursos para colocar ao dispor dos alunos com Necessidades Educativas Especiais.

- Relativamente à dotação do agrupamento de mais meios humanos, a visão do entrevistado é a de que não é a grande quantidade de meios humanos especializados que faz a diferença, mas implicitamente a qualidade. Considerando que os três e seis meses de especialização são insuficientes para ter um profissional eficaz. Identificou que só o tempo e um acompanhamento muito próximo das escolas, de pessoas com muita experiência é que vai fazer com que se tenham profissionais mais dinâmicos e eficazes. Identificou ainda que no campo de ação do diretor, para a especialização (foco na qualidade e não na quantidade) de recursos humanos, pode incentivar a que os docentes da EE possam de alguma forma ter um contacto mais permanente com as crianças e o devido acompanhamento.

- Ainda no campo dos meios, o diretor referiu a vontade de ter uma unidade estruturada – Unidade de Multideficiência - para fazer face às necessidades específicas. Essa Unidade só poderá ser viável no médio prazo, mais por uma questão de espaço, dada a sobrelotação do agrupamento.

- Quanto à possibilidade dos alunos com NEE obterem sucesso pleno, o diretor acredita que tal será possível, com o tempo, com o envolvimento global dos docentes, não-docentes e famílias.

- O agrupamento e a sociedade vão num sentido do reconhecimento de que a Educação Especial seja efetivamente algo que toda a gente, sem exceção, perceba que existe, e que os alunos com NEE são apenas diferentes, mas com os mesmos direitos, os mesmos deveres e por isso acredita no sucesso, sendo que um primeiro passo, o da integração, está feito.

- O sucesso pleno para a inclusão, não tem que ser só com os meios da Educação Especial, mas com todos envolvidos e a trabalhar para o mesmo fim.

- No âmbito das necessidades/dificuldades revelou a preocupação na necessidade integrada de se perceber os problemas e necessidades das famílias dos alunos, pois que muitas situações de NEE são originárias nas famílias. A família necessita de acompanhamento mais próximo mais precoce de

forma a aligeirar algumas dessas necessidades. Sugeriu a existência do papel de um mediador a funcionar junto das mesmas, benéfico para as crianças em risco de ter NEE evitando que algumas destas situações possam vir a acontecer.

Capítulo 1.3. Análise à Entrevista à psicóloga

Esta entrevista foi realizada à psicóloga que acompanha os alunos do segundo e terceiro ciclos. A escolha desta profissional, prende-se com o envolvimento e trabalho desempenhado com os alunos com NEE.

De acordo com o Regulamento Interno (RI) do Agrupamento, no que se refere ao Serviço de Psicologia e Orientação, esta é uma estrutura especializada de apoio educativo inserida na rede escolar. Na esfera dos alunos com necessidades educativas especiais, este serviço funciona em colaboração com outras valências, nomeadamente a Educação Especial, em áreas como a avaliação, estudo e acompanhamento das intervenções com esta população.

Nesta entrevista procura-se compreender o papel da psicóloga no agrupamento no que se refere a alunos NEE, conhecer a população alvo com necessidades educativas especiais, conhecer os meios ao dispor da psicóloga, enumerar recursos de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto e necessidades do mesmo.

- **Legitimação e motivação do entrevistado – Bloco A**

A entrevista que apresso foi realizada no dia 22 de dezembro de 2017, na escola sede do Agrupamento de Escolas do Carregado, na sala do Serviço de Psicologia e Orientação, onde foi garantida a total confidencialidade, e onde estavam reunidas todas as condições para que a entrevista decorresse em tranquilidade.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco B**

No que concerne ao bloco B, tinha como objetivo conhecer o percurso profissional da Psicóloga do Agrupamento, o qual foi dado a conhecer de uma forma muito direta e clara. Respondendo sobre a

sua formação base e especialização, assim como sobre o seu tempo de serviço, o tempo que trabalha com alunos NEE e os anos que está a trabalhar neste agrupamento.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco C**

No que diz respeito ao bloco C, tinha como objetivo compreender o papel da Psicóloga no agrupamento. A Psicóloga elencou todas as suas funções específicas. Referiu com quem se tem de relacionar para desenvolver o seu trabalho, quer internamente quer externamente, tendo referido as entidades com que o AEC tem parcerias para a área dos alunos com NEE: CERCI Flor da Vida – Cooperativa de Educação e Reabilitação de crianças inadaptadas CRL (Azambuja), Instituto Saber de Mim e o Instituto de Cérebro de Alenquer (ver apêndice J).

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco D**

O objetivo deste bloco era saber se a Psicóloga tem a noção do número de alunos com necessidades educativas especiais que frequentam o agrupamento e se conhece as suas necessidades educativas. Referiu que frequenta o agrupamento um número considerável de alunos com NEE, cerca de uma centena com diversas necessidades educativas especiais, limitações significativas. Referiu algumas patologias mais frequentes dos alunos, Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, hiperatividade, Síndrome de contrários, défices de atenção/concentração.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco E**

No que se refere a este bloco o seu objetivo era conhecer os meios ao dispor Psicóloga do Agrupamento. A psicóloga respondeu que os meios com que trabalha são pessoais, pois o agrupamento ainda não conseguiu adquirir este tipo de materiais para a realização de provas psicológicas (cognitivas, instrumentais e de personalidade). Referiu ainda que tem uma sala atribuída para a realização do seu trabalho.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco F**

O objetivo deste bloco era enumerar os recursos de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao seu contexto e necessidades. A psicóloga respondeu que relativamente aos recursos humanos, tem conseguido dar resposta atempada aos pedidos de avaliação dos alunos de 2º e 3º ciclos, pois este ano letivo está a tempo inteiro neste agrupamento, foi ultrapassada esta necessidade, pois os contratos anteriores foram feitos de forma que tinha que exercer o serviço de psicologia e orientação em dois agrupamentos. Este ano a direção do agrupamento conseguiu ter

atribuído um psicólogo a tempo inteiro só para o agrupamento. Elencou que quanto aos meios materiais é fundamental a aquisição da Escala de Inteligência de Wechsler III (WISCIII), teste base para avaliação cognitiva dos alunos, por parte do agrupamento.

Relativamente ao sucesso da inclusão dos alunos com NEE referiu que deve ser avaliada com parâmetros individualizados nas dimensões aos níveis das aprendizagens escolares, emocional e social. Considera que é possível obter o sucesso com alunos com NEE.

- **Análise de conteúdo da entrevista – Bloco G**

O bloco G do guião da entrevista contemplava proporcionar um momento de expressão livre para a entrevistada expor algum assunto que não tivesse sido abordado. A mesma considerou que os alunos com necessidades específicas de aprendizagem têm uma dificuldade permanente até que, devidamente acompanhados haja a remissão ou atenuação destas dificuldades. Referiu esta questão, pois considera que se deveria apostar mais na prevenção para evitar a cronicidade de muitas destas necessidades. Por outras palavras, existem dificuldades que os alunos atravessam durante o seu percurso escolar e que devidamente apoiados por professores especializados, não chegariam à gravidade para a qual é necessária a inclusão nas NEE. O leque das situações a acompanhar deveria ser ainda mais lato.

- **Síntese da entrevista à Psicóloga**

- A entrevistada tem um perfil profissional adequado ao assunto abordado e mostrou-se muito serena e interessada em responder de forma aberta à entrevista;
- A entrevistada revelou que realiza a avaliação psicológica com referência à CIF-sistema de classificação inserido na Família de Classificações Internacionais da Organização Mundial de Saúde (OMS) para sinalização de alunos que devem beneficiar de avaliação para integração nas NEE;
- O agrupamento tem mais de cem alunos com NEE;
- As patologias mais frequentes dos alunos com NEE são: Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, hiperatividade, Síndrome de contrários, défices de atenção/concentração;
- Face às necessidades do agrupamento, os meios materiais não existem, sendo que a entrevistada utiliza materiais próprios para a avaliação dos alunos;
- O Agrupamento conseguiu contratar uma psicóloga a tempo inteiro;
- Para dotar o agrupamento dos meios materiais necessários e adequados é fundamental a aquisição da Escala de Inteligência de Wechsler III (WISCIII), teste base para avaliação cognitiva dos alunos;

- Elencou os parâmetros individualizados nas dimensões aos níveis das aprendizagens escolares, emocional e social para avaliação do sucesso da inclusão dos alunos com NEE;
- Considera que é possível obter o sucesso com alunos com NEE;
- O agrupamento analisado evidencia ter vindo a percorrer um caminho no sentido de um dia chegar à plena inclusão, receando, no entanto, que a tutela com as atuais medidas/ cortes faça retroceder nas conquistas já conseguidas.

Capítulo 2. Análise dos Questionários

Cada amostra de Docentes, Encarregados de Educação e Alunos foi escolhida conforme descrito no §7.b. **Capítulo 4. Estudo de Caso: metodologia de aplicação ao AEC.** Todos os questionários têm acima de 30 participantes, mais concretamente: 40 alunos, 34 encarregados de educação e 36 docentes.

A análise dos questionários é feita por grupos de questões e dentro do grupo por amostra de Docentes, Encarregados de Educação e Alunos. No final de cada Grupo de questões é efetuada uma síntese de resultados. Finalmente, é efetuada uma síntese global.

Capítulo 2.1. Grupo I - Caracterização individual (análise conjunta dos questionários aos alunos, encarregados de educação e docentes)

Idade das amostras

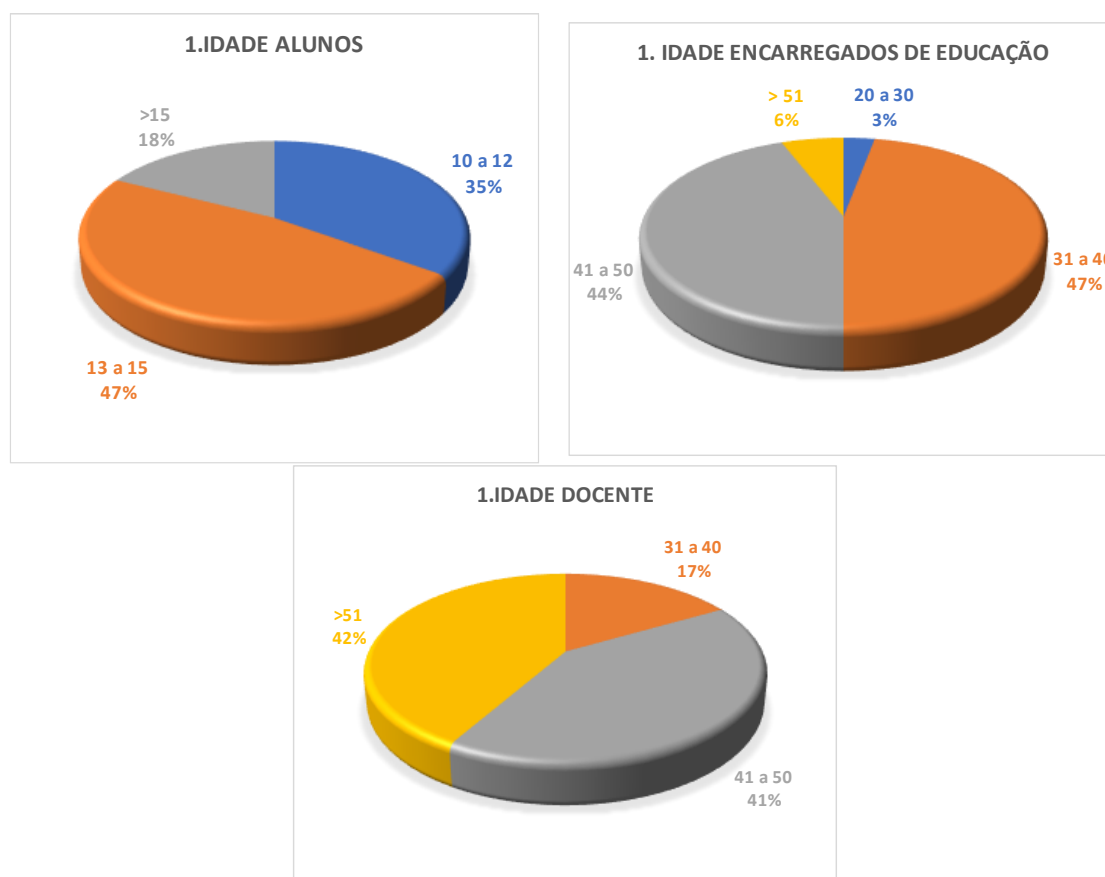


FIGURA 5 – DISTRIBUIÇÃO DE IDADES.

A grande maioria dos alunos da amostra tem entre 10 e 15 anos. No grupo dos 13 aos 15 anos encontra-se 47% da amostra da população.

A maioria dos Encarregados de Educação (EEEd) encontra-se entre os 31 e os 50 anos. No grupo dos 31 aos 40 anos encontra-se 56% da amostra da população.

A maioria dos docentes tem entre 41 e > 51 anos. Os grupos dos 31 aos 40 anos e >51 anos representam respetivamente 41% e 42% da amostra da população, ou seja, pode-se considerar terem igual representação.

Em síntese, pode-se afirmar que a amostra representa uma população: de alunos entre os 10 e os 15 anos, EEEd entre os 31 e 50 anos e docentes acima dos 41 anos.

Género das amostras

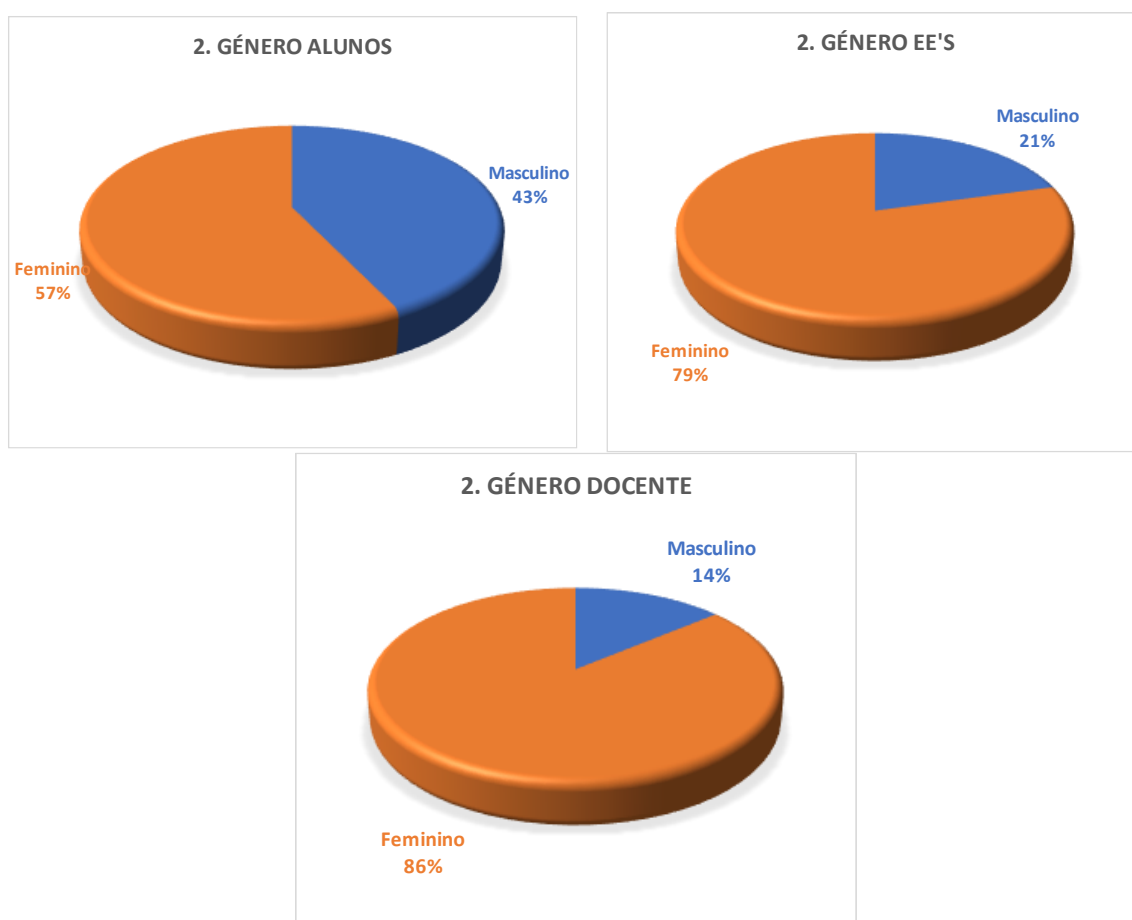


FIGURA 6 – DISTRIBUIÇÃO DE GÉNERO.

A maioria dos alunos é do género feminino, mas com grande representatividade do género masculino.

A grande maioria dos Encarregados de Educação (EEEd.) é do género feminino.

A vasta maioria dos Docentes é do género feminino.

Em síntese, pode-se afirmar que a amostra representa uma população: de alunos em maioria de género feminino, mas com uma significativa representatividade do género masculino (43%), EEEd.

maioritariamente femininos e Docentes essencialmente femininos. Globalmente o género feminino é mais representativo.

Ciclos Representados

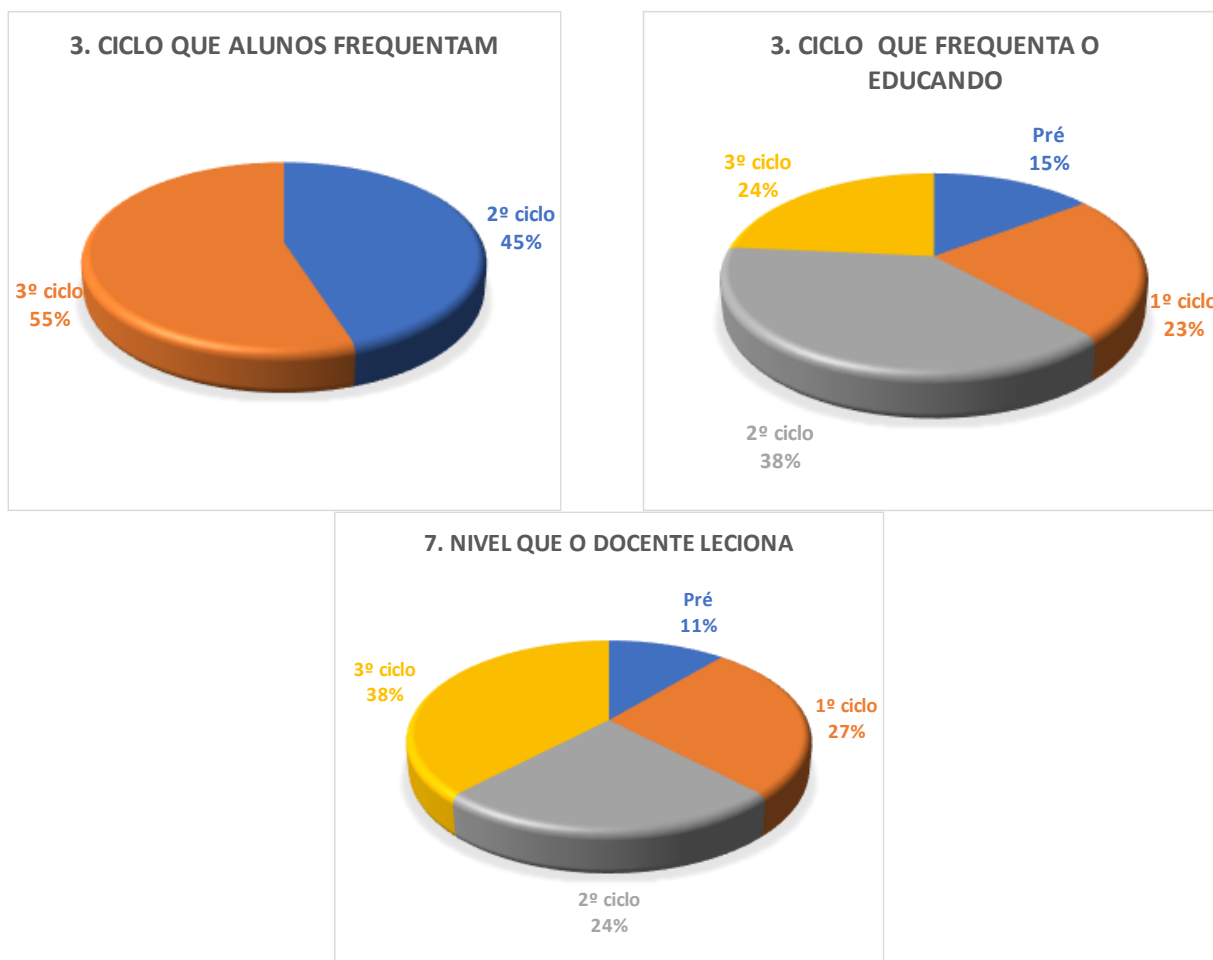


FIGURA 7 – DISTRIBUIÇÃO CICLOS REPRESENTADOS.

A maioria dos alunos da amostra frequenta o 3º ciclo, mas com grande representatividade do 2º ciclo.

Os Encarregados de Educação da amostra distribuem-se por todos os ciclos, tendo maior representatividade no 2º ciclo.

Os docentes da amostra distribuem-se por todos os ciclos.

Em síntese, pode-se afirmar que as amostras representam; alunos dos 2º e 3º ciclo, EEd de todos os ciclos com maior preponderância do 2º ciclo, Docentes de todos os ciclos.

Capítulo 2.2. Grupo I - Caracterização individual (análise dos dados característicos de cada amostra)

Caracterização detalhada dos Docentes

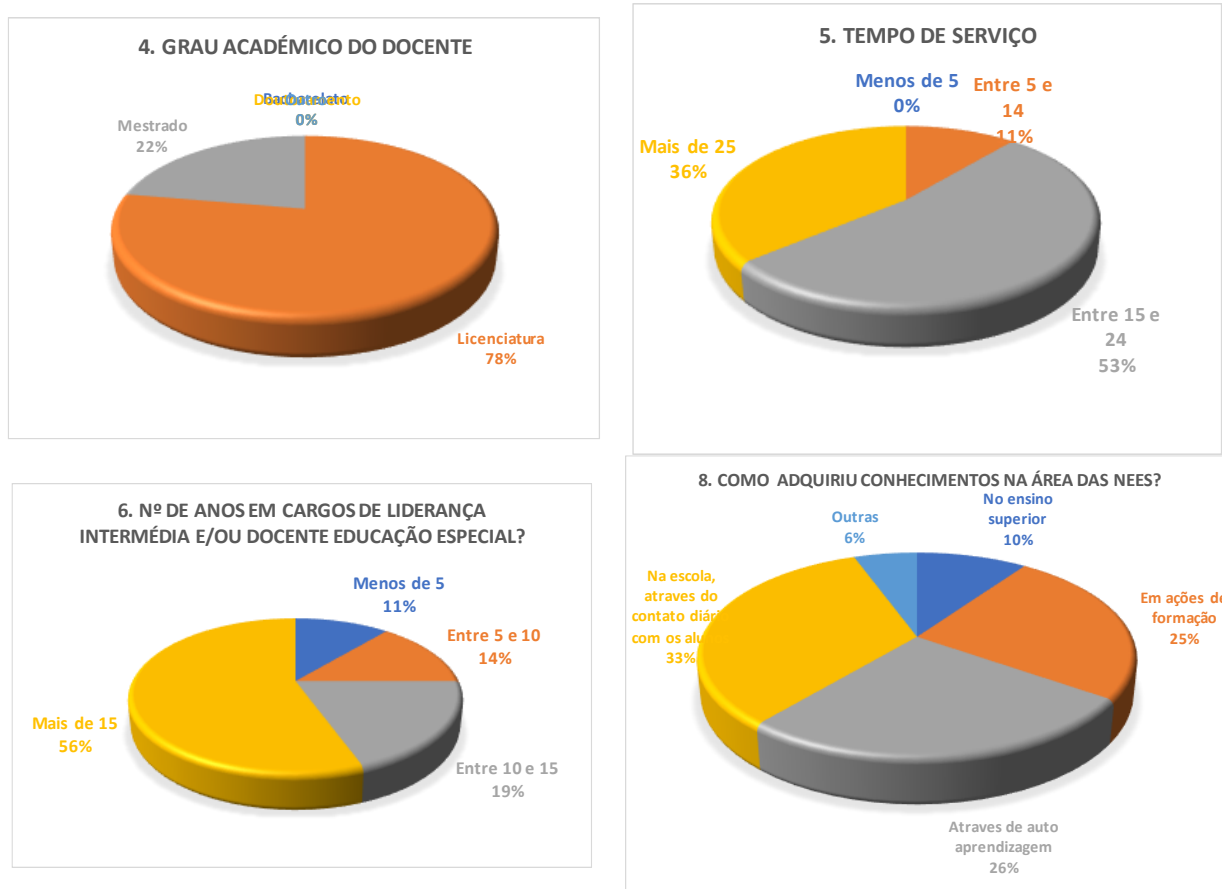


FIGURA 8 – CARACTERIZAÇÃO DOS DOCENTES.

A grande maioria dos docentes tem o grau académico de Licenciatura, o que, correlacionado com as idades da amostra, indica ser Licenciatura pré-Bolonha, maioritariamente de 5 anos.

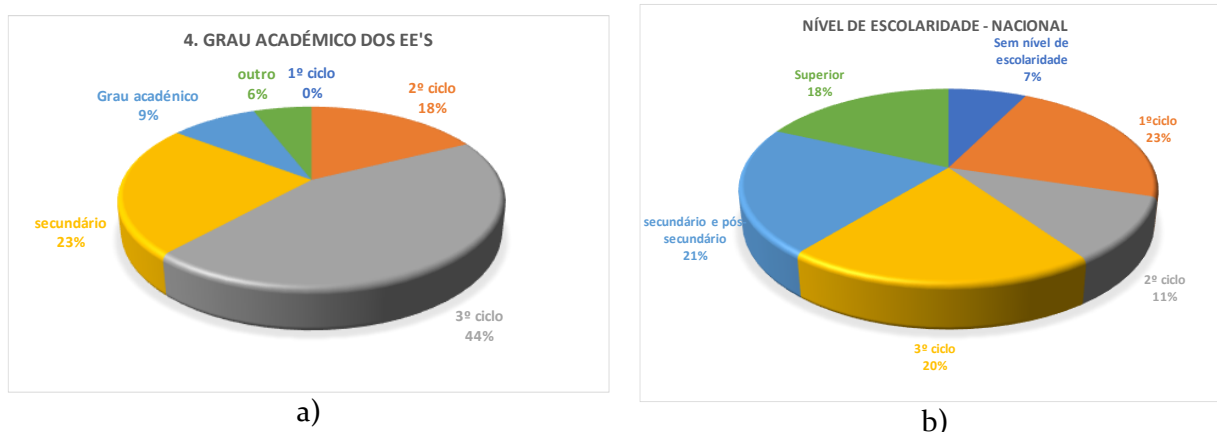
A grande maioria dos docentes tem mais de 15 anos de serviço, sendo que a maioria tem entre 15 e 24 anos de serviço.

Os docentes adquiriram ou desenvolveram conhecimentos na área das NEE; na escola, através do contacto diário com os alunos, através de autoaprendizagem e em ações de formação. Uma minoria adquiriu esses conhecimentos em formação superior.

Em síntese, os docentes representam uma população com formação superior, com consolidada experiência na docência incluindo em cargos de liderança intermédia e/ou como docente de Educação Especial. No que diz respeito à formação específica na área das NEE, a grande maioria dos docentes adquiriu-a por: atividade de contacto com os alunos, autoaprendizagem e ações de formação.

Só 10% têm formação superior específica nas NEE.

Escolaridade dos Encarregados de Educação



b) Tratado e adaptado a partir de PORDATA (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018)

FIGURA 9 – ESCOLARIDADE DOS EED.

A grande maioria dos EE tem o 3º ciclo ou secundário como grau de escolaridade. A maioria tem o 3º ciclo. Existe ainda um número significativo de EE com o 2º ciclo. Existe uma minoria de EE com grau académico superior ou outro.

Em síntese, pode-se afirmar que a amostra questionada tem maioritariamente um nível de escolaridade entre o 2º ciclo e o secundário (85%).

Comparando com os dados a nível nacional (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018) verifica-se que o nível de escolaridade: 1º ciclo compara 0% com 23%, 2º ciclo compara 18% com 11% nacional, 3º ciclo 44% com 20% nacional, secundário 23% com 21% nacional, superior 15% com 18% nacional. Portanto a amostra compara bem com o nível nacional em todos os níveis de escolaridade exceto no nível 1º ciclo (em que não há EE com esse nível de escolaridade na amostra) e 3º ciclo onde a amostra tem claramente mais do dobro que a nível nacional.

Em termos de síntese dos resultados deste grupo I de questões com vista a caracterizar a amostra de Docentes Encarregados de educação e Alunos, pode-se concluir que:

- a amostra representa uma população: de alunos entre os 10 e os 15 anos, EE entre os 31 e os 50 anos e docentes acima dos 41 anos.
- a amostra representa uma população: de alunos em maioria de género feminino mas com uma significativa representatividade do género masculino (43%), EE maioritariamente femininos e Docentes essencialmente femininos. Globalmente o género feminino é mais representativo.
- a amostra representa alunos, 2º e 3º ciclo e EEd de todos os ciclos com maior preponderância do 2º ciclo, Docentes de todos os ciclos.
- os Docentes representam uma população com formação superior, com consolidada experiência na docência, incluindo em cargos de liderança intermédia e/ou como docente de Educação Especial (EE). No que diz respeito à formação específica na área das NEE a

grande maioria dos docentes adquiriu-a por: atividade de contacto com os alunos, autoaprendizagem e ações de formação. Somente 10% tem formação superior específica nas NEE.

- a amostra representa uma população de EEd que tem maioritariamente um nível de escolaridade entre o 2º ciclo e o secundário (85%).

Capítulo 2.3. Grupo II - Recursos existentes para atividades relacionadas com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

Perspetiva dos alunos

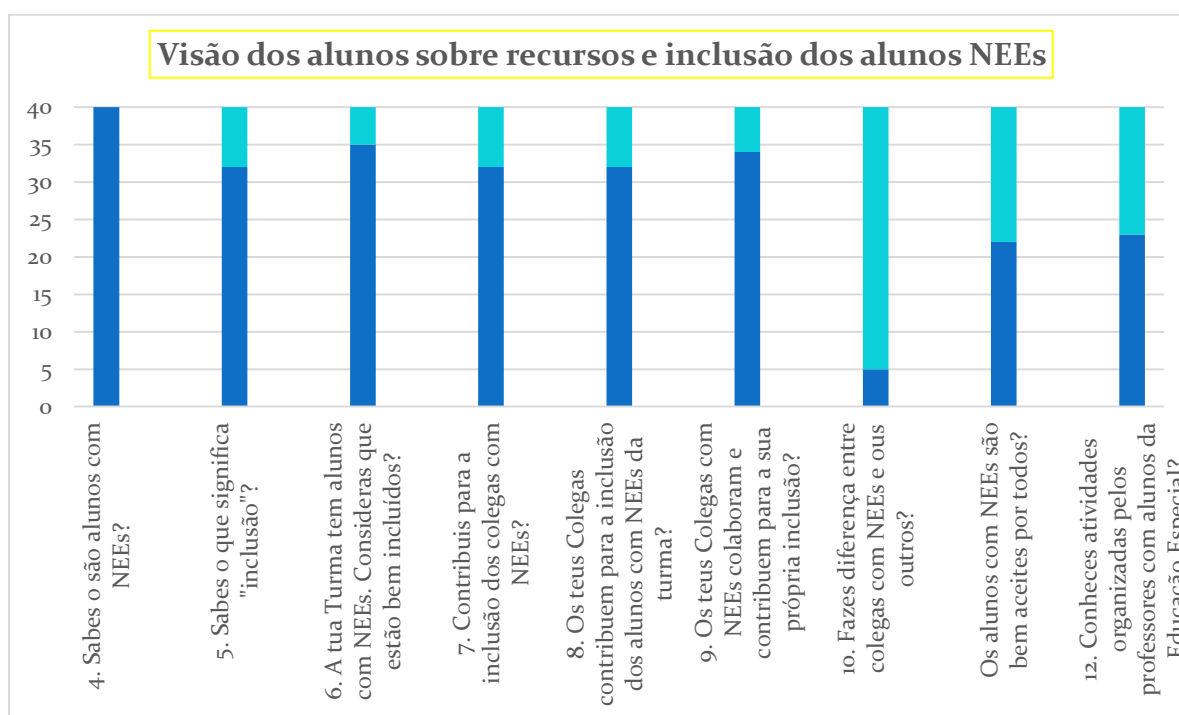


FIGURA 10 – RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE RECURSOS E ATIVIDADES COM ALUNOS NEE.

Na opinião da amostra de alunos questionados, sabem o que são alunos com NEE, maioritariamente consideram saber o que significa "inclusão" e têm alunos na turma com NEE e que estão incluídos. Na opinião da amostra de alunos questionados, os próprios, os outros alunos e os alunos com NEE contribuem para a inclusão dos alunos com NEE. Também consideram maioritariamente não fazer diferença entre colegas com/sem NEE. As opiniões dividem-se no que diz respeito à perceção dos alunos NEE serem bem aceites pelos outros e quanto ao conhecimento de atividades organizadas pelos professores com alunos da Educação Especial.

Da análise do questionário verifica-se que existe alguma oposição entre a perceção dos alunos e seus pares contribuírem para a inclusão dos alunos com NEE e os alunos NEE serem bem aceites por todos. Poder-se-á afirmar que apesar do esforço ou perceção de esforço de inclusão nem sempre os alunos NEE serão bem aceites por todos os alunos.

Perspetiva dos EEd.

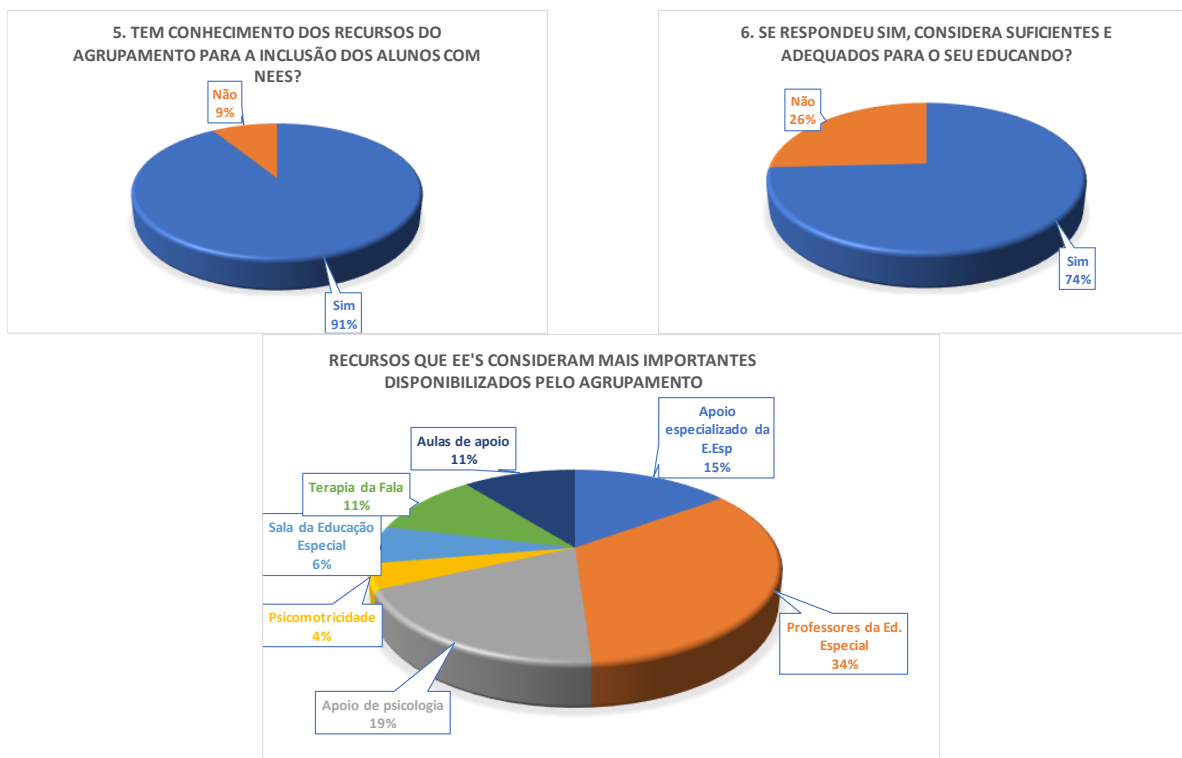
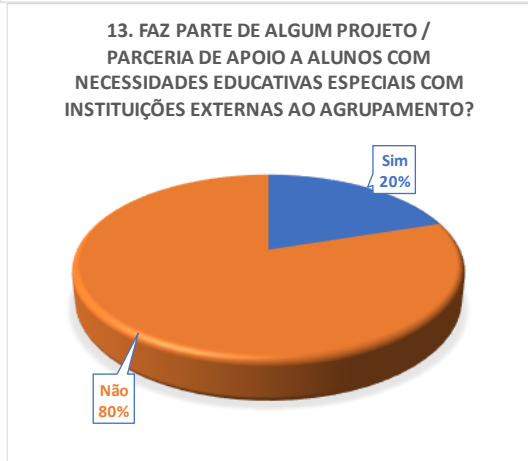
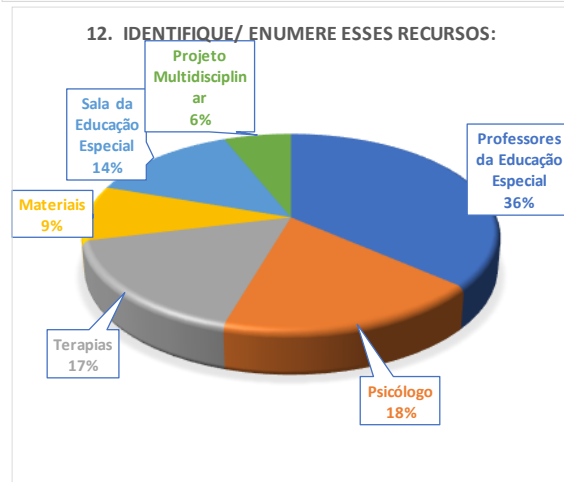
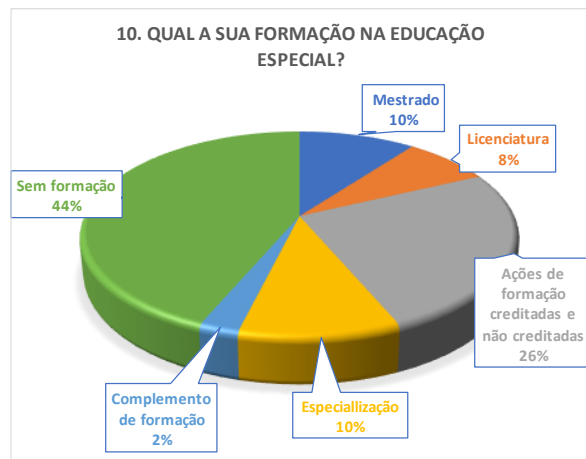
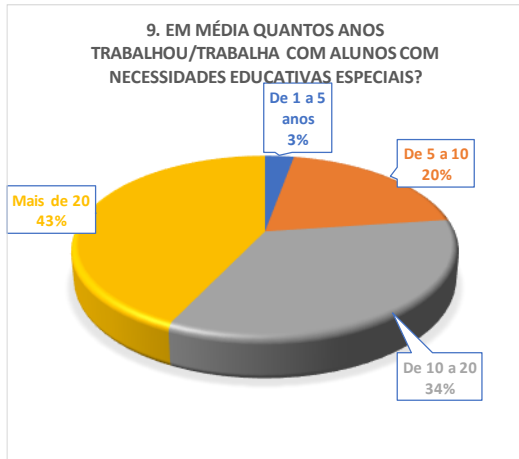


FIGURA 11–DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EED SOBRE RECURSOS E ATIVIDADES COM ALUNOS NEE.

A larga maioria dos EEd considera ter conhecimento dos recursos que o Agrupamento dispõe para a inclusão dos alunos com NEE, e destes, a maioria considera que esses recursos são suficientes. Os recursos aqueles que os EE mais valorizam são: os professores da Educação Especial, o apoio de psicologia e o apoio especializado da Educação Especial.

Em síntese, os EEd consideram ter conhecimento dos recursos que o Agrupamento dispõe para a inclusão dos alunos com NEE e considera que esses recursos são suficientes. Os recursos mais valorizados pelos EEd são: os professores da EE, o apoio de psicologia e o apoio especializado da EEd.

Perspetiva dos Docentes



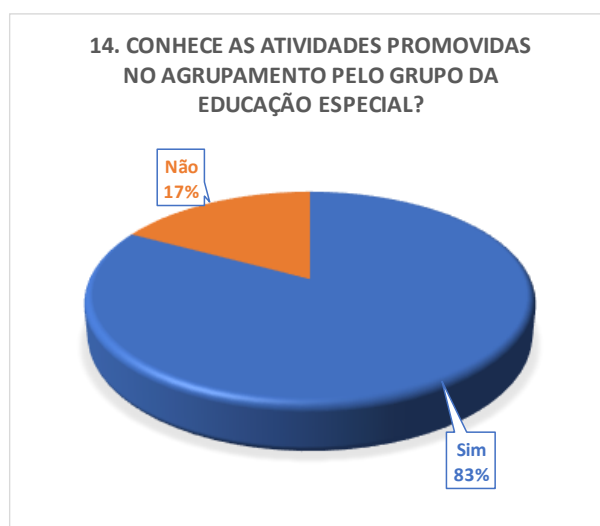


FIGURA 12 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE RECURSOS E ATIVIDADES COM ALUNOS NEE.

Da análise do questionário verifica-se que:

- uma larga maioria dos Docentes reconhece trabalhar ou ter trabalhado com alunos com NEE há mais de 10 anos.

- existe uma maioria (56%) de docentes com algum tipo de formação na Educação Especial, sendo esta formação do tipo; pontual creditada ou não (26%), Superior nesta área (20%) e Especialização em Educação Especial (10%).

- a vasta maioria (86%) dos Docentes identifica os recursos materiais e humanos do Agrupamento pela seguinte ordem de visibilidade e/ou importância: Professores da Educação Especial, Psicólogo, Terapias, sala da Educação Especial, Materiais didáticos, Projeto Multidisciplinar.

- fazem parte de algum projeto/parceria de apoio a alunos com necessidades educativas especiais com instituições externas ao Agrupamento, 7 dos professores inquiridos (20% da amostra). Destes 6 fazem parte Projeto Multidisciplinar como Complemento Pedagógico - PMCP e 1 do Projeto de Educação para a Saúde - PES.

- A grande maioria (86%) dos Docentes afirma conhecer as atividades promovidas no Agrupamento pelo grupo da Educação Especial.

Em termos de síntese dos resultados deste grupo II de questões com vista a caracterizar os recursos existentes para as NEE, pode-se concluir que:

- Uma larga maioria dos Docentes reconhece trabalhar ou ter trabalhado com alunos com NEE há mais de 10 anos.

- Existe uma maioria (56%) de docentes com algum tipo de formação na Educação Especial, sendo esta formação do tipo; pontual creditada ou não (26%), Superior nesta área (20%) e Especialização em Educação Especial (10%).

- A vasta maioria (86%) dos Docentes identifica os recursos materiais e humanos do Agrupamento pela seguinte ordem de visibilidade e/ou importância: Professores da Educação Especial, Psicólogo, Terapias, sala da Educação Especial, Materiais didáticos, Projeto Multidisciplinar.

- Fazem parte de algum projeto/parceria de apoio a alunos com necessidades educativas especiais com instituições externas ao Agrupamento, 7 dos professores inquiridos (20% da amostra). Destes 6 fazem parte Projeto Multidisciplinar como Complemento Pedagógico - PMCP e 1 do Projeto de Educação para a Saúde - PES.

- A grande maioria (86%) dos Docentes afirma conhecer as atividades promovidas no Agrupamento pelo grupo da Educação Especial.

- Os EEd consideram ter conhecimento dos recursos que o Agrupamento dispõe para a inclusão dos alunos com NEE e considera que esses recursos são suficientes. Os recursos mais valorizados pelos EE são: os professores da EE, o apoio de psicologia e o apoio especializado da Educação Especial.

- Existe alguma oposição entre a perceção dos alunos e seus pares contribuírem para a inclusão dos alunos com NEE e os alunos NEE serem bem aceites por todos. Poder-se-á afirmar que apesar do esforço ou perceção de esforço de inclusão nem sempre os alunos NEE serão bem aceites por todos os alunos.

Capítulo 2.4. Grupo III - Necessidades sentidas pela Comunidade Educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEE.

Perspetiva dos alunos

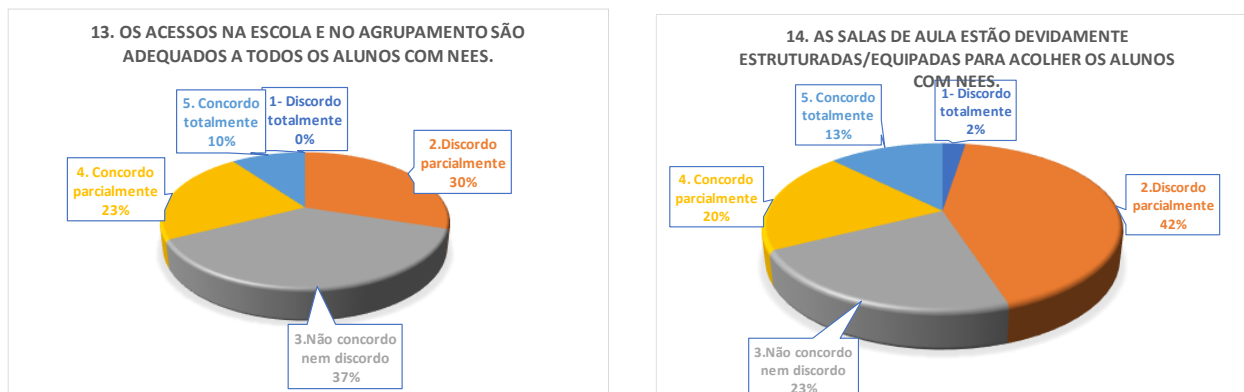


FIGURA 13—DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE NECESSIDADES PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE.

Na amostra de alunos questionados, relativamente à adequação dos acessos da escola aos alunos com NEE; 37% não concorda nem discorda, 30% discorda parcialmente, 23% concorda parcialmente, 10% concorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os alunos tendencialmente não têm uma opinião clara sobre o tema, inclinando-se mais para discordar de que os acessos na escola sejam adequados a todos os alunos com NEE.

Na amostra de alunos questionados, relativamente às salas de aula estarem devidamente estruturadas/equipadas para acolher alunos com NEE; 42% discorda totalmente, 23% não concorda nem discorda, 20% concorda parcialmente, 13% concorda totalmente, 1% discorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os alunos tendencialmente discordam de que as salas de aula estejam devidamente estruturadas/equipadas para acolher os alunos com NEE.

Em síntese, da análise deste grupo de questionários infere-se que tendencialmente os alunos não têm uma opinião definida sobre o tema, inclinando-se mais para discordar de que os acessos na escola sejam adequados a todos os alunos com NEE e discordam de que as salas de aula estejam devidamente estruturadas/equipadas para acolher os alunos com NEE.

Perspetiva dos EE

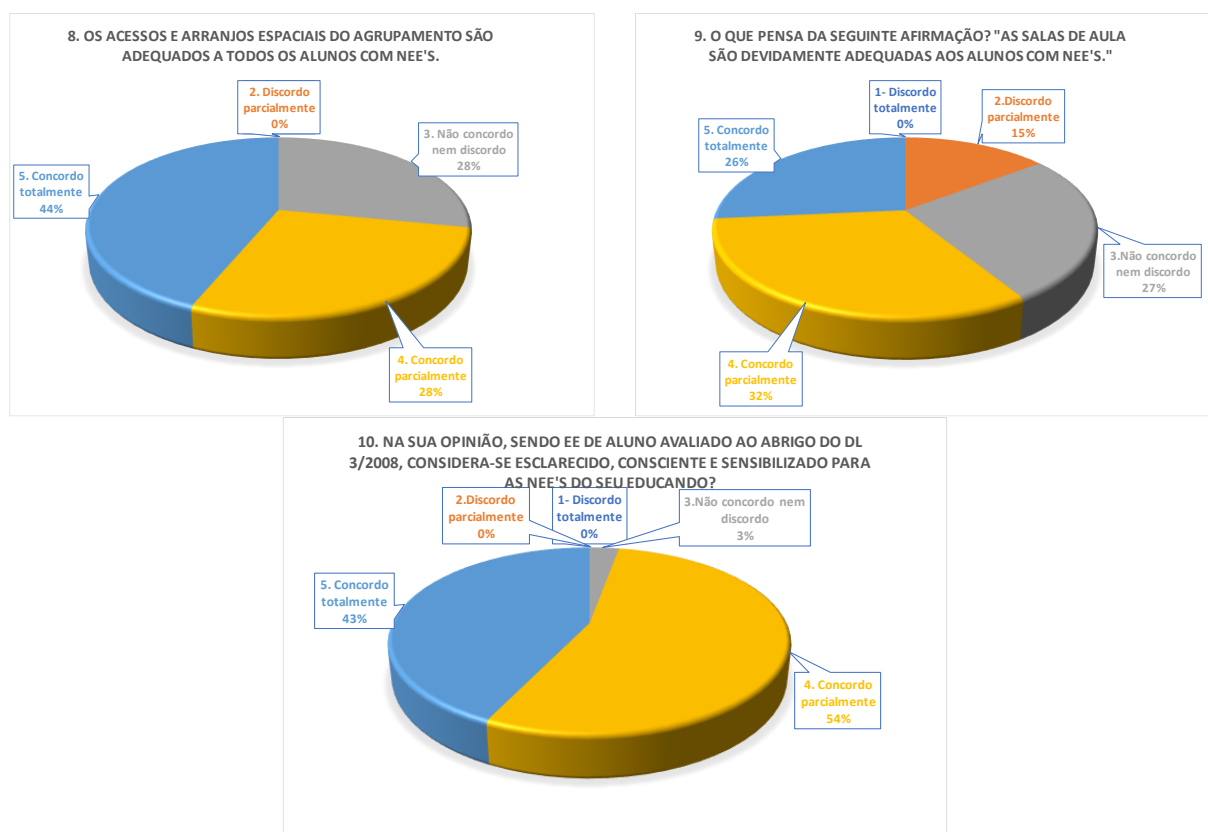


FIGURA 14 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EE SOBRE NECESSIDADES PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE

Na amostra de EEd questionados, relativamente à adequação dos acessos e arranjos espaciais da escola aos alunos com NEE; 44% concorda totalmente, 28% concorda parcialmente, 28% não concorda nem discorda. Deste resultado se poderá inferir que os EE tendencialmente concordam de que os acessos no agrupamento sejam adequados a todos os alunos com NEE.

Na amostra de EEd questionados, relativamente às salas de aula estarem devidamente adequadas para acolher alunos com NEE 32% concorda parcialmente, 27% não concorda nem discorda, 26% concorda totalmente, 15% discorda parcialmente. Deste resultado se poderá inferir que os EEd tendencialmente concordam que as salas de aula estejam devidamente adequadas para acolher os alunos com NEE.

Na amostra de EEd questionados, sendo EEd. de alunos avaliado ao abrigo do DL 3/2008, se considera esclarecido, consciente e sensibilizado para as NEE do seu educando; 54% concorda parcialmente, 43% concorda totalmente, 3% não concorda nem discorda. Deste resultado se poderá inferir que os EEd concordam maioritariamente que se consideram esclarecidos, conscientes e sensibilizados para as NEE do seu educando.

Em síntese, da análise deste grupo de questionários infere-se que:

- os EEd. tendencialmente concordam que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE.
- os EEd. tendencialmente concordam que as salas de aula estejam devidamente adequadas para acolher os alunos com NEE.
- os EEd. concordam maioritariamente que se consideram esclarecidos, conscientes e sensibilizados para as NEE do seu educando.

Perspetiva dos docentes

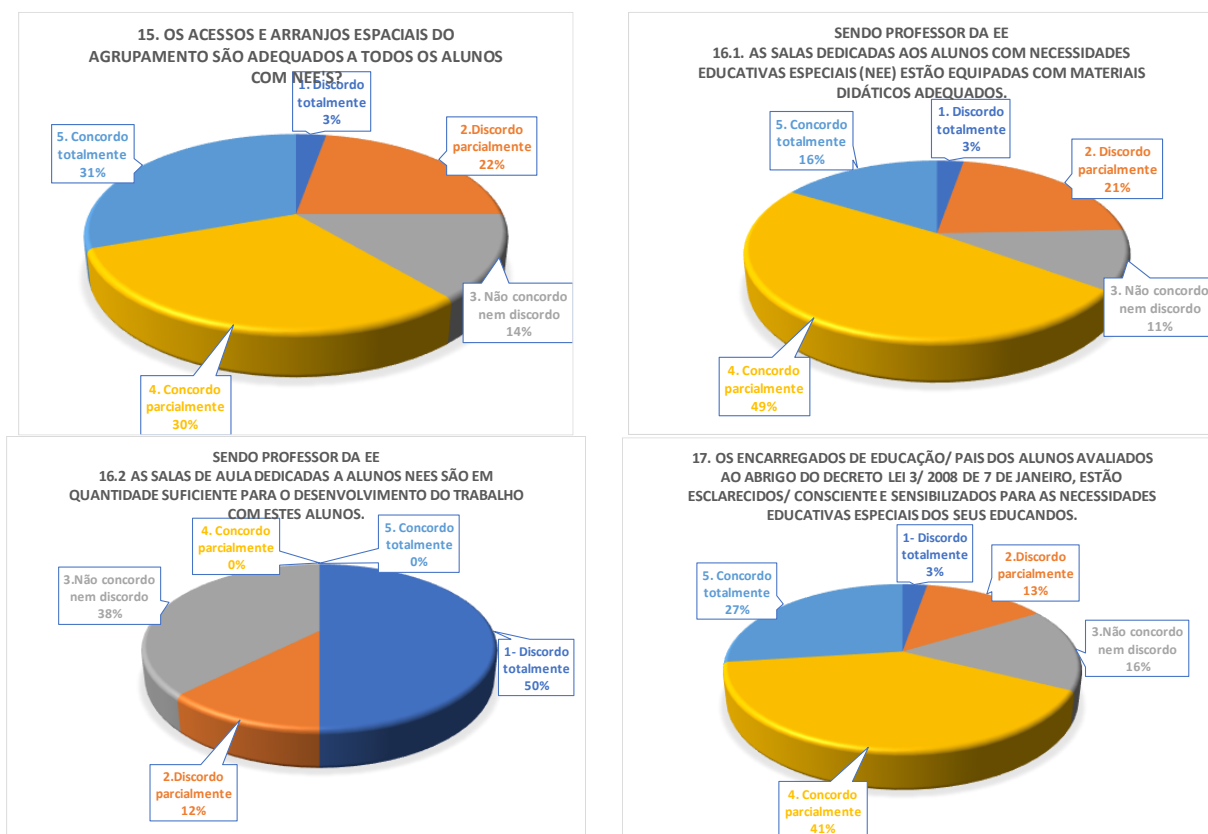


FIGURA 15 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE NECESSIDADES PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE.

Na amostra de Docentes questionados, relativamente à adequação dos acessos e arranjos espaciais da escola aos alunos com NEE; 31% concorda totalmente, 30% concorda parcialmente, 22% discorda parcialmente, 14% não concorda nem discorda e 3% discorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes tendencialmente concordam que os acessos no agrupamento sejam

adequados a todos os alunos com NEE embora exista uma minoria significativa de 25% que discorda ou discorda totalmente.

Na amostra de Docentes questionados, no sub-grupo de professores da Educação Especial, relativamente às salas dedicadas aos alunos com NEE estarem equipadas com materiais didáticos adequados; 49% concorda parcialmente, 21% discorda parcialmente, 16% concorda totalmente, 11% não concorda nem discorda e 3% discorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes da EE concordam maioritariamente que as salas dedicadas aos alunos com NEE estão equipadas com materiais didáticos adequados. Uma minoria expressiva de 24% discorda parcial ou totalmente.

Na amostra de Docentes questionados, no sub-grupo de professores da Educação Especial, relativamente às salas de aula dedicadas a alunos NEE serem em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos; 50% discorda totalmente, 38% não concorda nem discorda, 12% discorda parcialmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes da EE maioritariamente não concordam que as salas dedicadas aos alunos com NEE sejam em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos.

Na amostra de Docentes questionados, relativamente aos EE dos alunos avaliados ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, estarem esclarecidos/conscientes e sensibilizados para as NEE dos seus educandos; 41% concorda parcialmente, 27% concorda parcialmente, 16% não concorda nem discorda, 13% discorda parcialmente e 3% discorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes concordam maioritariamente (68%) que os EEd dos alunos avaliados ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, estão esclarecidos/conscientes e sensibilizados para as NEE dos seus educandos.

Em síntese, da análise deste grupo de questionários infere-se que:

- os Docentes tendencialmente concordam (61%) que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE embora exista uma minoria significativa de 25% que discorda menor ou maior escala.

- os Docentes da EE concordam maioritariamente (65%) que as salas dedicadas aos alunos com NEE estão equipadas com materiais didáticos adequados. Uma minoria expressiva de 24% discorda parcial ou totalmente.

- os Docentes da EE maioritariamente não concordam (62%) que as salas dedicadas aos alunos com NEE sejam em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos.

- os Docentes concordam maioritariamente (68%) que os EE dos alunos avaliados ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, estão esclarecidos/conscientes e sensibilizados para as NEE dos seus educandos.

Em termos de síntese dos resultados deste grupo III de questões com vista às Necessidades sentidas pela Comunidade Educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEE, pode-se concluir que:

- os Docentes tendencialmente concordam (61%) que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE embora exista uma minoria significativa de 25% que discorda em menor ou maior escala.

- os Docentes concordam maioritariamente (68%) que os EEd dos alunos avaliados ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, estão esclarecidos/conscientes e sensibilizados para as NEE dos seus educandos.

- Os Docentes da Educação Especial concordam maioritariamente (65%) que as salas dedicadas aos alunos com NEE estão equipadas com materiais didáticos adequados. Uma minoria expressiva de 24% discorda parcial ou totalmente.

- os Docentes não concordam maioritariamente (62%) que as salas dedicadas aos alunos com NEE sejam em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos.

- os EEd tendencialmente concordam que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE e que as salas de aula estão devidamente adequadas para acolher os alunos com NEE. Também concordam maioritariamente que se consideram esclarecidos, conscientes e sensibilizados para as NEE do seu educando.

- os alunos demonstram alguma dispersão de opiniões, mas inclinam-se mais para discordar que os acessos na escola sejam adequados a todos os alunos com NEE e discordam de que as salas de aula estejam devidamente estruturadas/equipadas para acolher os alunos com NEE.

Capítulo 2.5. Grupo IV - Identificar as dificuldades e limitações do Agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE.

Perspetiva dos alunos

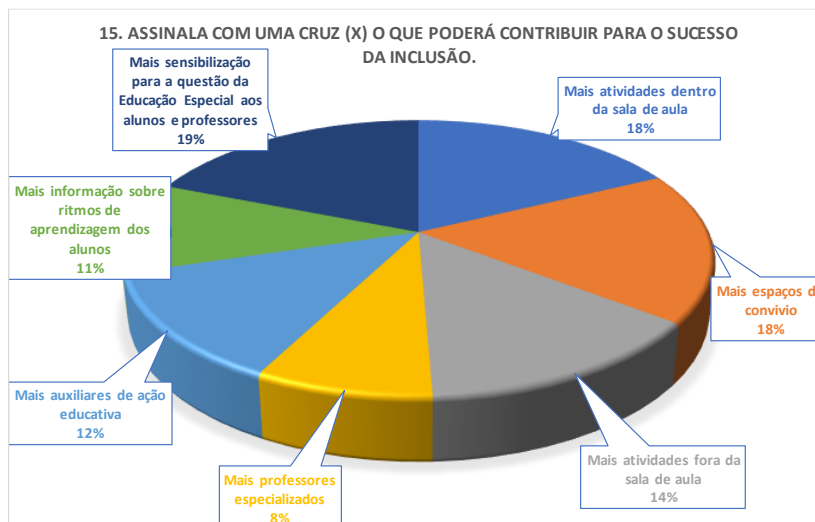


FIGURA 16 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS ALUNOS SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE.

Na amostra de alunos questionados, relativamente ao fator que poderá contribuir para a promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE; 19% considera "mais sensibilização para esta questão aos alunos e professores, 18% considera "mais atividades dentro da sala de aula", 18% "mais espaços de convívio", 14% "mais atividades fora da sala de aula", 12% "mais auxiliares de ação educativa", 11% "mais informação sobre ritmos de aprendizagem dos alunos", 8% "mais professores especializados".

Deste resultado se poderá inferir que os alunos revelam uma grande dispersão sobre o fator que mais pode contribuir para o sucesso na inclusão dos alunos com NEE. No entanto, parece poder-se agrupar 30% nos fatores de mais sensibilização e informação, 50% nos fatores de mais atividades e espaços de convívio e uma minoria de 20% considerando mais recursos humanos (professores especializados e auxiliares de ação educativa).

Perspetiva dos EE

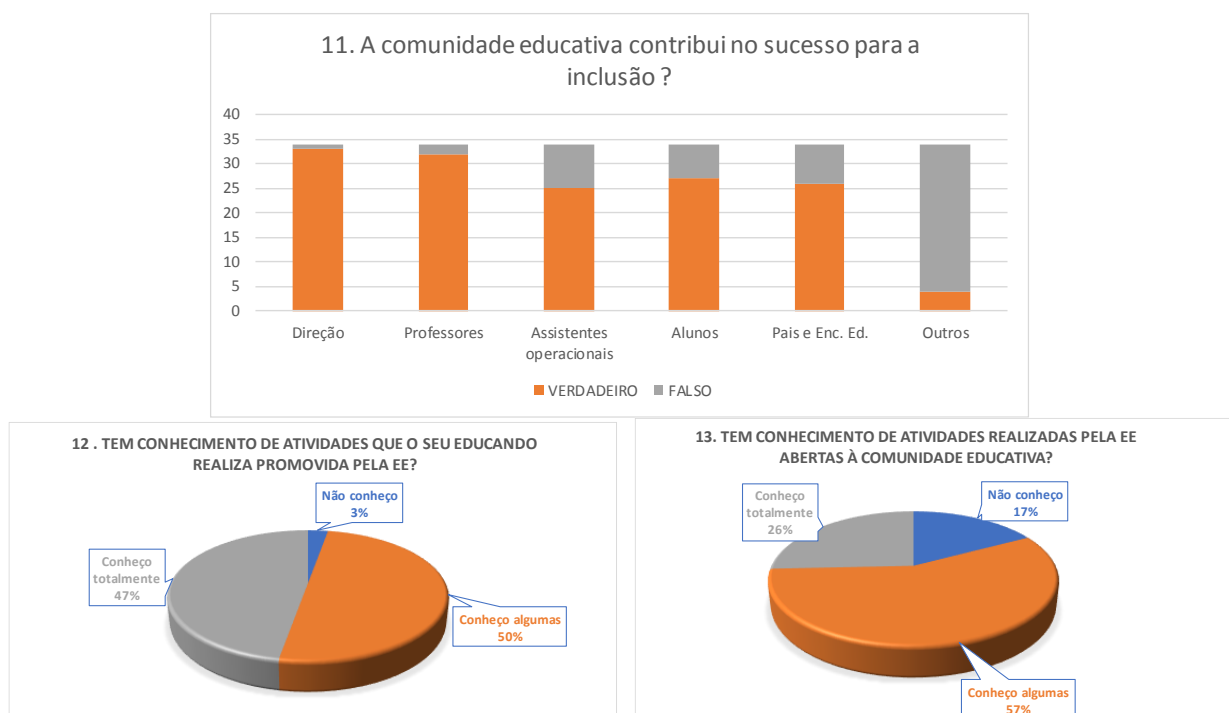


FIGURA 17 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EE SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE.

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se quem na comunidade educativa contribui no sucesso para a inclusão, percebe-se que os EEd valorizam o papel da Direção e dos Professores em primeiro lugar, dos próprios EEd e alunos em segundo lugar e dos Assistentes operacionais em terceiro lugar. Consideram "outros" de forma irrelevante.

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se tem conhecimento de atividades que o seu educando realiza promovidas pela EE; a quase totalidade (97%) afirma conhecer em maior ou menor grau essas atividades.

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se tem conhecimento de atividades realizadas pela EE abertas à comunidade educativa; 57% afirma conhecer algumas, 26% conhece totalmente e 17% afirma não conhecer.

Em síntese, da análise destas 3 questões infere-se que:

- os EEd valorizam o papel da Direção e dos Professores em primeiro lugar, dos próprios EEd e alunos em segundo lugar e dos Assistentes operacionais em terceiro lugar, na contribuição para o sucesso para a inclusão

- os EEd concordam na quase totalidade (97%) conhecer em maior ou menor grau as atividades que o seu educando realiza promovida pela EE.

- os EEd 57% afirma conhecer algumas, 26% conhece totalmente e 17% afirma não conhecer, as atividades realizadas pela EE abertas à comunidade educativa.

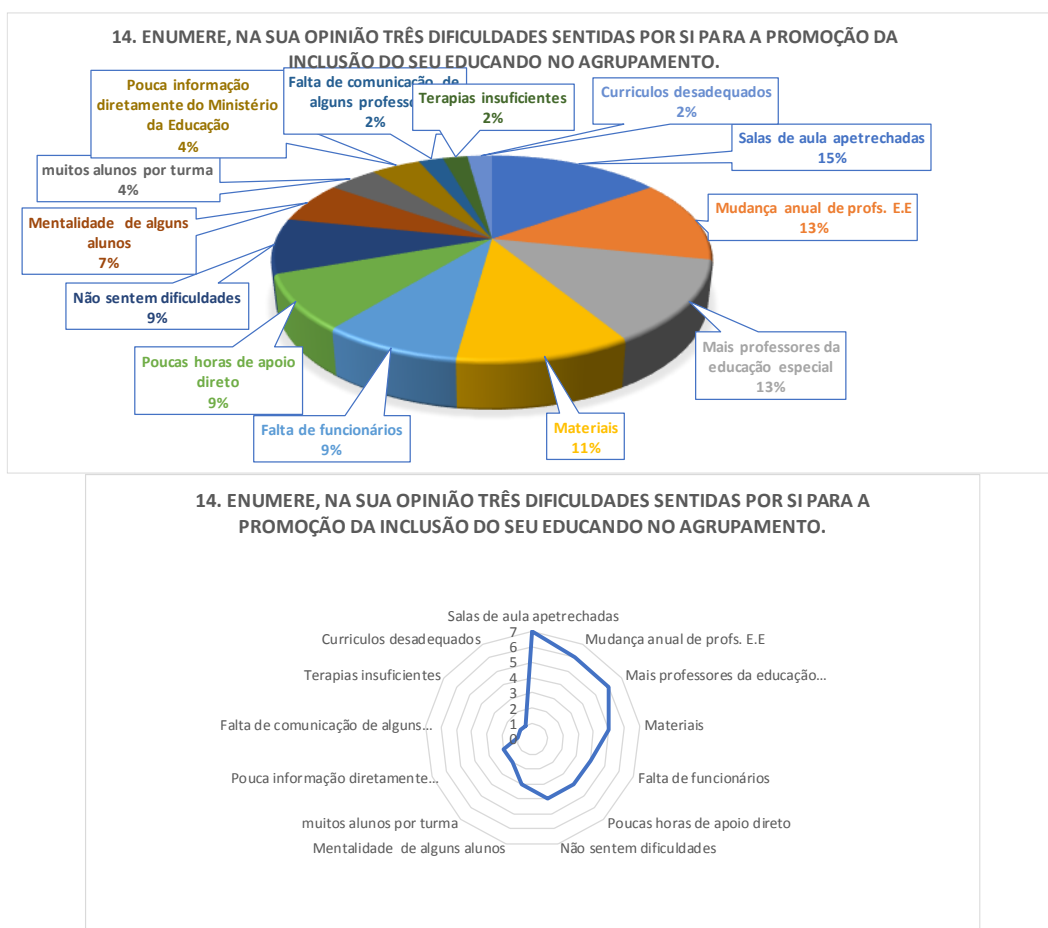


FIGURA 18 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EE SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre as três dificuldades sentidas pelos EEd para a promoção da inclusão do seu educando no Agrupamento, existe uma dispersão de opiniões, mas destacam-se como as três dificuldades mais relevantes; Salas de aula apetrechadas, a mudança anual de professores da EE e falta de professores da EE em simultâneo com a falta de materiais. Num nível de menor premência surgem exe quo; falta de funcionários, poucas horas de apoio direto e EEd que não sentem dificuldades.

Deste resultado se poderá inferir que os EEd revelam perceberem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE; a rotatividade e número de professores da EE e condições materiais das salas de aula e seus conteúdos adequados, perfazendo este as dificuldades 52% das opiniões. Os restantes itens revelam grande dispersão, podendo-se colocar num patamar intermédio de preocupação, a falta de funcionários, poucas horas de apoio direto e inclusive EEd que não sentem quaisquer dificuldades.

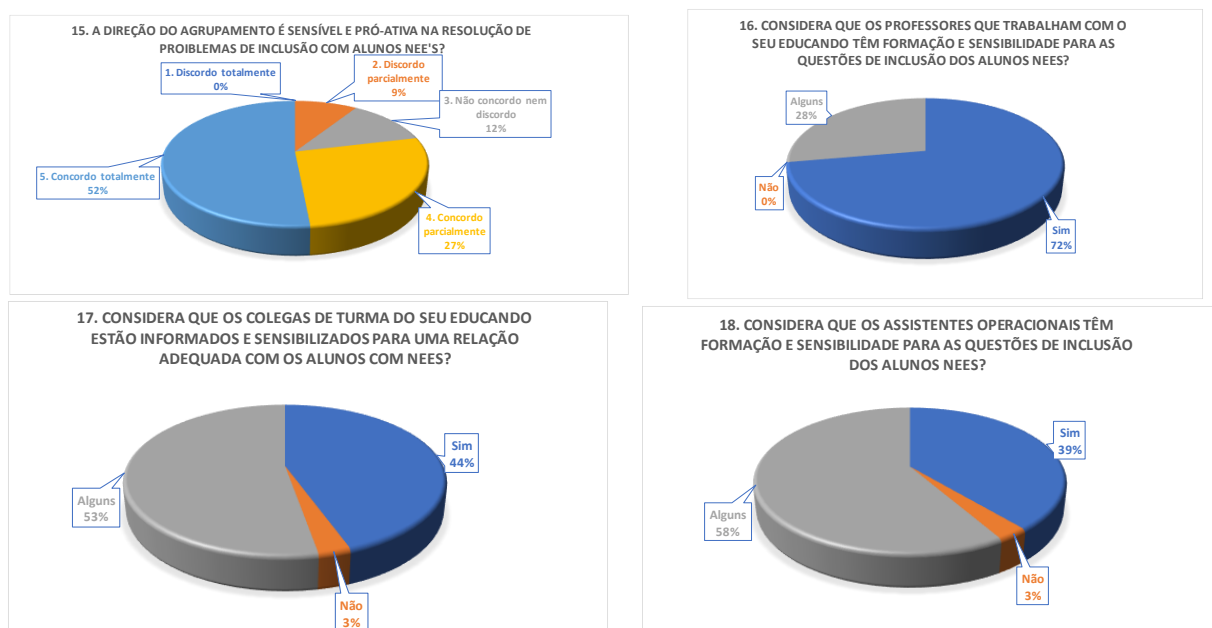


FIGURA 19 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EE SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se a Direção do Agrupamento é sensível e pró-ativa na resolução de problemas de inclusão com alunos NEE; 52% Concorda totalmente, 27% concorda parcialmente, 12% não concorda nem discorda, 9% discorda parcialmente. Deste resultado se poderá inferir que os EEd concordam maioritariamente (79%) que a Direção do Agrupamento é sensível e pró-ativa na resolução de problemas de inclusão com alunos NEE.

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se considera que os professores que trabalham com o seu educando têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE; 72% percebe que sim, 28% percebe que alguns têm, nenhum percebe a inexistência dessa sensibilidade. Deste resultado se poderá inferir que os EEd concordam maioritariamente (72%) que os professores que trabalham com o seu educando têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos com NEE.

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se considera que os colegas de turma do seu educando estão informados e sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEE; 44% percebe que sim, 53% percebe que alguns têm, 3% percebe que os colegas não estão informados/sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEE. Deste resultado se poderá inferir que os EEd percebem que nem todos os alunos estão informados/sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEE, mas uma percentagem significativa (44%) percebe que sim. Tendo presente uma percepção construída com alguma distância relativa ao quotidiano diário da dinâmica da escola e face à idade dos alunos da amostra deste estudo, pode-se afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os colegas de turma do seu educando estão razoavelmente informados e sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEE.

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se consideram que os assistentes operacionais (AO) têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE; 39% percebe que sim, 58% percebe que alguns têm, 3% percebem que os (AO) não têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE. Deste resultado se poderá inferir que os EEd percebem que nem todos os AO têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, mas uma percentagem significativa (39%) percebe que sim. Destes resultados pode-se afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os AO poderiam ter mais formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE.

Em síntese, da análise deste grupo de 4 questões (15 a 18) infere-se que:

- os EEd concordam maioritariamente (79%) que a Direção do Agrupamento é sensível e pró-ativa na resolução de problemas de inclusão com alunos NEE.

- os EEd concordam maioritariamente (72%) que os professores que trabalham com o seu educando têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos com NEE.

- os EEd percebem que nem todos os alunos estão informados/sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEE, mas uma percentagem significativa (44%) percebe que sim. Tendo presente uma percepção construída com alguma distância relativa ao quotidiano diário da dinâmica da escola e face à idade dos alunos da amostra deste estudo, pode-se afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os colegas de turma do seu educando estão razoavelmente informados e sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEE.

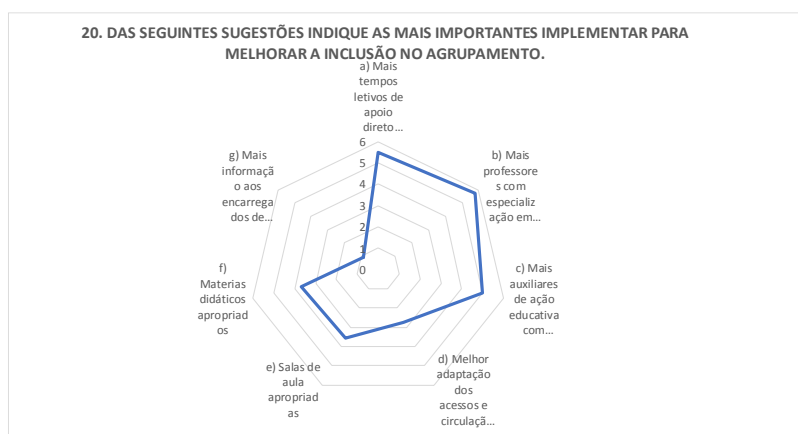
- os EEd percebem que nem todos os AO têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, mas uma percentagem significativa (39%) percebe que sim. destes

resultados pode-se afirmar que os EE genericamente têm uma opinião de que os AO, apesar de boa parte ter formação/sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, esta poderá ser melhorada.



FIGURA 20 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EE SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre se têm conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE; 81% percebe que sim, 19% percebe que não. Deste resultado se poderá inferir que os EEd maioritariamente (81%) têm conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE, embora exista uma minoria de 19% que não tem esse conhecimento.



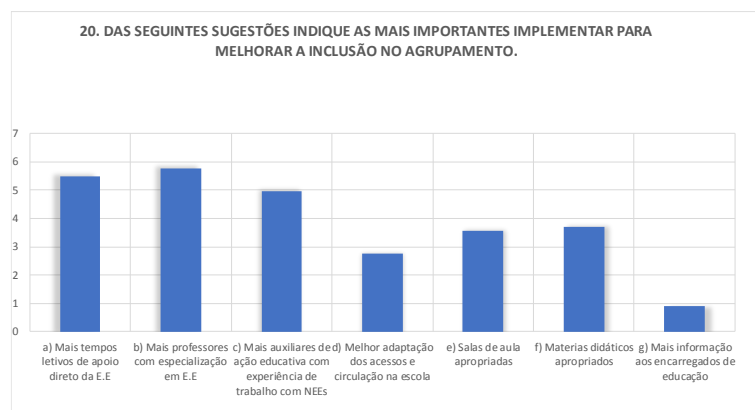


FIGURA 21 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS EE SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de EEd questionados sobre as sugestões mais importantes de implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento, sugerem por ordem de prioridade; mais professores com especialização em EE, mais tempos letivos de apoio direto da EE, mais AO com experiência de Trabalho com NEE, materiais didáticos apropriados, salas de aula apropriadas, melhor adaptação dos acessos e circulação na escola e, por último, mais informação aos EEd. Deste resultado se poderá inferir que os EEd sugerem como três prioridades mais importantes para melhorar a inclusão no Agrupamento; mais professores com especialização em EE, mais tempos letivos de apoio direto da EE, mais AO com experiência de Trabalho com NEE.

Em síntese, da análise das questões 19 e 20 infere-se que:

- os EEd maioritariamente (81%) tem conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE, embora exista uma minoria de 19% que não tem esse conhecimento.

- os EEd sugerem como 3 prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento: mais professores com especialização em EE, mais tempos letivos de apoio direto da EE, mais AO com experiência de Trabalho com NEE.

Em termos de síntese dos resultados deste grupo IV de questões com vista a identificar as dificuldades e limitações do Agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE, pode-se concluir o seguinte relativamente aos EEd:

- percecionam como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a rotatividade e número de professores da Educação Especial (EE), condições materiais das salas

de aula e adequação dos seus conteúdos. Os restantes fatores revelam grande dispersão, podendo-se colocar num patamar intermédio de preocupação; a falta de funcionários, poucas horas de apoio direto.

- pode-se afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os AO, apesar de boa parte ter formação/sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, esta poderá ser melhorada.

- embora os EEd tenham maioritariamente conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE, existe espaço para estender essa informação a cerca de 20% dos EE que afirmam desconhecê-las.

- os EEd sugerem como três prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento: mais professores com especialização em EE, mais tempos letivos de apoio direto da EE, mais AO com experiência de Trabalho com NEE.

Perspetiva dos Docentes

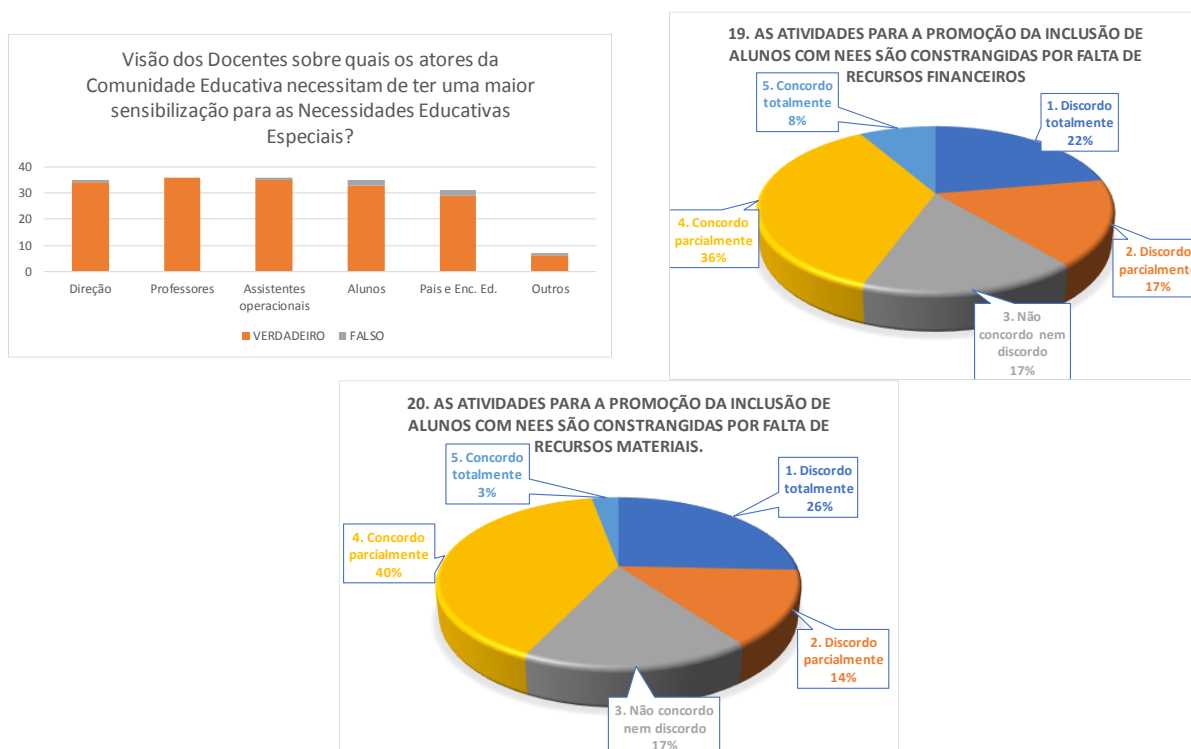


FIGURA 22 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE.

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre quem na comunidade educativa necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os próprios docentes, os AO e a Direção.

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se as atividades para a promoção da inclusão de alunos com NEE são constrangidas por falta de recursos financeiros; 36% concorda parcialmente, 22% discorda totalmente, 17% discorda parcialmente, 17% não concorda nem discorda e 3% concorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes se encontram divididos com 44% a concordar e 38% a discordar, não existindo, portanto, uma perceção clara sobre se as restrições financeiras afetam a promoção da inclusão de alunos com NEE.

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se as atividades para a promoção da inclusão de alunos com NEE são constrangidas por falta de recursos materiais; 40% concorda parcialmente, 26% discorda totalmente, 17% não concorda nem discorda, 14% discorda parcialmente, e 3% concorda totalmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes se encontram divididos com 43% a concordar e 40% a discordar, não existindo, portanto, uma perceção clara sobre se as restrições materiais afetam a promoção da inclusão de alunos com NEE.

Em síntese, da análise destas três questões infere-se que:

- os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os próprios docentes, os AO e a Direção.

- os Docentes se encontram divididos com 44% a concordar e 38% a discordar, não existindo portanto uma perceção clara sobre se as restrições financeiras afetam a promoção da inclusão de alunos com NEE.

- Deste resultado se poderá inferir que os Docentes se encontram divididos com 43% a concordar e 40% a discordar, não existindo, portanto, uma perceção clara sobre se as restrições materiais afetam a promoção da inclusão de alunos com NEE.

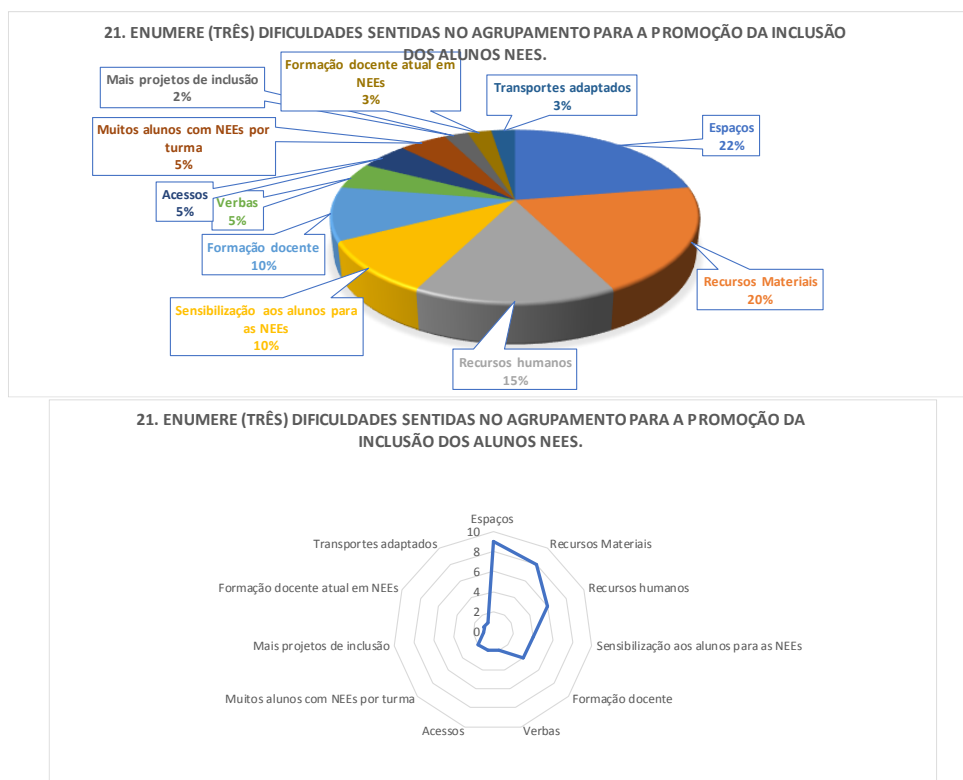
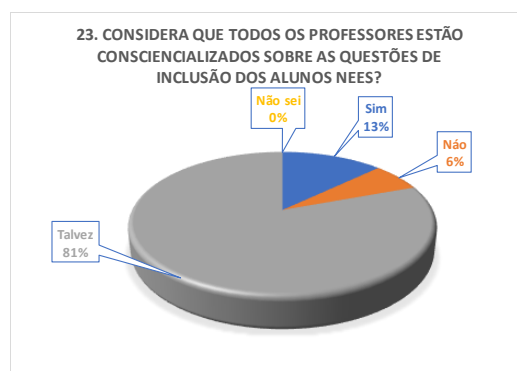
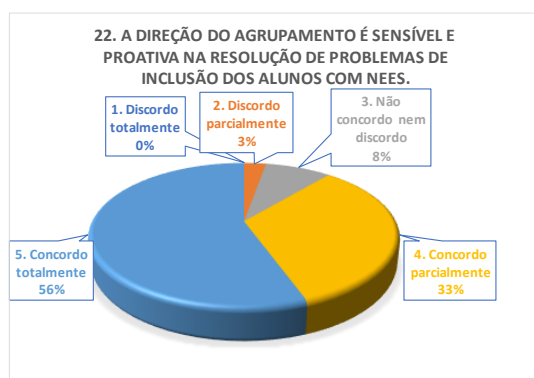


FIGURA 23 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre as três dificuldades sentidas no agrupamento para a promoção da inclusão dos alunos NEE, existe uma dispersão de opiniões, mas destacam-se como as 3 dificuldades mais relevantes; a falta de espaços, recursos materiais, e recursos humanos. Num nível de menor referenciação encontra-se a sensibilização dos alunos para as NEE e a formação docente. As restantes dificuldades são referidas de forma dispersa e residual (acessos, verbas, muitos alunos com NEE por turma, mais projetos de inclusão, formação docente atualizada em NEE).

Deste resultado se poderá inferir que os Docentes revelam perceberem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE; a falta de espaços, recursos materiais, e recursos humanos.



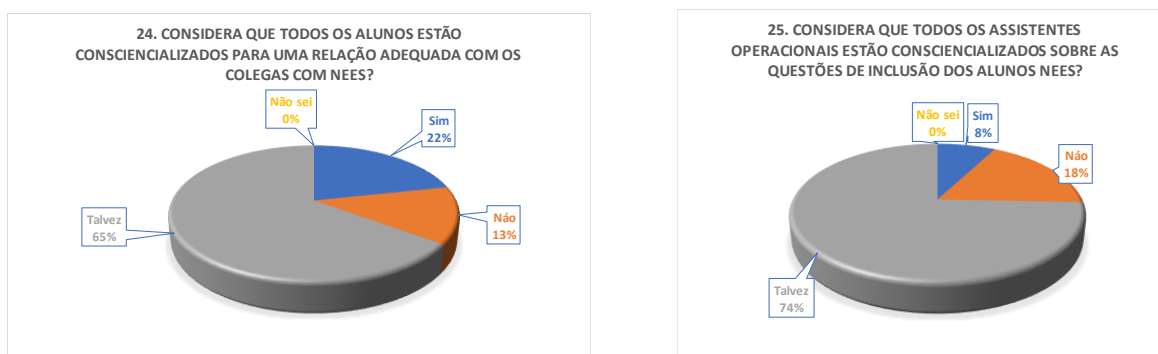


FIGURA 24 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se a Direção do Agrupamento é sensível e pró-ativa na resolução de problemas de inclusão com alunos NEE; 56% Concorda totalmente, 33% concorda parcialmente, 8% não concorda nem discorda, 3% discorda parcialmente. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes concordam maioritariamente (89%) que a Direção do Agrupamento é sensível e pró-ativa na resolução de problemas de inclusão com alunos NEE.

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se consideram que todos os professores estão consciencializados para as questões de inclusão dos alunos NEE: 81% percebeção que talvez, 13% percebeção que talvez. Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se considera que todos os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE: 65% percebeção que talvez, 22% percebeção que sim, 6% percebeção que os alunos não estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes têm dúvidas, mas tendendo mais para que sim que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE: sim, 6% percebeção que não. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes não têm a certeza se os seus pares estão consciencializados para as questões de inclusão dos alunos com NEE.

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se consideram que todos os assistentes operacionais (AO) estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEE; 74% percebeção que talvez, 18% percebeção que não e 8% percebeção que os (AO) sim. Deste resultado se poderá inferir que os Docentes percebeção dúvidas ou tendencialmente que nem todos os AO estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEE.

Em síntese, da análise deste grupo de 4 questões (22 a 25) infere-se que:

- os Docentes concordam maioritariamente (89%) que a Direção do Agrupamento é sensível e pró-ativa na resolução de problemas de inclusão com alunos NEE.

- os Docentes não têm a certeza se os seus pares estão consciencializados para as questões de inclusão dos alunos com NEE.

- os Docentes têm dúvidas, embora tendendo mais para que sim que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE.

- os Docentes percebem dúvidas ou tendencialmente que nem todos os AO estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEE.

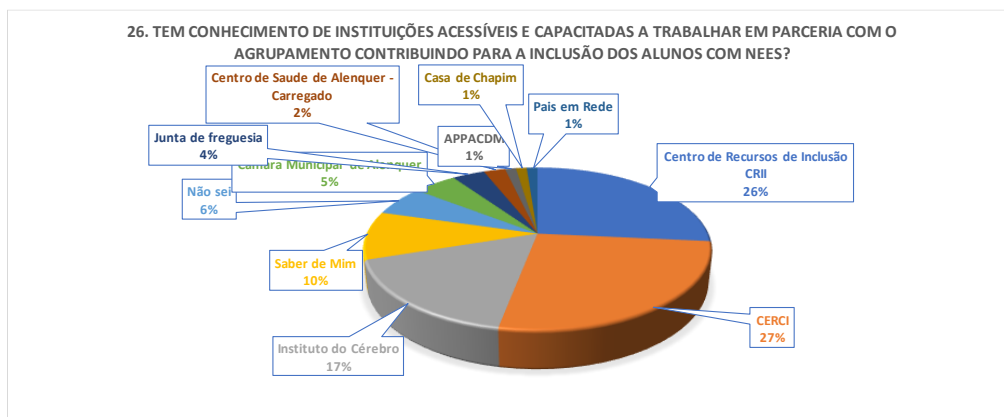
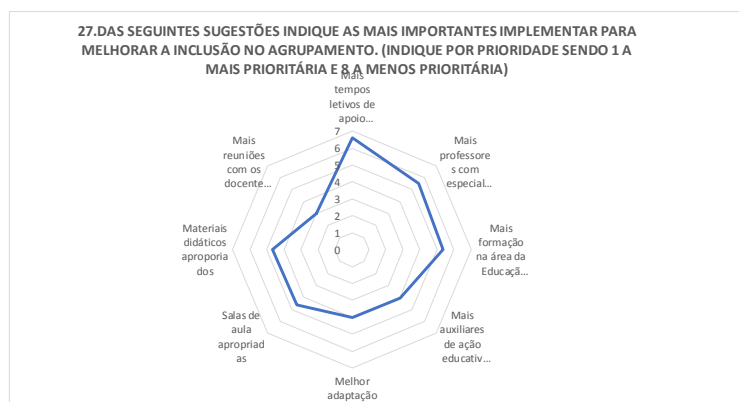


FIGURA 25 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre se têm conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE foram reconhecidas diversas instituições: CERICI, Centro de Recursos de Inclusão (CRI), Instituto do Cérebro, Saber de Mim, Câmara Municipal de Alenquer, Junta de Freguesia, Centro de Saúde de Alenquer-Carregado, Casa Chapim, Pais em Rede e APPACDM. Destas instituições as mais referenciadas são CERICI, Centro de Recursos de Inclusão (CRI), Instituto do Cérebro.



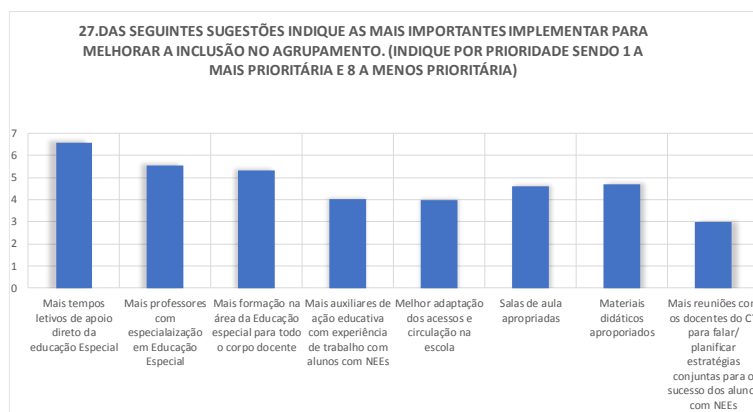


FIGURA 26 – DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS DOS DOCENTES SOBRE DIFICULDADES DO AEC PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NEE (CONTINUAÇÃO).

Na opinião da amostra de Docentes questionados sobre as sugestões mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento, sugerem por ordem de prioridade: mais tempos de apoio direto da EE, mais professores com especialização em EE, mais formação na área da EE para todo o corpo Docente, materiais didáticos e salas de aula apropriados, mais AO com experiência de Trabalho com NEE, melhor adaptação dos acessos e circulação na escola e, por último, mais reuniões com os docentes do CT para planificar estratégias conjuntas para o sucesso dos alunos com NEE. Deste resultado se poderá inferir que os EE sugerem como 3 prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento: mais professores com especialização em EE, mais tempos letivos de apoio direto da EE, mais AO com experiência de Trabalho com NEE.

Em síntese, da análise da questão 27 infere-se que:

- os Docentes sugerem como três prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento; mais tempos de apoio direto da EE, mais professores com especialização em EE e mais formação na área da EE para todo o corpo Docente.

Em termos de síntese dos resultados deste grupo IV de questões com vista a identificar as dificuldades e limitações do Agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE, pode-se concluir o seguinte relativamente aos Docentes:

- os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os próprios docentes, os AO e a Direção.

- os Docentes revelam percecionam como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a falta de espaços, recursos materiais, e recursos humanos.

- os Docentes não têm a certeza se os seus pares estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos com NEE, têm dúvidas, embora tendendo mais para que sim que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE e percecionam dúvidas ou tendência para que nem todos os AO estejam consciencializados para as questões de inclusão dos alunos NEE, pelo que se evidencia espaço para melhoria comunicacional sobre este tema no Agrupamento.

- os Docentes sugerem como três prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento; mais tempos de apoio direto da EE, mais professores com especialização em EE e mais formação na área da EE para todo o corpo Docente.

Em termos de síntese dos resultados deste grupo IV de questões com vista a identificar as dificuldades e limitações do Agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE, e agregando as perceções de Docentes, Alunos e Encarregados de Educação nas áreas: Comunicação e Informação, Recursos Humanos, Recursos Materiais.

Comunicação e Informação – dificuldades e limitações que podem ser melhoradas com ações de informação e comunicação

- os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente junto dos próprios docentes, dos AO e da Direção.

- os Docentes não têm a certeza se os seus pares estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos com NEE, têm dúvidas, embora tendendo mais para que sim que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE e percecionam dúvidas ou tendência para que nem todos os AO estejam consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEE, pelo que se evidencia espaço para melhoria comunicacional sobre este tema no Agrupamento.

- embora os EE tenham maioritariamente conhecimento de instituições acessíveis e capacidades a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE, existe espaço para estender essa informação a cerca de 20% dos EE que afirmam desconhecer-las.

- os alunos revelam uma grande dispersão sobre o fator que mais pode contribuir para o sucesso na inclusão dos alunos com NEE. No entanto, parece poder-se agrupar 30% nos fatores de maior sensibilização e mais informação.

Recursos Humanos – dificuldades e limitações que podem ser melhoradas com mais/melhores recursos humanos

- os Docentes sugerem como três prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento: mais tempos de apoio direto da EE, mais professores com especialização em EE e mais formação na área da EE para todo o corpo Docente.

- os EEd sugerem como 3 prioridades mais importantes a implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento: mais professores com especialização em EE, mais tempos letivos de apoio direto da EE, mais AO com experiência de Trabalho com NEE.

- os Docentes revelam perceberem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a falta de recursos humanos.

- os EEd percebem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a rotatividade e número de professores da Educação Especial (EE). Os restantes fatores revelam grande dispersão, podendo-se colocar num patamar intermédio de preocupação: a falta de funcionários, poucas horas de apoio direto.

- pode-se afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os AO apesar de boa parte ter formação/sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, esta poderá ser melhorada.

- os alunos revelam uma grande dispersão sobre o fator que mais pode contribuir para o sucesso na inclusão dos alunos com NEE. No entanto, uma minoria de 20% considera mais recursos humanos (professores especializados e auxiliares de ação educativa).

Recursos Materiais – dificuldades e limitações que podem ser melhoradas com mais/melhores recursos materiais

- os Docentes revelam perceberem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a falta de espaços e recursos materiais.

- os EEd percebem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: as condições materiais das salas de aula e a adequação dos seus conteúdos.

- os alunos revelam uma grande dispersão sobre o fator que mais pode contribuir para o sucesso na inclusão dos alunos com NEE. No entanto, parece poder-se agrupar 50% nos fatores de mais atividades e espaços de convívio.

Capítulo 3. Discussão de Resultados das Entrevistas e Questionários

Relativamente à informação recolhida das entrevistas e questionários é possível verificar que relativamente a cada um dos objetivos propostos:

- caracterizar a população escolar com NEE,

- que a amostra representa uma população: de alunos entre os 10 e os 15 anos, EE entre os 31 e 50 anos e docentes acima dos 41 anos, de alunos em maioria de género feminino, mas com uma significativa representatividade do género masculino (43%), EE maioritariamente femininos e Docentes essencialmente femininos. Globalmente o género feminino é o mais representativo.

- as amostras, como definido e verificado, representam; alunos, 2º e 3º ciclo, EE de todos os ciclos com maior preponderância do 2º ciclo e Docentes de todos os ciclos.

- a população escolar do AEC com NEE, foi caracterizada como sendo de 122 alunos com NEE num universo de 1413 alunos, sendo cerca de nove por cento (9%). Considerando que o agrupamento tem uma percentagem elevada de alunos NEE, com alguma tendência para subida, e que está ligeiramente acima da média nacional que era de 7% em 2016 (Ministério de Educação, 2017) e (Fundação Francisco Manuel do Santos, 2018). Para além do elevado número de alunos NEE, o espectro de necessidades educativas especiais é bastante alargado. As patologias mais frequentes dos alunos com NEE são: Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, hiperatividade, Síndrome de contrários, défices de atenção/concentração.

- os Docentes concordam maioritariamente (68%) que os EE dos alunos avaliados ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, estão esclarecidos/conscientes e sensibilizados para as NEE dos seus educandos e os EE também concordam maioritariamente que se consideram esclarecidos, conscientes e sensibilizados para as NEE do seu educando.

- identificar quais os recursos de que o agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão aos alunos NEE,

- O diretor do AEC tem procurado por via do estabelecimento de parcerias com entidades da zona e região do agrupamento, aumentar os recursos ao dispor dos alunos com NEE.

- Em termos de recursos humanos foi conseguido o aumento de quatro para sete docentes ao longo dos últimos anos e conseguiu-se contratar uma psicóloga a tempo inteiro afeta ao AEC.

- O agrupamento procura responder às necessidades destes alunos, tendo havido uma aposta de há dois ou três anos para cá na qualidade do apoio, procurando ter o cuidado de seleccionar o mais eficazmente possível os alunos que necessitam mesmo de apoio direto, dando mais horas para esse acompanhamento e procurando que outras situações mais ligeiras possam ter um apoio indireto com a colaboração dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial

- Face às necessidades do agrupamento, os meios materiais e humanos, são insuficientes, sendo que a Coordenadora da EE tem procurado obter mais meios por recurso a processos alternativos aos da tutela,

- Uma larga maioria dos Docentes questionados, reconhece trabalhar ou ter trabalhado com alunos com NEE há mais de 10 anos.

- Existe uma maioria (56%) de docentes com algum tipo de formação na Educação Especial, sendo esta formação do tipo: pontual creditada ou não (26%), Superior nesta área (20%) e Especialização em Educação Especial (10%).

- A vasta maioria (86%) dos Docentes identifica os recursos materiais e humanos do Agrupamento pela seguinte ordem de visibilidade e/ou importância: Professores da Educação Especial, Psicólogo, Terapias, sala da Educação Especial, Materiais didáticos, Projeto Multidisciplinar.

- Fazem parte de algum projeto/parceria de apoio a alunos com NEE com instituições externas ao Agrupamento, 7 dos professores inquiridos (20% da amostra). Destes, 6 fazem parte do Projeto Multidisciplinar como Complemento Pedagógico - PMCP e 1 do Projeto PES.

- Os Docentes da Educação Especial concordam maioritariamente (65%) que as salas dedicadas à EE para trabalhar com alunos com NEE estão equipadas com materiais didáticos adequados. Uma minoria expressiva de 24% discorda parcial ou totalmente. Daqui pode-se inferir que as salas têm alguns materiais, mas que há espaço para melhorar.

- Os EE consideram ter conhecimento dos recursos que o Agrupamento dispõe para a inclusão dos alunos com NEE e considera que esses recursos são suficientes. Os recursos mais valorizados pelos EEd são: os professores da EE, o apoio de psicologia e o apoio especializado da EE.

- caracterizar as atividades e iniciativas tomadas pelo agrupamento para dar resposta em termos de inclusão aos alunos NEE,

- A coordenadora do Grupo de EE tem múltiplas e diversas funções no AEC. Tem grandes dificuldades em delegar face à instabilidade do corpo docente da EE, ano após ano.

- A coordenação da EE exerce um trabalho articulado com o diretor, com a direção, com os docentes da EE e com os restantes docentes que lidam com os alunos com NEE.

- Os horários dos docentes da EE são elaborados, sempre que possível respondendo às necessidades dos alunos NEE,

- Plano Anual de Atividades (PAA) (Apêndice H) do grupo da EE apresenta um leque considerável de atividades que promovem e fomentam a educação para a diferença, importante para a inclusão dos alunos com NEE.

- O agrupamento realiza protocolos com instituições no âmbito das terapias e do apoio psicológico e parcerias que desenvolvem atividades que visam responder às necessidades dos alunos com NEE (Apêndice J).

- O agrupamento criou projetos internos, que desenvolvem atividades que visam responder às necessidades dos alunos com NEE, como por exemplo o Projeto MCP.

- A grande maioria (86%) dos Docentes afirma conhecer as atividades promovidas no Agrupamento pelo grupo da Educação Especial.

- levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com NEE.

- Dotar o AEC de mais docentes do grupo 910 afetos ao Quadro de Escola que permaneçam no agrupamento e /ou os docentes contratados que fiquem no agrupamento em situação pelo menos bianual, três salas no agrupamento, materiais específicos na área da educação especial, uma assistente social, formação na área da EE para os docentes de outros grupos disciplinares. Seria ainda necessário ter na sala de trabalho da educação especial um espaço de cozinha para a realização de atividades da vida diária.

- Tendo em conta a preparação dos alunos com NEE para o processo de transição para a vida pós-escolar estabelecer parcerias com empresas da zona do AEC, seria importante como processo de melhoramento da inclusão na sociedade. Na prática tais parcerias são de difícil realização por falta de docentes que façam a supervisão dos alunos em estágio.

- Face às necessidades do agrupamento, tem de existir uma capacidade de gestão e liderança que aposta numa equipa transversal (pessoal docente, não docente) motivada e rotinada, conhecedora pela formação e sobretudo pela experiência no terreno. O AEC tem procurado obter mais meios, quer por recurso à tutela (meios humanos), quer por processos alternativos aos da tutela, através de acordos com entidades locais e regionais especializadas (meios humanos e materiais),

- Ainda no campo dos meios, o diretor manifestou a vontade de ter uma unidade estruturada – Unidade de Multideficiência - para fazer face às necessidades específicas. Essa Unidade só poderá ser viável no médio prazo, mais por uma questão de espaço, face à sobrelotação do agrupamento.

- No âmbito das necessidades/dificuldades existe a preocupação da necessidade integrada de se perceber os problemas e necessidades das famílias dos alunos, pois muitas situações de NEE são originárias nas famílias. A família necessita de acompanhamento mais próximo mais precoce de forma a aligeirar algumas dessas necessidades. O Diretor sugeriu a existência do papel de um mediador a

funcionar junto das famílias, benéfico para as crianças em risco de ter NEE evitando que algumas destas situações possam vir a acontecer.

- Face às necessidades específicas, na área de psicologia, no agrupamento, os meios materiais não existem, sendo que a psicóloga utiliza materiais próprios para a avaliação dos alunos. Para dotar o agrupamento dos meios materiais necessários e adequados, nesta área específica, é fundamental a aquisição da Escala de Inteligência de Wechsler III (WISCIII), teste base para avaliação cognitiva dos alunos, de acordo com a psicóloga.

- Os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os próprios docentes, os AO e a Direção.

- Os Docentes não concordam maioritariamente (62%) que as salas dedicadas aos alunos com NEE sejam em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos.

- identificar dificuldades e limitações do agrupamento de escolas no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEE.

- Relativamente à dotação do agrupamento de mais meios humanos, a visão do diretor do AEC é a de que não é a grande quantidade de meios humanos especializados que faz a diferença, mas implicitamente a qualidade. Considerando que os três e seis meses de especialização são insuficientes para ter um profissional eficaz e eficiente. Identificou que só o tempo e um acompanhamento muito próximo das escolas, de pessoas com muita experiência é que vai fazer com que se tenham profissionais mais eficientes e eficazes. Identificou ainda que no campo de ação do diretor, para a especialização (foco na qualidade e não na quantidade) de recursos humanos, pode incentivar que os docentes da EE possam, de alguma forma, ter um contacto mais permanente com as crianças e o devido acompanhamento.

- os Docentes revelam perceberem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE; a falta de recursos humanos, a falta de espaços e recursos materiais.

- Verifica-se que existe alguma oposição entre a perceção de os alunos e seus pares contribuírem para a inclusão dos alunos com NEE e de os alunos NEE serem bem aceites por todos. Poder-se-á afirmar que apesar do esforço ou perceção de esforço de inclusão nem sempre os alunos NEE serão bem aceites por todos os alunos.

- os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os próprios docentes, os AO e a Direção. A sensibilização através de mais e melhor comunicação pode contribuir para aperfeiçoar a inclusão e diminuir algumas dificuldades e limitações, sobretudo se nascerem de perceções mais do que de factos, como por exemplo: a perceção pelos Docentes se os seus pares estão consciencializados sobre as questões de

inclusão dos alunos com NEE, a percepção de que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE, ou de que nem todos os AO estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEE.

- Embora os EEd tenham maioritariamente conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEE, existe espaço para estender essa informação a cerca de 20% dos EEd que afirmam desconhecê-las.

- Os alunos revelam uma grande dispersão sobre o fator que mais pode contribuir para o sucesso na inclusão dos alunos com NEE. No entanto, parece poder-se agrupar 30% nos fatores de mais sensibilização e informação.

- Os Docentes e os EEd sugerem como prioridades mais importantes a implementar, para melhorar a inclusão no Agrupamento mais tempos de apoio direto da EE, mais professores com especialização em EE e mais formação na área da EE para todo o corpo Docente e mais AO com experiência de trabalho com NEE.

- os EEd percebem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a rotatividade e reduzido número de professores da Educação Especial (EE), as condições materiais das salas de aula e adequação dos seus conteúdos. Os restantes fatores revelam grande dispersão, podendo-se colocar num patamar intermédio de preocupação: a falta de funcionários, poucas horas de apoio direto.

- Pode-se afirmar que os EE genericamente têm uma opinião de que os AO apesar de boa parte terem formação/sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, esta poderá ser melhorada.

- Os alunos revelam uma grande dispersão sobre o fator que mais pode contribuir para o sucesso na inclusão dos alunos com NEE. No entanto, parece poder-se agrupar 50% nos fatores de mais atividades e espaços de convívio.

- Os alunos demonstram alguma dispersão de opiniões, mas inclinam-se mais para discordar que os acessos na escola sejam adequados a todos os alunos com NEE e discordam de que as salas de aula estejam devidamente estruturadas/equipadas para acolher os alunos com NEE.

- Os Docentes tendencialmente concordam que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE embora exista uma minoria significativa de 25% que discorda em menor ou maior escala. Os EEd tendencialmente concordam que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE e que as salas de aula estão devidamente adequadas para acolher os alunos com NEE.

Na Tabela 3 é apresentada uma análise SWOT para sistematizar e sintetizar os pontos fortes, pontos negativos, oportunidades e desafios que apresenta o AEC e se perspetivar sobre a eventual distância entre as bases teóricas e a realidade concreta do agrupamento, no que à inclusão, diversidade pedagógica e efeitos das lideranças diz respeito.

TABELA 3 – ANÁLISE SWOT DO ESTUDO DE CASO NO AEC

Pontos Positivos	Pontos Negativos
<ul style="list-style-type: none"> - os Docentes consideram que os EEd dos alunos com NEE, estão esclarecidos/conscientes e sensibilizados para as NEE dos seus educandos, - os EEd concordam maioritariamente que se consideram esclarecidos, conscientes e sensibilizados para as NEE do seu educando. - O diretor do AEC tem procurado por via de parcerias com entidades da zona e região do AEC, aumentar os recursos ao dispor dos alunos com NEE. - O AEC realiza protocolos com instituições no âmbito das terapias e do apoio psicológico e parcerias que desenvolvem atividades que visam responder às necessidades dos alunos com NEE (Apêndice J). - Em termos de recursos humanos foi conseguido o aumento de quatro para sete docentes ao longo dos últimos anos e conseguiu-se contratar uma psicóloga a tempo inteiro afeta ao AEC. - O AEC procura responder às necessidades dos alunos com NEE, por procura de maior adequação do nível de apoio às NEE de cada aluno: mais horas de apoio direto para alunos com mais NEE e um apoio indireto nos alunos com NEE mais ligeiras, com a colaboração dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial - A larga maioria dos Docentes reconhece trabalhar ou ter trabalhado com alunos com NEE há mais de 10 anos. - Maioria (56%) de Docentes com algum tipo de formação na Educação Especial, sendo esta formação do tipo: pontual creditada ou não (26%), Superior nesta área (20%) e Especialização em Educação Especial (10%). - Os Docentes da Educação Especial reconhecem que as salas dedicadas à EE para trabalhar com alunos com NEE estão equipadas com materiais didáticos adequados. - Fazem parte de projetos/parcerias de apoio a alunos com NEE com instituições externas ao AEC, 7 dos professores inquiridos (20% da amostra). Destes 6 fazem parte Projeto Multidisciplinar como Complemento Pedagógico - PMCP e 1 do Projeto PES. - Os EEd consideram ter conhecimento dos recursos que o Agrupamento dispõe para a inclusão dos alunos com NEE e considera que esses recursos são suficientes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Face às necessidades do agrupamento, os meios materiais e humanos, são insuficientes, sendo que a Coordenadora da EE tem procurado obter mais meios por recurso a processos alternativos aos da tutela, - Os Docentes consideram que as salas dedicadas aos alunos com NEE não são em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos. - Os Docentes revelam percecionar como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a falta de recursos humanos, a falta de espaços e recursos materiais no AEC. - A coordenadora do Grupo de EE tem múltiplas e diversificadas funções para todo o AEC. Tem dificuldades em delegar decorrentes da instabilidade do corpo docente do EE. - Falta de meios materiais específicos da área da psicologia, sendo que a psicóloga utiliza materiais próprios para a avaliação dos alunos. - Os Docentes evidenciam que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os próprios docentes, os AO e a Direção.

<ul style="list-style-type: none"> - A coordenação da EE exerce um trabalho articulado com o diretor, com a direção, com os docentes da EE e com os restantes docentes que lidam com os alunos com NEE. - PAA do grupo da EE (Apêndice H) apresenta um leque considerável de atividades que promovem e fomentam a educação para a diferença, importante para a inclusão dos alunos com NEE. - O agrupamento edificou projetos internos, que desenvolvem atividades que visam responder às necessidades dos alunos com NEE, como por exemplo o Projeto MCP. - A maioria dos Docentes conhece as atividades promovidas no AEC pelo grupo da EE. 	
Oportunidades	Desafios
<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar sucesso na inclusão os nove por cento (9%) da população escolar de alunos com NEE, sendo uma percentagem ligeiramente acima da média nacional, de 7% em 2016 - Atingir sucesso na inclusão ao espectro de NEE bastante alargado existente no AEC. - Potenciar os recursos materiais e humanos dos identificados pelos Docentes: Professores da Educação Especial, Psicólogo, Terapias, sala da Educação Especial, Materiais didáticos, Projeto Multidisciplinar. - Potenciar os recursos mais valorizados pelos EEd são: os professores da EE, o apoio de psicologia e o apoio especializado da EE. - Visão do diretor sobre o equilíbrio entre formação específica em EE e prática com alunos com NEE para mais qualidade, ou seja mais sucesso na inclusão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar sucesso na inclusão os nove por cento (9%) da população escolar de alunos com NEE, sendo uma percentagem ligeiramente acima da média nacional, de 7% em 2016 - Atingir sucesso na inclusão ao espectro de NEE bastante alargado existente no AEC. - Responder às necessidades dos alunos com NEE, por procura de maior adequação do nível de apoio às NEE de cada aluno: mais horas de apoio direto para alunos com mais NEE e um apoio indireto nos alunos com NEE mais ligeiras, com a colaboração dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial - As salas dedicadas à EE para trabalhar com alunos com NEE estão equipadas com alguns materiais didáticos adequados, mas há espaço para melhorar. - Elaborar os horários dos docentes da EE respondendo as necessidades dos alunos com NEE. - Dotar o AEC de: <ul style="list-style-type: none"> Mais Docentes do grupo 910 afetos ao Quadro de Escola que permaneçam no agrupamento e /ou os docentes contratados que fiquem no agrupamento em situação pelo menos bianual, uma assistente social formação na área da EE para os docentes de outros grupos disciplinares. - Dotar o AEC de: <ul style="list-style-type: none"> duas salas de aula dedicadas à EE, um espaço de cozinha para a realização de atividades da vida diária, na atual sala de trabalho da EE. materiais específicos na área da educação especial. - Edificar um projeto para parcerias com empresas da zona do AEC, tendo em conta a preparação destes alunos para o processo de transição para a vida pós-escolar e melhoramento da inclusão na sociedade.

	<ul style="list-style-type: none"> - Potenciar capacidade de gestão e liderança dos escassos recursos humanos através de uma equipa transversal (pessoal docente, não docente) motivada e “oleada”, conhecedora pela formação e sobretudo pela experiência no terreno. - Dotar o AEC de uma unidade estruturada – Unidade de Multideficiência - para fazer face às necessidades específicas. Essa Unidade só poderá ser viável no médio prazo, mais por uma questão de espaço, face à sobrelotação do agrupamento. - Edificar um projeto de acompanhamento próximo e precoce à família de forma a minorar/evitar algumas das situações de NEE, que incluiria um mediador família/escola. - Dotar o AEC dos meios materiais necessários e adequados, na área da psicologia, e.g. escala de Inteligência de Wechsler III (WISCIII, teste base para avaliação cognitiva dos alunos). - Garantir a sensibilização para os alunos com NEE através de mais e melhor comunicação pode contribuir para melhorar a inclusão e diminuir algumas dificuldades e limitações, sobretudo as que nascem de perceções mais do que de factos, como por exemplo: a perceção pelos Docentes se os seus pares estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos com NEE, a perceção de que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE, ou de que nem todos os AO estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEE. - Os Docentes e os EEd sugerem como prioridades mais importantes implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento: mais tempos de apoio direto da EE, mais professores com especialização em EE e mais formação na área da EE para todo o corpo Docente e mais AO com experiência de trabalho com NEE. - os EEd percecionam como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a rotatividade e reduzido número de professores da Educação Especial (EE), as condições materiais das salas de aula e adequação dos seus conteúdos, seguidos da falta de funcionários e poucas horas de apoio direto. - Pode-se afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os AO apesar de boa parte terem formação/sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, esta situação poderá ser melhorada. - Avaliar a adequação dos acessos do AEC a todos os alunos com NEE, uma vez que os questionários evidenciam que tendencialmente são adequados, mas existe uma significativa minoria que discorda.
--	---

Decorrente do estudo feito, e transversal aos objetivos atrás analisados podem-se ainda incluir as seguintes observações sobre sucesso na Inclusão:

- Quanto à possibilidade dos alunos com NEE obterem sucesso na inclusão, o diretor acredita que tal será possível, com o tempo, com o envolvimento global dos docentes, não-docentes e família.

- O agrupamento e a sociedade vão num sentido do reconhecimento de que a Educação Especial seja efetivamente algo que toda a gente sem exceção perceba que existe, e que os alunos com NEE são apenas diferentes, mas com os mesmos direitos, os mesmos deveres e por isso acredita no sucesso, sendo que um primeiro passo, o da integração, está feito.

- O sucesso pleno na inclusão, não tem que ser só com os meios da Educação Especial, mas com todos envolvidos da comunidade escolar a trabalhar para o mesmo fim.

- O agrupamento analisado evidencia ter vindo a percorrer um caminho no sentido de um dia chegar à plena inclusão, receando, no entanto, que a tutela com as atuais medidas/cortes faça retroceder nas conquistas já conseguidas.

CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho desenvolvido tendo em conta o contexto teórico elencado, bem como o estudo de caso efetuado é possível concluir que a população escolar com NEE do AEC, tem atualmente 122 alunos num universo de 1413 alunos, sendo cerca de nove por cento (9%). Considerando que o agrupamento tem uma percentagem elevada de alunos NEE, com alguma tendência para subida, o que está ligeiramente acima da média nacional que era de 7% em 2016 (Ministério de Educação, 2017) e (Fundação Francisco Manuel do Santos, 2018). Para além do elevado número de alunos NEE, o espectro de necessidades educativas especiais é bastante alargado. Desta realidade pode-se inferir que o AEC constitui-se uma materialização parcial da Declaração de Salamanca no que se refere a “o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam.”(p.11).

Relativamente a outras dimensões que permitem verificar o grau de inclusão atingido pelo AEC pode-se concluir que:

- O AEC tem sete docentes da EE, o que dá um rácio de cerca de 18 alunos por docente, o que se compara, por exemplo, com o rácio global do AEC de 12 alunos por Docente. Pode-se dizer que o rácio é superior ao rácio nacional tomando os dados do Ministério da Educação (Ministério de Educação, 2017), cujo rácio de alunos com NEE (Quadro I.1) vs. docentes da EE (Quadro IV.1) na pior das comparações dá 12 alunos com NEE por Docente da EE.

- O AEC tem uma psicóloga a tempo inteiro e tem procurado por via do estabelecimento de parcerias e protocolos com entidades da zona e região do agrupamento, aumentar os recursos ao dispor dos alunos com NEE, quer no âmbito das terapias e do apoio psicológico quer para o desenvolvimento de atividades que visam responder às necessidades dos alunos com NEE.

- O grupo da EE apresenta um leque considerável de atividades que promovem e fomentam a educação para a diferença, importante para a inclusão dos alunos com NEE.

- O agrupamento criou projetos internos, que desenvolvem atividades que visam responder às necessidades dos alunos com NEE, como por exemplo o Projeto MCP.

- O AEC tem uma larga maioria dos Docentes a trabalhar ou ter trabalhado com alunos com NEE há mais de 10 anos. Tal pode indiciar elevada experiência de campo, o que combinado com o facto de a maioria dos docentes ter algum tipo de formação na Educação Especial, sendo esta formação do tipo; pontual creditada ou não (26%), Superior nesta área (20%) e Especialização

em Educação Especial (10%), pode propiciar condições razoáveis para caminhar para o sucesso na inclusão.

Nesta dimensão verifica-se que existe um esforço do AEC para garantir uma educação com qualidade a todos os alunos procurando constituir-se uma materialização da componente restante da Declaração de Salamanca no que se refere a : “Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos alunos adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades” (p.11).

No entanto, existem necessidades e desafios a vencer significativos dado que, face às necessidades do agrupamento, os meios materiais e humanos, são insuficientes, sendo que internamente se tem procurado obter mais meios por recurso a processos alternativos aos da tutela,. Foi identificado que para dotar o agrupamento dos meios humanos, materiais necessários e adequados seriam necessários mais docentes do grupo 910 afetos ao Quadro de Escola que permaneçam no agrupamento e/ou os docentes contratados que fiquem no agrupamento em situação pelo menos bianual, três salas no agrupamento (a existente mais duas), materiais específicos na área da educação especial, uma assistente social, formação na área da EE para os docentes de outros grupos disciplinares. Seria ainda necessário ter na sala de trabalho da educação especial um espaço de cozinha para a realização de atividades da vida diária. As salas existentes dedicadas à EE para trabalhar com alunos com NEE têm materiais, mas há espaço para melhorar.

A coordenadora do Grupo de EE afigura-se sobrecarregada com múltiplas tarefas, além de ser docente da EE. Tal pode derivar da elevada instabilidade do corpo docente do grupo de EE, que não permite maior delegação. Este contexto de liderança intermédia é desfavorável para um caminho sustentável no sucesso da inclusão.

Face às necessidades específicas, na área de psicologia, no agrupamento, os meios materiais não existem, sendo que a psicóloga utiliza materiais próprios para a avaliação dos alunos. Para dotar o agrupamento dos meios materiais necessários e adequados, nesta área específica, é fundamental a aquisição da Escala de Inteligência de Wechsler III (WISCIII), teste base para avaliação cognitiva dos alunos, de acordo com a psicóloga.

Em face dos recursos existentes vs. número de alunos com NEE, o diretor do AEC utiliza outras estratégias de racionalização de recursos para aumentar a resposta às necessidades dos alunos com NEE, nomeadamente através de seleção mais criteriosa para os apoios diretos e dando

mais horas para esse acompanhamento e procurando que outras situações mais ligeiras possam ter um apoio indireto com a colaboração dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial. Face às necessidades do agrupamento, os meios materiais e humanos têm de ser geridos dentro da realidade existente, ou seja, gerindo prioridades, e apostando numa equipa transversal (pessoal docente, não docente) motivada e rotinada, conhecedora pela formação e sobretudo pela experiência no terreno, de acordo com a visão do diretor.

Neste aspeto o diretor segue uma gestão e uma liderança na linha exposta no artigo 4º do DL3/2008: “Para uma flexibilização da organização escolar visando o bom funcionamento da educação especial, devem as escolas ou agrupamentos de escolas contemplar nos seus projetos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, de carácter organizativo e de funcionamento, necessárias à resposta educativa aos alunos que se enquadram na educação especial. Estas adequações melhoram a qualidade da educação prestada, beneficiando, desta forma, todos os alunos. Nos projetos educativos da escola deverão estar registadas, entre outras, as ações e respostas específicas a implementar, as parcerias a estabelecer, as acessibilidades físicas a efetuar, assegurando assim a participação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente nas atividades de cada grupo ou turma e da comunidade educativa em geral.”

Os Docentes discordam que as salas dedicadas aos alunos com NEE sejam em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos e revelam perceberem como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE a falta de recursos humanos, a falta de espaços e de recursos materiais.

A vasta maioria dos Docentes percebe como recursos materiais e humanos do agrupamento mais importantes: os Professores da Educação Especial, o Psicólogo, as Terapias, a sala da Educação Especial, Materiais didáticos e o Projeto MCP, os quais devem, pois, ser potenciados, mas, por outro lado os Docentes não se valorizam a si próprios como recursos importantes para o sucesso na inclusão. Tal, a par de algumas necessidades de mais e melhor comunicação (adiante expostas) podem, só por si, contribuir para um maior sucesso no processo de inclusão de alunos com NEE. Esta perspetiva é reiterada pelos EEd que consideram como recursos mais valorizados: os professores da EE, o apoio de psicologia e o apoio especializado da EE.

Decorrente das respostas dos alunos, EEd, bem como dos Docentes evidencia-se que toda a comunidade escolar necessita de ter uma maior sensibilização para as NEE, nomeadamente os

próprios docentes, os AO e a Direção, conclui-se que a sensibilização através de mais e melhor comunicação pode contribuir para melhorar a inclusão e diminuir algumas dificuldades e limitações, sobretudo se nascerem de perceções mais do que de factos, como por exemplo; a perceção pelos Docentes se os seus pares estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos com NEE, a perceção de que os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEE, ou de que nem todos os AO estão consciencializados para as questões de inclusão dos alunos NEE e a perceção de que os próprios docentes não são dos recursos mais importantes para a inclusão de alunos com NEE.

Os EEd percecionam como maiores dificuldades na promoção do sucesso na inclusão dos alunos com NEE: a rotatividade e o fraco número de professores da Educação Especial (EE), as condições materiais das salas de aula e adequação dos seus conteúdos. Podem-se colocar num patamar intermédio de preocupação; a falta de funcionários, poucas horas de apoio direto. Pode-se ainda afirmar que os EEd genericamente têm uma opinião de que os AO apesar de boa parte terem formação/sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEE, esta poderá ser melhorada.

Relativamente aos acessos no agrupamento os alunos inclinam-se mais para discordar que sejam adequados a todos os alunos com NEE e discordam de que as salas de aula estejam devidamente estruturadas/equipadas para acolher os alunos com NEE. Os Docentes e os EEd tendencialmente concordam que os acessos no agrupamento são adequados a todos os alunos com NEE embora exista uma minoria significativa de 25% que discorda em menor ou maior escala. Neste item seria de avaliar a adequação dos acessos do AEC a todos os alunos com NEE, uma vez que os questionários evidenciam que tendencialmente são adequados, mas existe uma significativa minoria que discorda.

A visão do diretor do AEC é a de que não é a grande quantidade de meios humanos especializados que faz a diferença, mas implicitamente a qualidade. Considerando que os três e seis meses de especialização são insuficientes para ter um profissional eficaz e eficiente. Identificou que só o tempo e um acompanhamento muito próximo das escolas, de pessoas com muita experiência é que vai fazer com que se tenham profissionais mais eficientes e eficazes. Identificou ainda que no campo de ação do diretor, para a especialização (foco na qualidade e não na quantidade) de recursos humanos, pode incentivar a que os docentes da EE possam de alguma forma ter um contacto mais permanente com as crianças e o devido acompanhamento. Esta sensibilidade e equilíbrio entre necessidades de gestão impostas pelas escassez de recursos e a liderança para a inclusão enquadram-se de alguma forma na diferenciação entre gestão e liderança elencada por (Bento A. , 2008), que

considera que a liderança é mais emocional, inovadora, criativa, inspiradora, visionária, relacional-pessoal, original, criativa, assente em valores, enquanto a gestão é mais racional, fria, calculista, eficiente, procedimental, imitadora e reativa, sendo que a liderança do AEC apresenta traços de liderança segundo (Bento A. , 2008), e alguns traços de gestão. A primeira vertida na visão sobre os problemas e necessidades da NEE e a segunda decorrente de uma visão pragmática de gestão diária dos recursos existentes. Tal vai de encontro ao descrito por Ferreira (Ferreira & Torres, 2012), de que o estilo de liderança em contexto escolar será tendencialmente uma combinação de vários estilos, que apesar de regulado exteriormente, é igualmente um processo que se constrói no seio da organização e, por outro lado, o estilo adotado será o resultado de diferentes variáveis socioculturais e organizacionais, que condicionam fortemente a ação do líder formal, levando-o a adotar um estilo “mestiço”, embora um deles possa estar mais marcadamente evidenciado.

De acordo com a mesma visão o estabelecimento de parcerias com empresas da zona do agrupamento, tendo em conta a preparação dos alunos com NEE para o processo de transição para a vida pós-escolar, é uma necessidade importante como processo de melhoramento da inclusão na sociedade. Na prática tais parcerias são de difícil realização por falta de docentes que façam a supervisão dos alunos em estágio. Outro aspeto da visão do diretor é o de que no futuro, o AEC poderia ter uma unidade estruturada – Unidade de Multideficiência - para fazer face às necessidades específicas e melhorar o apoio aos alunos com NEE. Essa Unidade só poderá ser viável no médio prazo, por uma questão de espaço, face à sobrelotação do agrupamento.

No âmbito das necessidades/dificuldades existe a visão do diretor da necessidade integrada de se perceber os problemas e necessidades das famílias dos alunos, pois muitas situações de NEE são originárias nas famílias. A família necessita de acompanhamento mais próximo mais precoce de forma a aligeirar algumas dessas necessidades. A existência de um mediador a funcionar junto das famílias, seria benéfico para as crianças em risco de ter NEE, cujo papel seria evitar que algumas destas situações pudessem vir a acontecer.

Tendo em conta estes aspetos da visão do diretor e segundo (Bento A., 2008), o Líder escolar deve possuir as seguintes qualidades: Visão: ter a visão para o futuro e saber comunicar essa visão aos outros e transformar a visão em realidade. Associada à visão (nível estratégico) está a Missão (nível tático/operacional) que guia a organização na prossecução da visão; Credibilidade: gerar nos seus colaboradores a perceção de confiança nas suas ideias e realizações; Visibilidade: ser presente e visível na comunicação da visão e na mobilização para a execução da missão.

Para atrair pessoas para a sua visão, os líderes devem conhecer os seus seguidores e falar a linguagem deles. As pessoas devem acreditar que os líderes compreendem as suas necessidades e levam em conta os seus interesses. A liderança é um diálogo, não um monólogo. Apenas mediante o conhecimento íntimo dos sonhos, das esperanças, das aspirações, das visões e dos valores dessas pessoas é que os líderes podem conseguir apoio. Estão dispostos a correr riscos, a inovar e a experimentar, com o objetivo de encontrar novas e melhores maneiras de fazer as coisas (Kouzes&Posner, 2009).

Segundo (Thurler, 2001) a liderança escolar voltada para a transformação, que é a que releva neste trabalho, visa a melhoria das competências individuais e coletivas dentro do estabelecimento escolar, objetivando a modificação de novas práticas. O líder transformacional age essencialmente sobre a cultura existente, sobre as representações, emoções, atitudes e crenças dos diferentes atores e, por isso, sobre a realização dos seus objetivos individuais e coletivos.

Consequentemente, a liderança voltada para a transformação representa uma intervenção sobre a cultura organizacional na sua globalidade. Muitos autores descrevem os líderes da transformação como pessoas visionárias, envolvidas abertamente no processo de mudança, que conseguem levar maior parte dos seus pares para a construção de representações comuns e partilhadas, transformam a cultura organizacional pela coerência e congruência com que administram, o chamado estabelecimento do projeto coletivo (Thurler, 2001).

Tendo em conta alguns aspetos da visão do diretor, mas também algumas lacunas de informação mútua acima referidas, importa salientar a visão e liderança, mas também maior capacidade de disseminação do conhecimento sobre NEE em toda a comunidade escolar.

Em resumo, O AEC tem diversos fatores que indiciam um caminho percorrido no sentido de sucesso para a inclusão: aumento de professores de EE, existência de uma psicóloga, esforço das lideranças na procura de parecerias e protocolos que estendam os recursos do AEC, sensibilidade sobre toda a envolvente que o sucesso para a inclusão exige (envolvimento de toda a comunidade educativa e mudança de perceções, comportamentos e atitudes), esforço na adaptação do espaço sobrelotado existente aos alunos com NEE. Por outro lado o AEC revela desafios a vencer para continuar a percorrer eficientemente e eficazmente o caminho do sucesso para a inclusão: efetuar mais e melhor comunicação e sensibilização sobre as NEE e a inclusão dos alunos com NEE aos docentes, assistentes operacionais, alunos e EEd, dotar o AEC de mais salas dedicadas à EE devidamente equipadas, dotar o AEC de meios específicos de apoio ao trabalho da

psicóloga existente, aumentar a estabilidade dos docentes do grupo da EE, variações de “governança” e prioridades na esfera da tutela.

Tendo presentes estes pontos fortes e estes desafios (sintetizados na Tabela 3) será possível obter ainda maior sucesso na inclusão, com o envolvimento global dos docentes, não-docentes e família, tendo em conta que o agrupamento e a sociedade vão num sentido do reconhecimento, da “normalidade” e utilidade da Educação Especial, e de que os alunos com NEE são apenas diferentes, mas com os mesmos direitos, os mesmos deveres. Nesse sentido (Stainback&Stainback, 1999) declara que “Quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos: a sociedade inclusiva, onde a diferença será vista como um desafio, facilitadora para o desenvolvimento de novas aprendizagens e competências, pois quando as escolas incluem todos os alunos, a igualdade é respeitada e promovida como um valor na sociedade, com os resultados visíveis da paz social e da cooperação “.

O Decreto-Lei n.º 3/2008, (Ministério da Educação, 2008), é a legislação atualmente em vigor. Tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. A referência principal é o desenvolvimento de uma escola inclusiva, consagrando princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades. Um sistema de educação inclusivo deve estruturar-se e desenvolver-se atendendo à diversidade de características das crianças e jovens, às diferentes necessidades ou problemas e, portanto, à diferenciação de medidas. Diversos aspetos deste DL nº3/2008m podem ser observados como operacionalizados no estudo de caso efetuado, outros têm um caminho a percorrer como identificado.

Tendo em conta a diversidade do AEC, considera-se que o agrupamento tendencialmente funciona em equipa coordenada, de acordo com os aspetos: organização dos horários e das atividades; abertura da escola aos pais; abertura da escola à comunidade, tentando assumir o papel de escola inclusiva de todos seguindo Niza (Niza, Necessidades Especiais de Educação: da Exclusão à Inclusão na Escola, 1996).

Este estudo não encerra a investigação, antes pelo contrário levanta questões que poderão ser relevantes no caminho para o sucesso da inclusão,

BIBLIOGRAFIA

- Ainscow, M. (1995). *Educação para Todos: Torná-la uma Realidade*. Lisboa: Instituto da Inovação Educacional.
- Armstrong, F., & Rodrigues, D. (2014). *A Inclusão nas Escolas*. Lisboa: FFMS.
- Assembleia da República. (14 de 10 de 1986). Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86. *Diário da República, n.º 237 Série I, 3067 - 3081*.
- Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de Investigação* (1ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Bento. (abril de 2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?*(64), 40-43. Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira).
- Bento, A. (2008). Desafios à Liderança em Contextos de Mudança. Em *Educação em Tempo de Mudança* (pp. 31-51). Madeira: Universidade da Madeira.
- Boal, M. E., Hespanha, M. C., & Borralho, M. (1996). Para uma pedagogia diferenciada. *Programa de Educação para Todos - Cadernos PEPT 2000*.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação-Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (1ª ed.). Lisboa: Porto Editora.
- Bolívar, A. (2009). Liderar as escolas no séc. XXI: uma liderança para a aprendizagem. Madeira.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. 2, nº1, pp. 60-80. Obtido de TESE: Revista Eletrónica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC: <http://www.emtese.ufsc.br>
- Booth, T., & Ainscow, M. (2002). *Index for Inclusion*. Bristol: CSIE.
- Brisk, M. E. (1998). Diferencias en Estudiantes de diversidad linguística y cultural: factores principales. *1º Congreso Pedagogia Diferenciada*, (pp. 29-43). Lisboa.
- CARMO, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Checkley, K. (Setembro de 1997). The First Seven...and the Eighth: A Conversation with Howard Gardner. (<http://eric.ed.gov/?id=EJ550524>, Ed.) *Educational Leadership*, 55. No. 1, pp. 8-13.
- Conselho Nacional de Educação. (1999). *Crianças e alunos com necessidades educativas especiais*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Corsaro, W. (s.d.). Pesquisa etnográfica realizada com as crianças de Jardins de Infância nos EUA e em Itália. Bloomington, Indiana, USA.
- Costa, A. M. (1996). A Escola Inclusiva: do conceito à prática. Em *Inovação - Educação e Diversidade* (Vol. 9). Lisboa: Ministério da Educação - Instituto da Inovação Educacional.
- Coutinho, C., & Chaves, J. H. (2002). *O Estudo de Caso na Investigação Tecnológica Educativa em Portugal*, 211-243. Revista Portuguesa de Educação.
- Eco, H. (1984). *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Presença.

- Educação, M. d. (2008). *Manual de Apoio à prática - Direção Geral Inovação e de desenvolvimento Curricular*. Mem Martins: Editorial Ministério da Educação.
- Ferreira, M., & Hermano, C. (2015). *Metodologia de Investigação* (3ª Edição ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Ferreira, N. C., & Torres, L. L. (jan- abr de 2012). Perfil de Liderança do diretor de escola em Portugal: modos de atuação e estratégias de regulação da cultura organizacional. *Revista Brasileira de Política e Administração de Educação*, 28, pp. 86-111.
- Freire, S. (2008). Um Olhar Sobre a Inclusão. *Revista da Educação, Volume XVI, nº1*, 5-20.
- Fundação Francisco Manuel do Santos. (06 de 06 de 2018). PORDATA - Alunos matriculados no ensino básico público: total e por modalidade de ensino. Lisboa, Portugal. Obtido de <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+básico+público+total+e+por+modalidade+de+ensino-1040>
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (12 de 02 de 2018). PORDATA - Escolaridade da População. Obtido em 03 de 06 de 2018, de PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo: <https://www.pordata.pt/Portugal/População+residente+com+15+e+mais+anos+total+e+por+nível+de+escolaridade+completo+mais+elevado-2101>
- Gardner, H. (2006). *Multiple intelligences: New horizons*. Nova York: Basic Books.
- Giangreco. (1997). Escola inclusiva, inclusão, educação inclusiva ou inclusivismo?
- Gomes, M. H. (07 de Janeiro de 2006). *psicopedagogia online*. Obtido em 27 de Fevereiro de 2014, de www.psicopedagogia.com.br: <http://www.psicopedagogia.com.br/opinio/opinio.asp?entrID=429>
- Grave- Resendes, L., & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Grave-Resendes, L. (2004). O Direito à educação e a Educação dos Direitos. *Educação e Direitos Humanos*.
- Grave-Resendes, L. (2008). *Inclusão Educativa*.
- Hill, M., & A, H. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edicção Silaba.
- johnson, B., & Christensen, L. (2004). *Educational Research:quantitative, qualitative and mixed approahes*. Boston: Pearson Education.
- Kouzes, J. M., & Posner, B. Z. (2009). *O Desafio da Liderança*. Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio.
- Leithwood, K., & Day, C. (15 de fevereiro de 2008). The Impact of School Leardership on Pupil outcomes. *School Leadership & Management*, 28:1, pp. 1-4.
- Manzini, E. J. (2004). Entrevista Semi-Estruturada: análise de abjetivos e de roteiros. *Senimário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: A pesquisa qualitativa em debate*. Anais. Bauru: SIPEQ.
- Ministério da Educação. (18 de 01 de 2001). Reorganização curricular do ensino secundário, Decreto-Lei 6/2001. *Diário da República n.º 15/2001, Série I-A*.
- Ministério da Educação. (7 de janeiro de 2008). decreto-lei 3/2008 . *Diário da República, n.º 4, Série I*.

- Ministério da Educação. (22 de abril de 2008). Decreto-Lei nº 75.
- Ministério da Educação. (2 de julho de 2012). Decreto-Lei n.º 137.
- Ministério de Educação. (2017). *Necessidades Especiais de Educação - Dados Estatísticos*. Lisboa: DGEEC.
- Moreira, J. (2004). *Questionários Teoria a Prática*. Coimbra: Almedina.
- Mrech, L. M. (02 de Janeiro de 2001). *Educação on-line*. Obtido em 27 de Fevereiro de 2014, de www.educacaoonline.pro.br:
http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=107:0-que-e-educacao-inclusiva&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17
- Niza, S. (1996). Necessidades Especiais de Educação: da Exclusão à Inclusão na Escola. Em *Inovação - Educação e Diversidade* (Vol. 9). Lisboa: Ministério da Educação - Instituto de Inovação Educacional.
- Niza, S. (9 a 22 de Abril de 2008). Regresso ao passado. *Jornal de Letras - Educação* nº 976, pp. 6-7.
- Nogueira, C. (2009). *Educação Especial, comunicar com crianças com paralisia cerebral* (1ª edição ed.). Lisboa: Editorial Novembro.
- Nuno Carrola Ferreira, L. L. (jan- abr de 2012). Perfil de Liderança do diretor de escola em Portugal: modos de atuação e estratégias de regulação da cultura organizacional. *Revista Brasileira de Política e Administração de Educação*, 28, pp. 86-111.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. Califórnia: Sage.
- Perrenoud, P. (1997). *Pédagogie Différenciée: des Intentions à L'action*. Paris: ESF éditour.
- Pijl, S. C. (1997). Inclusion: implementation and approaches. In S. J. Pijl, C. J. W. Meijer, & S. Hegarty (Eds.), Incl. Em *Inclusive education* (pp. 150-161). London: New York: Routledge.
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. (25), 105-132. *Bolema*.
- Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas do Carregado. (2014). Carregado.
- Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas do Carregado. (2014-2017). Carregado.
- Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas do Carregado. (2014). Carregado.
- Reichardt, C., & Thomas, C. (1986). *Metodos cualitativos y cuantitativos em investigacion evolutiva*. Madrid: Ediciones Morata.
- (2016). *Relatório do Observatório da Qualidade do Agrupamento de Escolas do Carregado 2013-2015*. Carregado.
- Santos, L. (2009). Diferenciação pedagógica: um desafio a enfrentar. *Noesis*, pp. 52-57. Obtido em 02 de Março de 2014, de <http://area.fc.ul.pt>:
<http://area.fc.ul.pt/pt/artigos%20publicados%20nacionais/Diferenciacao%20Pedagogica%20Noesis.pdf>
- Sousa, L. B., & Barroso, M. G. (março de 2008). Pesquisa etnográfica: evolução e contribuição para a enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, pp. 150 -155.

- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor.
- Stainback, S., & Stainback, W. (1999). *Inclusão –Um Guia para Educadores*. Porto Alegre: ARTMED ed.
- Stake, R. E. (2012). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso* (3ª Edição ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Thurler, M. (2001). Liderança e Modos do poder. Em M. Thurler, *Inovar no Interior da Escola* (pp. 1-13). Porto Alegre: Artemed Editora.
- Tomlinson, C. A. (2008). *Diferenciação pedagógica e diversidade*. Porto: Porto Editora.
- UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidade Educativas Especiais. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- UNESCO. (2004). *Changing Teaching Practices: using curriculum differentiation to respond to student's diversity*. Paris: United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization.
- Yin, R. (2008). *Case Study Research: Design and Methods* (4ª ed.). Thousand Oaks: SAGE Pulicatons Inc.
- Zimmermann, R. L., & Strieder, R. (Setembro de 2010). A inclusão escolar e os desafios da aprendizagem. 144-162.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

- Decreto-Lei nº 174 de 2 de maio.
- Constituição da República (Artigos 71º, 72º e 73º).
- Decreto-Lei nº 174 de 2 de maio.
- Despacho nº 59 de 8 de agosto.
- Lei nº 66 de 4 de outubro.
- Decreto-Lei nº 538 de 31 de dezembro.
- Decreto-Lei nº 301 de 7 de setembro.
- Decreto-Lei 43/89 de 3 de fevereiro.
- Despacho 611/93 de 29 de junho.
- Decreto-Lei 319/91, de 23 de agosto.
- Decreto-Lei 190/91, de 17 de maio.
- Despacho Conjunto Nº 105/97, de 1 de julho.
- Decreto-Lei 115 A/98 de 15 de maio.
- Despacho conjunto nº 600/99, 22 de julho.
- Decreto-Lei 6/2001 de 18 de janeiro.

Decreto-Lei 3/ 2008, de 7 de janeiro.

Decreto-Lei n.º 281/2009, de 6 de outubro.

Despacho normativo n.º 24-A/2012, de 6 de dezembro.

- Despacho normativo n.º 5106-A/2012.

- Portaria n.º 275-A/2012, de 11 de setembro.

- Resolução da Assembleia da República n.º 77/2017.

APÊNDICE A – GUIÃO E TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À COORDENADORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Guião da Entrevista

Blocos	Objetivos	Procedimentos e questões a colocar
A- Legitimação e motivação do entrevistado	-Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	- Revelar o objetivo da entrevista. - Garantir a confidencialidade da informação prestada. - Criar um clima de abertura e confiança. - Solicitar a colaboração do entrevistado para prestar as informações necessárias. - Solicitar a autorização para gravar a entrevista
B- Dados pessoais	-Conhecer o percurso profissional da coordenadora.	- Qual a área da sua formação inicial? - Quanto tempo de serviço tem? - Há quanto tempo está neste agrupamento? - Há quantos anos trabalha com alunos NEE?
C- Papel da coordenadora	-Compreender o papel da Coordenadora da Educação Especial no agrupamento.	- Quais as suas funções específicas na área da Educação Especial? - Com quem é que se tem de relacionar para o exercício das suas funções? - Como é que é um dia tipo nas suas funções?
D- Alunos NEE do agrupamento	-Conhecer a população alvo com necessidades educativas especiais.	- Quantos alunos NEE frequentam o agrupamento? - Quais as necessidades desses alunos?
E- Meios ao dispor da educação especial	-Conhecer os meios ao dispor da equipa da Educação Especial.	- Quantos profissionais (especializados ou não) trabalham na área dos NEE? - Quais os meios materiais disponíveis dedicados a esta área específica?
F- Recursos e estratégias de que o agrupamento não dispõe	-Enumerar recursos de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto e necessidades do agrupamento.	Face às necessidades existentes: - Quais seriam os recursos humanos e meios materiais considerados necessários e adequados? - É possível obter sucesso pleno na inclusão dos alunos NEE?
G- Outros dados	-Proporcionar um momento de expressão livre para referir algum aspeto novo.	-Há algum assunto que não tenha sido abordado que queira acrescentar a esta entrevista?
H- Agradecimentos	- Agradecer a colaboração da entrevistada.	-Agradecer a amabilidade e o tempo despendido para a entrevista

Transcrição da Entrevista

P: Qual a área da sua formação inicial?

R: A minha formação inicial é em Educação Pré-Escolar. Posteriormente fiz licenciatura em Educação Especial e mais tarde um mestrado nesta área.

P: Quanto tempo de serviço tem?

R: Tenho 26 anos de serviço.

P: Há quanto tempo está neste agrupamento?

R: Bem, estou cá desde 2006, ou seja há 11 anos que faço parte do quadro desta escola pertencendo ao grupo de recrutamento 910 Educação Especial.

P: Há quantos anos trabalha com alunos com necessidades educativas especiais (NEE)?

R: Bem, eu exerci oito anos numa instituição particular como educadora de infância e sempre tive crianças com NEE que estavam integrados nas minhas salas. Quando concorri para o ensino público, dado que fiquei longe de casa, pedi destacamento e fiquei durante três anos a trabalhar numa Cooperativa de Educação e Reabilitação. Penso que foram estes contactos com estes alunos que me fez crescer o “bichinho” que já cá estava dentro de mim... Fazendo as contas, tirando o exercício na instituição particular, trabalho com estes alunos há cerca de 18 anos.

P: Quais as suas funções específicas na área da Educação Especial?

R: As minhas funções aqui no agrupamento são diversas. Sou coordenadora do grupo de Educação Especial (EE) e faço todo o serviço inerente ao meu cargo (resolver os problemas da coordenação, ler as referenciações dos alunos NEE e enquadrar na Classificação Internacional de Funcionalidade da Organização Mundial de Saúde (CIF, 2007), realizar os horários dos docentes da Educação Especial que acompanham os alunos com NEE (é muito importante uma distribuição da carga horária para estes alunos); o Plano Anual de Atividades (PAA) do grupo da EE, que considero bastante importante para a inclusão dos alunos com NEE, protocolos, parcerias, elaboração e atualização dos Programas Educativos Individuais (PEIS); planos com o centro de recursos para a inclusão, reuniões de grupo, etc). Este ano todo o corpo docente é novo aqui no agrupamento, pelo que tive de explicar a dinâmica do grupo, informar das parcerias e ainda tenho a meu cargo quinze alunos de currículo específico individual aos quais leciono as disciplinas de Atividade da Vida Diária e de Socialização e Autonomia. Ainda tenho a meu cargo a coordenação do projeto Multidisciplinar de Componente Pedagógica (MCP).

P: Com quem é que se tem de relacionar para o exercício das suas funções?

R: Relaciono-me com toda a comunidade, em primeiro lugar com a direção do agrupamento com a qual desenvolvo um trabalho muito importante, pois todas as minhas decisões estão em consonância com a direção, trabalhamos muito em parceria. Depois com os meus colegas do grupo disciplinar, com todos os professores do agrupamento, (entre os quais educadores, professores titulares de turma, diretores de turma), pais e encarregados de educação, cuja participação é muito importante no processo de ensino aprendizagem destes alunos. E com todos os parceiros de despiste nesta área (psicólogos, terapeutas, médicos de família, entre outros.). Eu defendo trazer a comunidade para a escola e a escola para a comunidade.

Só com uma verdadeira articulação entre todos os parceiros dentro e fora da comunidade, em que o conhecimento, compreensão e objetivos bem definidos do que se pretende, se pode contribuir para o sucesso educativo, pessoal e social dos alunos com Necessidades Educativas Especiais e desta forma contribuir para uma plena inclusão destes alunos na escola e na sociedade.

É importante que o conceito de Educação Especial seja desmitificado e que a comunidade escolar compreenda e perceba o que é a Educação Especial, pois aceitamos melhor aquilo que compreendemos. E com este objetivo, e que tem dado frutos bastante positivos, que o Plano Anual de Atividades do Grupo de Educação Especial realiza sempre atividades relacionadas com a Educação Especial e com a Inclusão, como a atividade “Vamos ao Teatro com...”. realizado sempre com pessoas portadoras de deficiência e que se destina a toda a comunidade escolar. Também a atividade “Sala Aberta – Novidade Experiência Enriquecimento”, onde alunos, professores e assistentes operacionais vão à sala realizar atividades funcionais como por exemplo pão com chouriço ou pizza, tem como objetivo contribuir para a formação, compreensão, esclarecimento, aceitação da diferença e mudança de mentalidades de todos aqueles que visitem a Sala Aberta.

P: Como é que é um dia tipo nas suas funções?

R:Eu tenho um dia de trabalho muito caricato. Passo a manhã a dar apoio no Centro Escolar do Carregado a alunos/crianças do ensino pré-escolar (duas crianças que pelas suas graves patologias possuem um currículo específico individual e por isso não trabalham as competências do pré-escolar, mas cuja frequência de uma sala do pré-escolar é muito importante, beneficiando-os, pois estas crianças que se tornam muito reativas, melhoram os estímulos visuais e auditivos e ajudam as respetivas famílias a ter alguma qualidade de vida, dado que passam a ter mais tempo para si). Mesmo com os fracos recursos do jardim-de-infância, é muito importante estarem incluídos no pré-escolar, sem, contudo, nunca esquecer a segurança, motivo pelo qual existe uma assistente operacional só para cada uma destas crianças

Depois desta atividade no centro escolar venho para a sede do agrupamento onde apoio 13 alunos de Currículo Específico individual (CEI). Depois das horas letivas com estes alunos, faço o trabalho de coordenação. Devido ao reduzido número de docentes no agrupamento também tenho que dar apoio a alunos. Tenho as minhas horas de coordenação e tenho as horas para os meus alunos, para além de ainda participar no conselho pedagógico e assim contribuir para uma melhor informação e compreensão por parte de todos, relativamente à Educação Especial. Tenho tantas horas para trabalhar com os alunos como as minhas colegas que não são coordenadoras.

P: Quantos alunos NEE frequentam o agrupamento?

R: Ora bem, antes de indicar o número de alunos com NEE, tenho que dizer que a escola tem cerca de 1413 alunos, dos quais 122 (cerca de 9%) com NEE (que estão ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008 de 20 de janeiro), sendo que esta percentagem está acima da média prevista pelo Ministério da Educação (cerca de 3%). Relembro que eu e a direção estamos muito preocupados com esta situação!

P: Quais as necessidades destes alunos?

R: As necessidades são várias e algumas muito graves. Temos 16 alunos com limitações significativas, ao nível da atividade e da participação, decorrentes de alterações funcionais ou estruturais de carácter permanente que têm um CEI: 13 alunos no 2º e 3º ciclos, 1 no 1º ciclo e 2 no Jardim-de-Infância. Destaco algumas das patologias dos nossos alunos: Encefalopatia Epilética neonatal, Paralisia Cerebral, Síndrome de Leigh por mutação DNA mitocondrial, Síndrome de Asperger, Transtorno do Espectro autista, Trissomia 21, Surdez de condução bilateral, Hidrocefalia pós-hemorragica, Perturbação da Coordenação Motora, Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, hiperatividade, Síndrome de contrários, défices cognitivos e défices de atenção/concentração. Cerca de 50 alunos com apoio direto da E.E., e os restantes com apoio indireto. Todos os outros alunos têm adequações curriculares de acordo com as suas necessidades.

P: Quantos profissionais (especializados ou não) trabalham na área dos NEE?

R: Profissionais especializados em educação especial somos sete este ano, mas éramos quatro!. Temos ainda um psicólogo que dá apoio aos alunos do 2º e 3º ciclos. Temos ainda uma segunda psicóloga cedida pela Câmara Municipal de Alenquer, para o 1º ciclo. Estão também seis docentes não especializados a trabalhar em parceria com a Educação Especial e que são de outros grupos disciplinares (Educação Física, Educação Tecnológica; Educação Musical, Educação Visual, Ciências Naturais, Informática) responsáveis pelo desenvolvimento de ateliês dentro de um projeto Multidisciplinar de Componente Pedagógica. Estes docentes desenvolvem atividades com os alunos

CEI dos 2º e 3º ciclos, avaliados ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro - Artigo 16º Ponto 2, alínea e) currículo específico individual (CEI). Este projeto/ recurso foi criado pelo grupo da Educação Especial para dar resposta às necessidades dos alunos com NEE e tem constituído uma mais-valia, a escola não possuía recursos, nem espaços, desta forma passou a ter, considero que estamos a dar resposta adequada às necessidades dos alunos.

Finalmente o agrupamento tem ainda duas auxiliares destacadas para trabalharem com os dois alunos do pré-escolar devido à gravidade das suas patologias.

P: Quais os meios materiais disponíveis dedicados a esta área específica?

R: Os materiais disponíveis não são muitos! O que me entristece. Mas com boa vontade vamos conseguindo! Fazemos milagres! Temos uma sala da educação especial no centro escolar e outra aqui na escola sede. Ainda nos falta apetrechar as salas, mas posso dizer que temos o mínimo para dar a resposta suficiente. Gostava de ter mais! Ainda nos falta muito! Mas não paramos, ainda este ano concorreremos a um projeto da Fundação Calouste Gulbenkian dentro do âmbito da educação especial para conseguirmos mais materiais. Deus queira que venha algo! Nunca podemos desistir de lutar por aquilo que pretendemos e que consideramos ser o melhor para os nossos alunos.

Face às necessidades existentes:

P: Quais seriam os recursos humanos, meios materiais e/ou outros considerados necessários/adequados?

R: Hum. Vou indicar uma lista que penso representar os mais importantes: - mais docentes do grupo 910 que permaneçam na escola mais que um ano, pois todos os anos é uma nova realidade, tanto para os alunos NEE que necessitam de acompanhamento contínuo, como para mim que anualmente operacionalizo os procedimentos inerentes ao processo de ensino relacionado com os alunos NEE e toda a dinâmica da escola para a inclusão, é sempre começar de novo...

- mais duas horas semanais para a coordenadora efetuar as atividades de coordenação (protocolos, articulações, etc),
- na escola sede, mais uma sala, para atividades funcionais onde pudessem funcionar ateliers de projeto CEI e uma sala de apoio a alunos (2º e 3º ciclo) com adequações curriculares. No centro escolar, uma sala de apoio para o Jardim- de-Infância,
- mais materiais específicos desta área – computadores, jogos, software educativo, mais materiais para trabalhar a dislexia,
- uma assistente social,
- mais formação nesta área para os docentes de outros grupos disciplinares.

Gostaria muito de ter nesta sala (onde decorreu a entrevista), um espaço de cozinha para as atividades da vida diária!

- estabelecer mais parcerias com empresas desta zona era bastante importante, já que preparamos estes alunos para o processo de transição para a vida pós-escolar. Estas parcerias (estágios estão sempre condicionados por falta de supervisão, pois não temos professores que possam fazer o acompanhamento destes alunos, porque não há horas letivas alocadas pela tutela para este efeito, talvez porque tal conduziria a mais horários, logo à contratação de mais docentes.

P: É possível obter sucesso pleno na inclusão os alunos NEE?

R: Claro que é! A inclusão é a própria escola que tem de mudar para dar resposta a estes alunos. Para garantir o sucesso, a escola tem que criar condições para trabalhar com alunos NEE. A inclusão tem de se trabalhar todos os dias, com as nossas atitudes, a forma de estar na vida, com a mudança de mentalidades. Desmistificar, dar a conhecer. Penso que caminhamos no sentido certo para um dia chegar à plena inclusão. Trabalhamos muito, mesmo sem recursos. Tenho receio que a tutela com as atuais medidas/cortes faça recuar este caminho que tem sido difícil, mas muito produtivo.

P: Há algum assunto que não tenha sido abordado que queira acrescentar a esta entrevista?

R: Sim, gostaria de referir que defendo que na formação inicial dos professores deveria fazer parte um seminário sobre Educação Especial (EE) como forma de dar a conhecer e sensibilizar para estas temáticas. Depois com o seu desenvolvimento profissional, cada professor aprofundaria com maior ou menor intensidade esta área.

Defendo esta formação inicial, uma vez que o professor de EE não está a tempo inteiro em todas as salas de aula, e os docentes não especializados em EE, que lidam com estes alunos diariamente, não têm formação de base nesta área. Por muito que se trabalhe em articulação é muito importante o conhecimento nesta área. Era muito importante esta formação inicial, como se costuma dizer, “era meio caminho andado”!

P: Agradeço a sua colaboração e disponibilidade para a realização desta entrevista.

R: Tive muito prazer em realizar esta entrevista e estou sempre disponível para falar deste assunto.

APÊNDICE B – GUIÃO E TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO DIRETOR DO AGRUPAMENTO

Guião da Entrevista

Blocos	Objetivos	Procedimentos e questões a colocar
A- Legitimação e motivação do entrevistado	-Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none"> - Revelar o objetivo da entrevista. - Garantir a confidencialidade da informação prestada. - Criar um clima de abertura e confiança. - Solicitar a colaboração do entrevistado para prestar as informações necessárias. - Solicitar a autorização para gravar a entrevista
B- Dados pessoais	- Conhecer o percurso profissional do Diretor do Agrupamento.	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a área da sua formação inicial? - Quanto tempo de serviço tem? - Há quanto tempo está neste agrupamento? - Há quantos anos está como Diretor do Agrupamento?
C- Papel do Diretor	-Compreender o papel do diretor para supervisionar e garantir a existência de práticas de inclusão.	- Qual a responsabilidade do diretor na implementação de normativos e práticas da Educação Especial?
D- Alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) do agrupamento	-Conhecer a gestão da população alvo com necessidades educativas especiais.	<ul style="list-style-type: none"> - Quantos alunos NEE frequentam o agrupamento? - Qual o rácio alunos NEE vs outros alunos? - Como têm evoluído estes indicadores nos últimos oito anos? - O agrupamento consegue responder a todas as necessidades desses alunos?
E- Meios ao dispor da educação especial	-Conhecer a gestão dos meios ao dispor da equipa da Educação Especial.	<ul style="list-style-type: none"> - Quantos profissionais (especializados ou não) têm trabalhado na área das NEE nos últimos oito anos? - Quantos desses profissionais permanecem no agrupamento 2 ou mais anos? - Como pode o Diretor do agrupamento influenciar a quantidade, estabilidade, e especialização dos recursos humanos afetos às NEE?

		- Como pode o Diretor do agrupamento influenciar a atribuição adequada de meios materiais dedicados a esta área específica?
F- Recursos e estratégias de que o agrupamento não dispõe	-Perspetiva do Diretor sobre os recursos (normativos, humanos e materiais) de que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto do agrupamento.	Face às necessidades existentes: - Quais seriam os recursos humanos, normativos e materiais necessários e adequados? - É possível obter sucesso pleno na inclusão dos alunos NEE?
G- Outros dados	-Proporcionar um momento de expressão livre para referir algum aspeto novo.	-Há algum assunto que não tenha sido abordado que queira acrescentar a esta entrevista?
H- Agradecimentos	- Agradecer a colaboração do entrevistado.	-Agradecer a amabilidade e o tempo despendido para a entrevista

Transcrição da Entrevista

P: Qual a área da sua formação inicial?

R: A minha formação inicial é licenciatura em Engenharia Eletrónica e Telecomunicações.

P: Quanto tempo de serviço tem?

R: Tenho 30 anos de serviço.

P: Há quanto tempo está neste agrupamento?

R: Bem, estou no agrupamento desde o seu segundo ano de funcionamento, ou seja, há 22 anos que faço parte do quadro deste agrupamento pertencendo ao grupo de recrutamento 230.

P:Há quantos anos está como Diretor do Agrupamento?

R:Bem, eu exerço o cargo de diretor há 8 anos, estando este ano a iniciar o terceiro mandato.

P: - Qual a responsabilidade do diretor na implementação de normativos e práticas da Educação Especial?

R: O diretor tem sempre a responsabilidade de cumprir todo e qualquer normativo em primeiro lugar. No caso concreto da Educação Especial continuamos a reger-nos pelo decreto-lei 3/ 2008, que não só contextualiza o que é e Educação Especial, quem são os elementos que participam em todo o processo de inclusão de crianças e jovens na Educação Especial e que obviamente há sempre um papel de

supervisão por parte do diretor. Nomeadamente o contexto em que se encontra em termos sociais ou sociológicos, perceber as necessidades, antes dos alunos, das famílias é fundamental perceber-se que à nossa volta este meio não é muito favorável em termos sociais e inerente a isso surgem as necessidades das crianças.

Conhecer a realidade envolvente é um papel importante por parte do diretor, depois a questão é também articular com a educação especial, cuja operacionalidade depende de um grupo de docentes que são orientados pela coordenadora da Educação Especial. No terreno a identificação das situações de educação especial são referenciadas pelos conselhos de turma ou pelos diretores de turma. Portanto esta articulação passa sempre pelo diretor do agrupamento numa primeira fase, conhecer caso a caso por muitos que sejam os casos e depois levar ao conselho pedagógico todas as situações que venham a requerer a aprovação de alguns programas educativos especiais, ou numa fase mais adiantada, quando se faz a avaliação – aprovação dos relatórios circunstanciados. Em termos gerais é basicamente isto que compete ao diretor de um agrupamento. Quando se tratam de provas finais, eu penso que é interessante referir que é sempre da responsabilidade do diretor a aprovação dos alunos em condições de realizar as provas adaptadas às suas necessidades. É fundamental estar dentro dos assuntos e dentro da lei.

P: Quantos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) frequentam o agrupamento?

R: Atualmente o agrupamento tem 122 alunos com NEE, o que não significa que seja este número final durante o percurso do ano letivo.

P: Qual o rácio alunos NEE vs outros alunos?

R: Bem, a escola tem cerca de 1413 alunos, dos quais 122 (cerca de 9%) com Necessidades Educativas Especiais (que estão ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008 de 20 de janeiro). Tem muito a ver com o momento. Atualmente temos 122, mas não sabemos se terminamos com mais alunos. O que nos vai dizendo a experiência destes anos, é que é natural que venham surgir mais alunos com Necessidades Educativas Especiais até terminar o não letivo. Isto porquê? Por que temos dois tipos de situações; (sendo o agrupamento muito volátil em termos de transferências o que significa que não é um agrupamento que tenha um número estável no campo dos alunos). há alunos que vêm de muitas proveniências e nacionalidades, principalmente do Brasil, estamos sempre a ser confrontados ao longo do ano com transferências, por outro lado também acontece que à medida que vamos conhecendo os alunos vão-se identificando NEE naqueles alunos que já fazem parte do agrupamento. As NEE

identificadas são muito díspares; situações relacionadas com dislexias, hiperatividade e déficit de atenção. Muitos destes casos ligados à questão emocional, devido a esta situação social em que se encontra o agrupamento e daí que é natural que estes números alterem com tendência sempre para subir.

P: Como têm evoluído estes indicadores nos últimos oito anos?

R: Ao longo destes oito anos não me parece que se possa tirar uma conclusão que estamos sempre a crescer. Há uma estabilidade com um acréscimo pontual, estamos a falar de meio por cento ao longo destes últimos quatro anos. Sente-se mais esse tipo de problemática e eu posso especular que pode ter a ver com toda a crise que atravessa o país, mas dizer que tem havido uma subida significativa é relativo. Todos os anos existem casos diferentes, talvez sempre um bocadinho a crescer, mas não muito significativamente.

P: O agrupamento consegue responder a todas as necessidades desses alunos?

R: O agrupamento procura responder às necessidades destes alunos. É evidente que se tivermos mais horas nos centros de recursos para a inclusão com quem protocolamos: CERCI, Flor da Vida, obviamente que a qualidade do apoio que é dado é mais significativa, porque os alunos com Necessidades Educativas Especiais têm um contexto também ele especial e não são 45 minutos semanais que conseguem fazer toda a diferença no que respeita a apoios diretos que estes alunos necessitam. Houve também uma aposta há dois ou três anos para cá na qualidade do apoio, procurando ter o cuidado de selecionar o mais eficazmente possível os alunos que necessitam mesmo de apoio direto dando mais horas para esse acompanhamento e procurando que outras situações mais ligeiras possam ter um apoio indireto com a colaboração muito forte dos conselhos de turma em articulação com os professores da Educação Especial. Por isso, dentro daquilo que é possível, também é bom dizer que nos últimos quatro anos temos conseguido aumentar o número de profissionais da Educação Especial neste acompanhamento.

P: Quantos profissionais (especializados ou não) têm trabalhado na área dos NEE nos últimos oito anos?

R: Se falarmos em termos da Educação Especial, nos últimos oito anos, passamos de quatro docentes em 2009 para sete em 2018, o que significa que há uma preocupação do acompanhamento ser

significativo e as entidades responsáveis reconhecerem essa necessidade. Se estivermos a falar de todos os outros profissionais não especializados, posso dizer que em termos de docentes estão sempre afetos ao Projeto Multidisciplinar, muito voltado para alunos com NEE, mas de caráter permanente, estamos a falar de alunos com CEI (Currículo Específico Individual), para o desenvolvimento deste projeto estão afetos quatro a seis docentes. Quando falamos em questões de pessoal não docente é preciso perceber que só a nível do ensino Pré-Escolar é que está previsto o acompanhamento específico para essas crianças. A partir do primeiro ciclo este acompanhamento é da responsabilidade da Câmara Municipal desde 2009. Havendo necessidades no segundo e terceiro ciclos é deste “grupo não especializado” de funcionários que trabalha, no agrupamento que se têm de destacar elementos para o acompanhamento das nossas crianças. Não é por esse motivo que o agrupamento tem mais funcionários. Tem de se gerir os recursos existentes, acontecendo que às vezes “tapa-se de um lado e destapa-se de outro”, para garantir o acompanhamento das situações mais exigentes. Anualmente três a quatro funcionários têm funções mais ligadas ao acompanhamento de alunos de Necessidades Educativas Especiais.

P: Quantos desses profissionais permanecem no agrupamento 2 ou mais anos?

R: É quase ridículo o que vou dizer, devido à mobilidade docente todos os anos mudam os docentes da Educação Especial, apenas a coordenadora da Educação Especial se mantém ao longo destes anos, continuamente no agrupamento. Talvez possa acrescentar dois docentes, não sendo do quadro da Educação Especial, mas tendo formação nesta área, estão a colaborar há cerca de dois anos com a equipa da Educação Especial. Quanto a outros docentes são entre quatro a seis que têm participado no desenvolvimento do Projeto Multidisciplinar.

Face às necessidades existentes:

P: Como pode o Diretor do agrupamento influenciar a quantidade, estabilidade, e especialização dos recursos humanos afetos às Necessidades Educativas Especiais’?

R: No que respeita à quantidade, sendo conhecedor das necessidades qualquer diretor deverá manifestá-las junto da tutela, isto é, a Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares que, de alguma forma faz a ligação entre as escolas. O diretor deve colocar de uma forma muito clara que necessidades existem e justificar esse tipo de necessidade. Isto não significa que seja sempre atendido, porque a situação económica influencia e por outro lado, à data desta entrevista é bom dizer que está em estudo uma alteração de decreto-lei 3/ 2008, que fala de “grosso modo” em equipas multidisciplinares que têm uma função mais de consultadoria do que em terreno no trabalho docente, isto leva a que se

equacione se o número de especialistas deverá ser aumentado ou diminuído? Passará a haver um conjunto de outros profissionais a conduzir, a implementar, a fazer levantamento de outras necessidades, a ver vamos! O diretor tem a obrigação de não ficar de braços cruzados e insistir com argumentos que sejam válidos, foi o que veio a acontecer este ano, foi pedido mais um docente a tempo inteiro, daí termos seis docentes que podem fazer face aos problemas. Deverá também fazer uma pressão construtiva para dar a conhecer o que se passa, se funciona bem. Com justificações devidamente argumentadas e validadas conseguimos que as coisas aconteçam! Evidentemente que se me perguntassem se eu queria ou gostava de ter mais docentes da EE terei dificuldade numa primeira fase e numa análise, sim senhor venham mais professores para a E.E! No entanto, quando estamos no terreno, às vezes o termos muitas pessoas da EE não é sinónimo de funcionamento em termos coletivos, nem quer dizer que seja também o mais adequado. Tenho discutido esta questão internamente e é preciso “a máquina estar muito bem oleada”, estar em sintonia para que as coisas possam ser transversais aos nossos alunos e todos serem beneficiados. Não é a quantidade que, muitas vezes, se traduz em qualidade.

Agora a questão de estabilidade do corpo docente, o diretor não tem muita influência com essa temática, porque tudo depende sempre dos concursos para o efeito e por muita vontade que nós tenhamos em ficar com esses profissionais, há outros valores que se levantam, um sai, outros entram...a questão da estabilidade é muito relativa e volátil.

Penso que também é importante a questão da especialização. Eu vou ser muito crítico, não me parece que três e seis meses de especialização numa determinada área faça um excelente profissional. Tudo requer o seu tempo. Compreende-se o que se tem sentido a este nível, os docentes têm dificuldade no seu grupo de recrutamento da formação inicial e abriu-se a porta com a formação em Educação Especial, só que esta porta que se abre traz alguns problemas que só o tempo e um acompanhamento muito próximo das escolas, de pessoas com muita experiência é que vai fazer com que se altere esta situação. Por isso a especialização de recursos humanos, a única coisa que o diretor pode na minha perspetiva fazer, é incentivar a que estes docentes possam de alguma forma ter um contacto mais permanente com as crianças e o devido acompanhamento. Não é no momento em que se faz a especialização, mas sim com o tempo que se passa com os alunos.

P: Como pode o Diretor do agrupamento influenciar a atribuição adequada de meios materiais dedicados a esta área específica?

R: Há algo curioso, muitos não sabem que para a nossa área geográfica existe um centro de recursos para as tecnologias da informação e comunicação, situado em Caldas da Rainha que nos últimos anos tem sido uma mais valia para as nossas crianças. Assim os alunos podem ter equipamentos adequados

para uma aprendizagem condigna e à sua altura e efetivamente temos vários casos aqui no agrupamento em que o diretor tem conhecimento das situações, autoriza, dá a conhecer. Também as crianças que estão nesta situação, obviamente que isto é sempre feito com a colaboração da Educação Especial, por forma a que depois tenha o financiamento para este tipo de situação. Temos que estar sempre atentos a estas questões que vão surgindo e que podem estar um pouco encobertas, difíceis de perceber como funcionam, mas tentando sempre responder às necessidades das nossas crianças. O centro tem funcionado muito bem, mas também estamos muito atentos e pressionamos muito no sentido para que as coisas aconteçam. Temos também à disposição plataformas próprias para que possamos dar a conhecer algumas das nossas necessidades e que a tutela possa efetivamente também contribuir com esforço do orçamento para poder responder.

Face às necessidades existentes:

P: Quais seriam os recursos humanos, normativos e materiais necessários e adequados?

R: Em relação aos recursos humanos, não é a grande quantidade que faz a diferença, talvez fosse interessante a possibilidade de ter uma unidade estruturada para fazer face às necessidades específicas, seria uma mais valia, uma unidade de multideficiência. A questão que se coloca é que para que seja possível é necessário ter instalações condignas e recursos humanos afetos exclusivamente a essas crianças, portanto eu considero que era importante o agrupamento ser dotado de uma unidade, mas a realidade é que os estabelecimentos que fazem parte do agrupamento estão completamente lotados e com uma dificuldade enorme em termos de espaço para o podermos implementar. Teria que ser uma reestruturação de rede, será uma realidade a médio prazo, talvez!

P: É possível obter sucesso pleno na inclusão dos alunos NEE?

R: Eu tenho a convicção que sim, ser possível obter sucesso. Há uma preocupação muito grande neste agrupamento, em todos os profissionais docentes e não docentes. Os docentes que trabalham dia a dia, envolvem-se e participam nas soluções de uma maior aprendizagem, quando todos nos envolvemos, as coisas são mais facilitadoras de resultados de sucesso pleno. Eu acredito que é possível, obviamente que se formos falar se é o que está a acontecer, talvez ainda não tenhamos chegado a esse ponto. Continuamos a ter crianças com NEE muito específicas, as situações de hiperatividade e déficit de atenção são as situações mais comuns. Apercebemo-nos que nem sempre os alunos conseguem atingir o sucesso pleno em todas as áreas. Mas considero que caminhamos para que a Educação Especial seja efetivamente algo que toda a gente, sem exceção, perceba que existe, e que apenas temos que ver isso

na situação da diferença, apenas são diferentes, de resto têm todos os mesmos direitos, os mesmos deveres e por isso eu acredito no sucesso, pois a integração está feita, todos estão integrados.

O sucesso pleno não tem que ser só com os meios da Educação Especial, mas com todos envolvidos e a trabalhar para o mesmo fim.

P:Há algum assunto que não tenha sido abordado que queira acrescentar a esta entrevista?

R: Eu acho que há sempre muitos temas importantes, fala-se pouco das famílias e dos pais e encarregados de educação e dos seus problemas e necessidades, olhamos muito para os alunos e geralmente as situações são originárias nas famílias, a família necessita de acompanhamento mais próximo, mais precoce, de forma a aligeirar algumas dessas necessidades. É possível ter mediadores a funcionar junto das famílias, ajudar num todo, especialmente as crianças em risco de ter NEE evitando que estas questões possam vir a acontecer.

APÊNDICE C – GUIÃO E TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PSICÓLOGA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO CARREGADO

Guião da Entrevista

Blocos	Objetivos	Procedimentos e questões a colocar
A- Legitimação e motivação do entrevistado	-Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Revelar o objetivo da entrevista. - Garantir a confidencialidade da informação prestada. - Criar um clima de abertura e confiança. - Solicitar a colaboração do entrevistado para prestar as informações necessárias. - Solicitar a autorização para gravar a entrevista
B- Dados pessoais	-Conhecer o percurso profissional da psicóloga.	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a área da sua formação específica? - Quanto tempo de serviço tem? - Há quanto tempo está neste agrupamento? - Há quantos anos referencia alunos com NEE?
C- Papel da psicóloga	-Compreender o papel da psicóloga no agrupamento no que se refere a alunos NEE.	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as suas funções específicas relativas a alunos com NEE? - Com quem é que se tem de relacionar para o exercício das suas funções? - Em que medida os seus pareceres são implementados considerando os alunos com NEE? Se, sim, como é o desenrolar do processo Se não, porquê e o que é que poderia se melhorado? -Em que medida é que se sente a contribuir para a inclusão dos alunos com NEE?
D- Alunos NEE do agrupamento	-Conhecer a população alvo com necessidades educativas especiais.	<ul style="list-style-type: none"> - Está ciente do nº de alunos com NEE que frequentam o agrupamento? - Consegue caraterizar as NEE mais frequentes no Agrupamento?
E- Meios ao dispor da psicóloga	-Conhecer os meios ao dispor da psicóloga.	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os meios materiais dedicados à sua intervenção específica com alunos NEE? -Quantas entidades são parceiras com o seu trabalho?

F- Recursos e estratégias que o agrupamento não dispõe	-Enumerar recursos que o agrupamento não dispõe, mas que considera necessários e adequados ao contexto e necessidades do agrupamento.	Face às necessidades existentes: - Quais seriam os recursos humanos e meios materiais considerados necessários e adequados? - É possível obter sucesso pleno na inclusão dos alunos NEE?
G- Outros dados	-Proporcionar um momento de expressão livre para referir algum aspeto novo.	-Há algum assunto que não tenha sido abordado que queira acrescentar a esta entrevista?
H- Agradecimentos	- Agradecer a colaboração da entrevistada.	-Agradecer a amabilidade e o tempo despendido para a entrevista

Transcrição da Entrevista

P: Qual a sua formação específica?

R: A minha formação de base é no curso de Psicologia pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) na especialização da área de clínica (1994-1999). Em 2006 integro o concurso do Ministério da Saúde na carreira de Técnicos Superiores da Saúde no ramo de Psicologia Clínica, onde passo a adquirir o grau de Psicóloga Clínica (2006-2009). No ano de 2016, a Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) ordena os Psicólogos por Especialidades e passo a ser reconhecida com habilitações na área Clínica e da Saúde e área da Educação (2017).

P: Quanto tempo de serviço tem?

R: Trabalho em Psicologia desde 2000, em Abril do próximo ano farei 18 anos de atividade. Durante todo este tempo conciliei a intervenção psicológica na saúde e na educação. Trabalhei em Centro de Saúde (Montemor-o-Novo), Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo (Serviço Socioeducativo e CAFAP), Hospital de Castelo Branco, Escola Alexandre Herculano (Santarém) e Lares de Infância e Juventude (Torres Novas).

P: Há quanto tempo está neste agrupamento?

R: Encontro-me a trabalhar no Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) deste Agrupamento desde o ano letivo de 2014-2015 nos 2º e 3º ciclos de escolaridade.

P:Há quantos anos referencia alunos com necessidades educativas especiais (NEE)?

R: Desde o início da minha atividade.

P: Quais as suas funções específicas relativamente a alunos com NEE?

R: Neste Agrupamento existem entidades externas a colaborar na intervenção psicológica com os alunos com NEE, sendo a CERCI Flor da Vida – Cooperativa de Educação e Reabilitação de crianças inadaptadas CRL (Azambuja), Instituto Saber de Mim e o Instituto de Cérebro de Alenquer, por isso, na maioria das vezes a minha função passa pela fase de avaliação psicológica com referência à CIF-sistema de classificação inserido na Família de Classificações Internacionais da Organização Mundial de Saúde (OMS) para sinalização de alunos que devem de beneficiar de avaliação para integração nas NEE. Somente acompanho a nível de apoio emocional e psicopedagógico os alunos que já estão integrados nas NEE que são transferidos durante o decurso do ano letivo.

P: Com quem é que se tem de relacionar para o exercício das suas funções?

R: Para o exercício das minhas funções e atividade tenho de me relacionar diretamente com toda a comunidade escolar – alunos, pais, professores de forma direta e permanente com os diretores de turma e professores com apoio de tutorias, equipa de educação especial, mais permanente com a coordenadora e professores responsáveis pela avaliação do aluno em questão e equipa da direção, nomeadamente com o diretor.

**P: Em que medida os seus pareceres são implementados considerando os alunos com NEE
Se, sim, como é o desenrolar do processo
Se não, porquê e o que é que poderia se melhorado?**

R: A minha experiência neste agrupamento é que sempre que referenciei alunos para serem avaliados pela educação especial, foram avaliados e integrados nas NEE. O processo até que o aluno/a seja integrado nas NEE passa por uma avaliação psicológica cujo resultado será a presença de dificuldades graves aos níveis cognitivo e/ou psicológico permanentes, ou seja, sem apoio especializado específico para as suas necessidades, o aluno/a (medidas de avaliação específicas, professor auxiliar) não conseguirá adquirir as aprendizagens esperadas para o seu nível de aprendizagem. Desta forma, apesar de somente realizar a parte da avaliação psicológica, continuo a ter informações sobre estes alunos através do respetivo diretor de turma e, na grande totalidade das situações a avaliação é muito positiva. Os alunos aumentam a autoestima e confiança, investem nas aprendizagens e os resultados escolares melhoram significativamente.

P: Em que medida é que se sente a contribuir para a inclusão dos alunos com NEE?

R: Como já referi realizo a parte da avaliação psicológica, tenho informações sobre estes alunos através do respetivo diretor de turma e conselhos de turma e, na maioria das situações considero que a avaliação é muito positiva. Os alunos evoluem bastante, aumentam a autoestima e a confiança, investem mais nas aprendizagens e os resultados escolares melhoram.

P: Está ciente do número de alunos com NEE que frequentam o agrupamento?

R: Relativamente ao número de alunos com NEE que frequentam o agrupamento sei que são muitos, penso que já ultrapassou uma centena.

P: Quais as necessidades destes alunos?

R: Quanto às necessidades sei que são várias e existem casos com diversas necessidades educativas especiais, limitações significativas no agrupamento, mas essa especificação é do âmbito dos docentes da Educação Especial. As mais frequentes são Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia, hiperatividade, Síndrome de contrários, défices de atenção/concentração.

P: Quais os meios materiais dedicados à sua intervenção específica com alunos NEE?

R: Os meios são as provas psicológicas (cognitivas, instrumentais e de personalidade) que por acaso não existem neste Agrupamento. Estes são materiais pessoais, visto serem dispendiosos para o Agrupamento. Saliento que desempenho o meu trabalho numa sala própria criada para o serviço de psicologia e orientação.

P: Quantas entidades são parceiras com o seu trabalho?

R: - Penso que o maior parceiro neste processo é a equipa de Educação Especial, mas as parcerias que o agrupamento tem com a Cerci Flor da Vida – Cooperativa de Educação e Reabilitação de crianças inadaptadas CRL (Azambuja) e o Instituto de Cérebro de Alenquer parecem ser bastante benéficas para os alunos com NEE.

Face às necessidades existentes:

P: Quais seriam os recursos humanos, meios materiais e/ou outros considerados necessários/adequados?

R: Relativamente aos recursos humanos, tenho conseguido dar resposta atempada aos pedidos de avaliação dos alunos de 2º e 3º ciclos, pois este ano letivo estou a tempo inteiro neste agrupamento. Nos contratos anteriores estava dividida por dois agrupamentos. Quanto aos meios materiais é fundamental a aquisição da Escala de Inteligência de Wechsler III (WISCIII), teste base para avaliação cognitiva dos alunos.

P: É possível obter sucesso pleno na inclusão os alunos NEE?

R: - O sucesso da inclusão dos alunos com NEE deve ser avaliado com parâmetros individualizados pois incluem dimensões aos níveis das aprendizagens escolares, emocional e social. Com isto, considero que é possível obter o sucesso com estes alunos.

P: Há algum assunto que não tenha sido abordado que queira acrescentar a esta entrevista?

R: Considero que os alunos com necessidades específicas de aprendizagem têm uma dificuldade permanente até que, devidamente acompanhados haja a remissão ou atenuação destas dificuldades. Refiro esta questão, pois considero que se deveria apostar mais na prevenção para evitar a cronicidade de muitas destas necessidades. Por outras palavras, existem dificuldades que os alunos atravessam durante o seu percurso escolar e que devidamente apoiados por professores especializados, não chegariam à gravidade para a qual é necessária a inclusão nas NEE. O leque das situações a acompanhar deveria ser ainda mais lato.

P: Agradeço a sua colaboração e disponibilidade para a realização desta entrevista.

R: Tive muito prazer em realizar esta entrevista e estou sempre disponível para falar deste assunto.

APÊNDICE D – MODELOS DE QUESTIONÁRIOS

Questionário aos Docentes



Questionário aos Docentes

Este questionário é parte integrante de uma investigação que está a ser realizada no âmbito de um **Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta**.

Com este questionário, pretendemos recolher informações que nos possibilitem aferir a opinião dos docentes relativamente ao tema: **“As dinâmicas da escola na promoção da Inclusão: um estudo de caso no Agrupamento de Escolas do Carregado”**

Todos os dados obtidos são **estritamente confidenciais**. Solicitamos a sua colaboração na resposta às questões que se seguem. A sua opinião é muito importante.

Grupo I – Caracterização individual.

1. Idade. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Entre 20 e 30 anos	
Entre 31 e 40 anos	
Entre 41 e 50 anos	
Mais de 51 anos	

2. Género. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Masculino	
Feminino	

3. Situação profissional. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Prof. Quadro de Agrupamento	
Prof. Quadro Zona Pedagógica	
Prof. Contratado	

4. Grau académico. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Bacharelato	
Licenciatura	
Mestrado	
Doutoramento	
Outro:	

5. Tempo de serviço. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Menos de 5 anos	
Entre 5 e 14 anos	
Entre 15 e 24 anos	
Mais de 25 anos	

6. Número de anos que desempenhou o cargo de educador/ professor titular/diretor de turma e ou como docente de Educação Especial:

Menos de 5 anos	
Entre 5 e 10 anos	
Entre 10 e 15 anos	
Mais de 15 anos	

7. Nível de ensino que lecciona. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Pré-Escolar	
1º Ciclo	
2º Ciclo	
3º Ciclo	

8. Como adquiriu e desenvolveu conhecimentos na área das Necessidades Educativas Especiais? Assinale com um (x) as opções escolhidas:

No ensino Superior	
Em acções de formação creditadas	
Através de Auto aprendizagem	
Na escola, através do contato diário com os alunos	
Outras:	

Grupo II – Identificar quais os recursos de que o agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

9. Em média quantos anos trabalhou/trabalha com alunos com necessidades educativas especiais

De 1 a 5 anos	
De 5 a 10 anos	
De 10 a 20 anos	
Mais de 20 anos	

10. Qual a sua formação na Educação Especial?

R: _____

11. Consegue identificar os recursos materiais e humanos existentes no Agrupamento?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Se sim.

12. Identifique/ Enumere esses recursos:

13. Faz parte de algum projeto / parceria de apoio a alunos com necessidades educativas especiais com instituições externas ao Agrupamento?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Se sim, qual o objetivo do projeto?

R: _____

14. Conhece as atividades promovidas no Agrupamento pelo grupo da Educação Especial?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Grupo III – Levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

15. Os acessos e arranjos espaciais do agrupamento são adequados a todos os alunos com necessidades educativas especiais.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Caso seja professor da Educação Especial responda às questões 16.1 e 16.2.

16.1. As salas dedicadas aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE) estão equipadas com materiais didáticos adequados.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16.2. As salas de aula dedicadas a alunos NEEs são em quantidade suficiente para o desenvolvimento do trabalho com estes alunos.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

17. Os encarregados de educação/ pais dos alunos avaliados ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, estão esclarecidos/ consciente e sensibilizados para as necessidades educativas especiais dos seus educandos.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

Grupo IV- Identificar as dificuldades e limitações do agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEEs .

18. Responda Verdadeiro (V) ou Falso(F) conforme a sua opinião.

Quais destes atores na sua opinião necessitam de ter uma maior sensibilização para as Necessidades Educativas Especiais?

	Verdadeiro	Falso
Direção		
Professores		
Assistentes operacionais		
Alunos		
Pais e encarregados de educação		
Outros		

19. As atividades para a promoção da inclusão de alunos com NEEs são constrangidas por falta de recursos financeiros.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

20. As atividades para a promoção da inclusão de alunos com NEEs são constrangidas por falta de recursos materiais.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

21. Enumere (três) dificuldades sentidas no agrupamento para a promoção da inclusão dos alunos NEEs.

R: _____

22. A direção do agrupamento é sensível e proativa na resolução de problemas de inclusão dos alunos com NEEs.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

23. Considera que todos os professores estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEEs? Assinale com uma cruz (X).

Sim		Não		Talvez		Não sei responder	
-----	--	-----	--	--------	--	-------------------	--

24. Considera que todos os alunos estão consciencializados para uma relação adequada com os colegas com NEEs? Assinale com uma cruz (X).

Sim		Não		Talvez		Não sei responder	
-----	--	-----	--	--------	--	-------------------	--

25. Considera que todos os assistentes operacionais estão consciencializados sobre as questões de inclusão dos alunos NEEs? Assinale com uma cruz (X).

Sim		Não		Talvez		Não sei responder	
-----	--	-----	--	--------	--	-------------------	--

26. Tem conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEEs?

Registe aqui a sua opinião:

--

27. Das seguintes sugestões indique as mais importantes implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento. (Indique por prioridade sendo 1 a mais prioritária e 7 a menos prioritária)

a)	Mais tempos letivos de apoio direto da Educação Especial.	
b)	Mais professores com especialização em Educação Especial.	
c)	Mais formação na área de Educação Especial para todo o corpo docente.	
d)	Mais auxiliares de ação educativa com experiência de trabalho com alunos com NEEs.	
e)	Melhor adaptação dos acessos e circulação na escola.	
f)	Salas de aulas apropriadas.	
g)	Materiais didáticos apropriados.	
h)	Mais reuniões com todos os docentes do conselho de turma para refletir/planificar estratégias conjuntas para o sucesso dos alunos com NEEs.	

Muito obrigada pela sua participação.

Questionário aos EE's



Questionário aos Encarregados de Educação

Este questionário é parte integrante de uma investigação que está a ser realizada no âmbito de um **Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta.**

Com este questionário, pretendemos recolher informações que nos possibilitem aferir a opinião dos docentes relativamente ao tema: **“As dinâmicas da escola na promoção da Inclusão: um estudo de caso no Agrupamento de Escolas do Carregado”**

Todos os dados obtidos são **estritamente confidenciais**. Solicitamos a sua colaboração na resposta às questões que se seguem. A sua opinião é muito importante.

Grupo I – Caracterização individual.

1. Idade. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Entre 20 e 30 anos	
Entre 31 e 40 anos	
Entre 41 e 50 anos	
Mais de 51 anos	

2. Género. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Masculino	
Feminino	

3. Ciclo que o seu educando frequenta. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Pré-Escolar	
1º Ciclo	
2º Ciclo	
3º Ciclo	

4. Grau académico. Assinale com um (x) a opção escolhida:

1º ciclo	
2º ciclo	
3º ciclo	
Secundário	
Grau académico	
Outro:	

Grupo II – Identificar quais os recursos de que o agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

5. Tem conhecimento dos recursos existentes no Agrupamento para trabalhar com alunos com Necessidades Educativas Especiais?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

6. Se respondeu sim, considera suficientes e adequadas para dar respostas às necessidades do seu educando?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

7. Indique dois dos recursos que considera mais importantes para si, disponibilizados pelo Agrupamento.

R: _____

Grupo III – Levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

8. Os acessos e arranjos espaciais do agrupamento são adequados a todos os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEEs).

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. O que pensa da seguinte afirmação” as salas de aula são devidamente adequadas aos alunos com NEEs”.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10- Na sua opinião sendo um encarregado de educação/ pai de aluno avaliado ao abrigo do decreto lei 3/ 2008 de 7 de janeiro, considera-se esclarecidos/ consciente e sensibilizado para as necessidades educativas especiais do seu educando.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

Grupo IV- Identificar as dificuldades e limitações do agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEEs .

11-Responda Verdadeiro (V) ou Falso(F) conforme a sua opinião
A comunidade Educativa contribui no sucesso para a inclusão?

	Verdadeiro	Falso
Direção		
Professores		
Assistentes operacionais		
Alunos		
Pais e encarregados de educação		
Outros		

12-Tem conhecimento de atividades que o seu educando realiza promovidas pela Educação Especial?

Não conheço		Conheço algumas		Conheço totalmente	
-------------	--	-----------------	--	--------------------	--

13. Tem conhecimento de atividades realizadas pela Educação Especial abertas à comunidade educativa?

Não conheço		Conheço algumas		Conheço totalmente	
-------------	--	-----------------	--	--------------------	--

14. Enumere na sua opinião(três) dificuldades sentidas por si para a promoção da inclusão do seu educando no agrupamento:

R: _____

15. A direção do agrupamento é sensível e proativa na resolução de problemas de inclusão dos alunos com NEEs.

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

15. Considera que os professores que trabalham com o seu educando têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEEs? Assinale com uma cruz (X).

Sim		Não		Alguns	
-----	--	-----	--	--------	--

17. Considera que os colegas de turma do seu educando estão informados e sensibilizados para uma relação adequada com os alunos com NEEs?

Sim		Não		Alguns	
-----	--	-----	--	--------	--

18. Considera que os assistentes operacionais têm formação e sensibilidade para as questões de inclusão dos alunos NEEs?

Sim		Não		Alguns	
-----	--	-----	--	--------	--

19. Tem conhecimento de instituições acessíveis e capacitadas a trabalhar em parceria com o Agrupamento contribuindo para a inclusão dos alunos com NEEs?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

20. Das seguintes sugestões indique as mais importantes implementar para melhorar a inclusão no Agrupamento. (Indique por prioridade sendo 1 a mais prioritária e 6 a menos prioritária)

a)	Mais tempos letivos de apoio direto da Educação Especial.	
b)	Mais professores com especialização em Educação Especial.	
c)	Mais auxiliares de ação educativa com experiência de trabalho com alunos com NEEs.	
d)	Melhor adaptação dos acessos e circulação na escola.	
e)	Salas de aulas apropriadas.	
f)	Materiais didáticos apropriados.	
g)	Mais informação aos encarregados de educação	

Muito obrigada pela sua participação.

Questionários aos Alunos



Questionário aos Alunos

Este questionário é parte integrante de uma investigação que está a ser realizada no âmbito de um **Mestrado em Administração e Gestão Educacional, da Universidade Aberta**.

Com este questionário, pretendemos recolher informações que nos possibilitem aferir a opinião dos docentes relativamente ao tema: **“As dinâmicas da escola na promoção da Inclusão: um estudo de caso no Agrupamento de Escolas do Carregado”**

Todos os dados obtidos são **estritamente confidenciais**. Solicitamos a sua colaboração na resposta às questões que se seguem. A sua opinião é muito importante.

Grupo I – Caracterização individual.

1. Idade. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Entre 10 e 12 anos	
Entre 13 e 15 anos	
Mais de 15 anos	

2. Género. Assinale com um (x) a opção escolhida:

Masculino	
Feminino	

3. Ciclo que frequenta. Assinale com um (x) a opção escolhida:

2º Ciclo	
3º Ciclo	

Grupo II – Identificar quais os recursos de que o agrupamento dispõe para dar resposta em termos de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

4. Sabes o que são com alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEEs)?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

5. Sabes o que significa Inclusão?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

6. A tua turma tem alunos com Necessidades Educativas Especiais. Consideras que eles estão bem incluídos?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

7. Consideras que contribuis para inclusão dos teus colegas com NEEs?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

8. Consideras que os teus colegas contribuem para a inclusão dos alunos com NEEs da tua turma?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

9. Consideras que os teus colegas com NEEs colaboram e contribuem para a sua própria inclusão?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

10. Fazes diferença na relação que estabelececes entre um colega com Necessidades Educativas Especiais e os outros?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

11. Achas que os alunos com necessidades educativas especiais são bem aceites por todos?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

12. Conheces as atividades que são organizadas pelos professores e alunos da Educação Especial

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

Grupo III – Levantar as necessidades sentidas pela comunidade educativa para aprofundar a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

13. Achas que os acessos na escola e no agrupamento são adequados a todos os alunos com necessidades educativas especiais?

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Na tua opinião as salas de aula estão devidamente estruturadas/equipadas para acolhe os alunos com NEEs?

1-Discordo totalmente	2- Discordo parcialmente	3- Não Concordo nem discordo	4-Concordo parcialmente	5- Concordo totalmente

Grupo IV- Identificar as dificuldades e limitações do agrupamento no que diz respeito à promoção da inclusão dos alunos com NEEs .


15. Assinala com uma cruz (X) o que poderá contribuir para o sucesso da inclusão?

Mais atividades dentro da sala de aula	
Mais espaços de convívio	
Mais atividades fora da sala de aula	
Mais professores especializados	
Mais auxiliares de ação educativa	
Mais informação sobre os ritmos de aprendizagem dos alunos	
Mais sensibilização para a questão da Educação Especial aos alunos e professores	

Muito obrigada pela sua participação.

APÊNDICE E – PEDIDO E AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR DO AEC PARA DESENVOLVER O ESTUDO DE CASO

Página 1 de 2

<p style="text-align: center;">MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO</p> <p style="text-align: center;">Ano letivo 2016/2017</p> <p style="text-align: center;"> AGRUPAMENTO ESCOLAS DO CARREGADO 170136</p> <p style="text-align: center;">MINUTA DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO de 15 de março de 2017</p> <p style="text-align: center;">8ª Reunião</p>
<p>----- Nesta data reuniu o Conselho Pedagógico do Agrupamento de Escolas do Carregado, com a seguinte ordem de trabalhos: -----</p> <p>----- Ponto um – Leitura e aprovação da ata da reunião anterior;-----</p> <p>----- Ponto dois – Avaliação Sumativa do segundo período: orientações e esclarecimentos; -----</p> <p>----- Ponto três – Avaliação externa as aprendizagens: calendarização das provas de aferição do primeiro, segundo e terceiro ciclos e processo organizativo;-----</p> <p>----- Ponto quatro – Informações e outros assuntos.-----</p> <p>----- Deliberações e aprovações: -----</p> <p>----- Aprovou-se, por unanimidade, a ata da reunião deste órgão, datada de quinze de fevereiro de dois mil e dezasseite; -----</p> <p>-----O documento Recomendações, barra, Orientações relativo às reuniões de avaliação do segundo período obteve parecer favorável e unânime do Conselho Pedagógico.-----</p> <p>----- Em virtude da realização de Provas de Aferição dos quinto e oitavo anos no dia oito de junho, foi deliberado, que as Provas Globalizantes destes anos de escolaridade, terão que ser marcadas até dia seis de junho. Admite-se que no dia nove de junho poderão realizar-se provas práticas dos quinto e ou oitavo anos, nas disciplinas respetivas que assim o entendam.-----</p> <p>----- Foi aprovado por unanimidade, o pedido de autorização feito pela professora Paula Clamote, para desenvolver a tese de dissertação "As dinâmicas da escola na promoção da Inclusão: um estudo de caso no Agrupamento da Escola do Carregado.-----</p> <p>-----Foram aprovados por unanimidade os programas educativos individuais resultantes das avaliações realizadas dos alunos: Mateus Mendonça Souza do segundo ano, turma B e Sofia Rosa Martinho do segundo ano turma D, ambos da Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar; Resultante da reavaliação realizada ao aluno Henrique Oliveira Marneca, do quarto ano, turma D, da Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar.-----</p> <p>----- Foi aprovada por unanimidade a atualização de dados ao programa educativo individual do aluno Joel Bernardo Dami, do quarto ano, turma B, da Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar.-----</p> <p>----- Foi aprovado por unanimidad o Programa Educativo Individual da criança Rodrigo David Pereira, da sala quatro do Jardim de Infância do Carregado a fim de ser solicitado o seu encaminhamento para a Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas, Flor da Vida em Azambuja.-----</p>

APÊNDICE F – AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR DO AEC PARA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Pedido de autorização para aplicação de Questionários



Exmo Senhor

Diretor do Agrupamento de Escolas do Carregado

Paula Cristina Medeiros Clamote, aluna do Mestrado em Administração e Gestão Educacional da Universidade Aberta, orientado pela Professora Doutora Cláudia Neves, Coordenadora do Mestrado.

Desenvolvo estudo neste Agrupamento, já autorizado em conselho Pedagógico.

Necessito de aplicar questionários a alunos, docentes e encarregados de educação para a conclusão do referido estudo.

Peço autorização para a aplicação dos inquéritos, aos quais constam em anexo.

Agradecendo a atenção dispensada

Com os melhores cumprimentos

*Definir
Por escrito e doente
Carregado, 6 de fevereiro de 2018
02/02/18*

Carregado, 6 de fevereiro de 2018

(Paula Cristina Medeiros Clamote)

APÊNDICE G – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS EED PARA OS ALUNOS RESPONDEREM AO QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS
ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**



Exmo Senhor Encarregado de Educação

Paula Cristina Medeiros Clamote, professora do Quadro de Nomeação Definitiva do Agrupamento de Escolas do Carregado, encontra-se a realizar a sua dissertação de Mestrado em Administração e Gestão Educacional, na Universidade Aberta, **intitulada “As dinâmicas da escola na promoção da Inclusão: um estudo de caso no Agrupamento de Escolas do Carregado”**.

Este estudo pretende investigar como é que o agrupamento responde às necessidades de inclusão. O trabalho implica a opinião dos alunos através de um questionário.

Serve este pedido para solicitar a autorização, para o seu educando responder ao questionário. Toda a informação recolhida será tratada com confidencialidade e todos os participantes serão mantidos anónimos.

A professora _____ (Paula Clamote)

Eu _____ Encarregado de Educação do aluno
_____ Nº ____ Ano/Turma____, autorizo o meu educando a responder ao questionário para efeitos da realização da dissertação de mestrado **“As dinâmicas da escola na promoção da Inclusão: um estudo de caso no Agrupamento de Escolas do Carregado”**.

Data: __/__/____

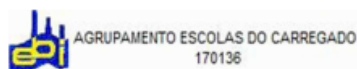
Assinatura: _____

APÊNDICE H – PLANO ANUAL DE ATIVIDADES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO AEC



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017 GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
1º Período 4 Dezembro de 2017	EXP	Comemoração do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência Palestra a realizar com um convidado a definir Uso de camisola branca por toda a Comunidade Educativa; Venda de crachás; Utilização espaço da Rádio.	Manter a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, na perspetiva da formação integral dos alunos. Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo.	Educar para a diferença e para a inclusão. Desenvolver uma cultura mais humanista, com a crescente valorização dos direitos humanos e conceitos de igualdade de oportunidades.	Docentes de Educação Especial	Educadores de Infância/Professores titulares de turma/Diretores de Turma	Alunos e Docentes do Pré-escolar 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais Não Docentes	
1º Período Atividade formativa de final do 1º período	EXP	Atividade Formativa “Unidos pela Diferença” Banca da Solidariedade com a colaboração da	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo.	Educar para a diferença e para a inclusão. Desenvolver uma cultura mais humanista, com a crescente valorização dos	Docentes de Educação Especial	Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas CERCÍ, Flor da Vida em Azambuja	Alunos e Docentes do 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais Não Docentes	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017 GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
16 de dezembro		CERCÍ – Flor da Vida); Banca Inclusiva com a venda de Pipocas, Waffles e Bolachas confeccionados pelos alunos de Currículo Específico	Continuar a promover a participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.	direitos humanos e conceitos de igualdade de oportunidades.			Comunidade	
2º Período 2 de março de 2018	EXP	X Encontro “Vamos ao teatro com...” Grupo de teatro “O Imaginário” da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Évora E o Grupo “Os Cantores da Cercitejo”, da Cooperativa de	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo. Continuar a promover a participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.	Educar para a diferença e para a inclusão; Desenvolver uma cultura mais humanista, com a crescente valorização dos direitos humanos e conceitos de igualdade de oportunidades.	Docentes de Educação Especial	Alunos, Comunidade, Educadores de Infância/Professores titulares de turma/Diretores de Turma	Alunos e Docentes do Pré-escolar 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais Não Docentes Comunidade	Totalmente cumprido



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
		Educação e Reabilitação de Cidadão Inadaptados.						
2º Período 27 e 28 de abril de 2018	EXP	<i>Ida ao "Bootcamp" no Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea da OTA</i>	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo.	Desenvolver a Motricidade Global e Motricidade Fina; Desenvolver aptidões físicas; Desenvolver as capacidades sensoriais durante as caminhadas; Promover o espírito de solidariedade e camaradagem	Câmara Municipal de Alenquer	Base Aérea de OTA	Alunos vencedores participantes no Orçamento Participativo Jovem do Agrupamento de Escolas do Carregado e de outros Agrupamentos	Totalment e Cumprida
3º Período De 19 de abril a 11 de junho	EXP	<i>Concurso de Espantalhos para a Horta da Educação Especial</i>	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo. Manter a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, na perspetiva da formação	Dar a conhecer a toda a comunidade educativa o espaço da Horta da Educação Especial Sensibilizar os alunos para a importância estratégica da agricultura e a realização de atividades funcionais	Docentes de Educação Especial	Alunos, Comunidade, Educadores de Infância/Professores titulares de turma/Diretores de Turma	Alunos e Docentes do Pré-escolar 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF Não Docentes	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
			integral dos alunos.	com os alunos de CEI				
3º Período 1 de junho	EXP	Comemoração do dia Mundial da Criança "Todos iguais, Todos diferentes"	Objetivos do Grupo de Educação Física	Desenvolver atividades ao nível da motricidade global e orientação; Fomentar a destreza motora; Sensibilizar para a diferença;	Grupo de Recuamento de Educação Física	Docentes de Educação Especial	Alunos e Docentes do Pré-Escolar 1º Ciclo	
3º Período	Projeto de Promoção para a Saúde "Seman a da Saúde, da Eco-Escola e das Ciências":	"Especial Saúde"	Objetivos do Projeto	Abordar diversos conceitos inerentes à Higiene Pessoal, nomeadamente, a higiene corporal, hábitos promotores de saúde e rotinas diárias necessárias à promoção da higiene. Criar hábitos saudáveis de higiene nas turmas onde estão integrados alunos	A coordenadora do projeto de Promoção para a Saúde	Docentes de Educação Especial	Alunos e docentes do 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
				abrangidos pelo decreto-lei 3/2008.				
3º Período 19 de maio	EXP	Dia Nacional da Agricultura-Agricultura na Escola no âmbito do Projeto Redescobrir a terra	Manter a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, na perspetiva da formação integral dos alunos. Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo.	Sensibilizar os jovens portugueses para a importância estratégica da agricultura, do mundo rural e do desenvolvimento sustentável no nosso país Aproximar do setor agrícola os jovens portugueses dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos de escolaridade Despertar a vocação profissional dos estudantes para o desenvolvimento de carreiras no setor.	Docente de Educação Especial Célia Nogueira	Docentes de Educação Especial Diretores de Turma Eco-escola	Turmas do 6ºD, 6ºG e 7ºA	
3º Período 16 de junho	EXP	"Arraial final de ano letivo"	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim	Educar para a diferença e para a inclusão;	Departamento de Expressões	Departamento de Expressões – Grupo de	Alunos e Docentes do 1º Ciclo 2º Ciclo	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
		Atividade a definir	como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo; Continuar a promover a participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.	Desenvolver uma cultura mais humanista, com a crescente valorização dos direitos humanos e conceitos de igualdade de oportunidades.	Direção do Agrupamento	Educação Especial	3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais Não Docentes Comunidade	
Ao Longo do Ano	EXP	"Sentir a Terra" Exploração e observação das características da terra e produção de produtos hortícolas Realizado no âmbito das atividades de vida diária	Manter a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, na perspetiva da formação integral dos alunos.	Explorar e observar as características da terra. Criar uma horta Produzir produtos hortícolas saudáveis para a saúde; Cuidar da horta Adquirir hábitos de higiene e de segurança no trabalho.	Docente de Educação Especial e alunos de Currículo Específico Individual (CEI) do 2º e 3º ciclo	Eco-Escola, outras articulações a propor e restante comunidade educativa	Alunos e Docentes do 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais Não Docentes Comunidade	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
				Trabalhar em Equipa				
Ao longo do ano letivo	EXP	Venda da Produtos da Horta do Projeto "Sentir a Terra" e outros	Manter a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, na perspetiva da formação integral dos alunos. Continuar a promover a participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.	Venda dos produtos cultivados. Dar a conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos de Currículo Específico Individual. Promover interação e relacionamento entre alunos e comunidade educativa.	Docente de Educação Especial e alunos de Alunos Currículo Específico Individual (CEI) do 2º e 3º ciclo	Direção do Agrupamento	Alunos e docentes do 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais Não Docentes Comunidade	
Ao longo do ano	EXP	"Sala Aberta – Novidade Experiência Enriquecimento"	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo.	Sensibilizar a comunidade educativa para as questões inerentes às Necessidades Educativas Especiais;	Docente de Educação Especial e Alunos de Alunos Currículo Específico Individual (CEI) do 2º e 3º ciclo	Direção do Agrupamento Alunos Docentes Não docentes Encarregados de Educação de Educação Técnicos	Alunos e docentes do Pr 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo CEF/Cursos Vocacionais	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
				Divulgar o trabalho realizado com os alunos com Necessidades Educativas Especiais do Agrupamento de Escolas do Carregado; Contribuir para a formação, compreensão e esclarecimento, aceitação da diferença e mudança de mentalidades de todos aqueles que visitem a Sala Aberta			Não Docentes Comunidade	
Ao longo do ano	EXP	Blog do grupo de Recrutamento de Educação Especial "Caminhar pela diferença"	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo.	Sensibilizar a comunidade educativa para as questões inerentes às Necessidades Educativas Especiais;	Docentes de Educação Especial sendo os responsáveis os Professores Sandra Fetal e Bruno Faria	Docentes de outros grupos de recrutamento	Pré-escolar 1ºCiclo 2ºCiclo 3ºCiclo CEF/PCA Docentes/ Não Docentes Comunidade	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
			Continuar a promover a participação dos pais/encarregados de educação na vida	Partilhar saberes e experiências com aqueles que nos visitam; Divulgar o trabalho realizado com os alunos com Necessidades Educativas Especiais do Agrupamento de Escolas do Carregado; Contribuir para a formação e esclarecimento de todos aqueles que nos visitam;				
Ao longo do ano	EXP	Projeto de Empreendedorismo "Unidos pela Diferença" ,	Manter a inclusão educativa e social, a autonomia, a estabilidade, assim como a igualdade de oportunidades melhorando o sucesso educativo. Manter a qualidade do processo de ensino-	Desenvolver uma cultura mais humanista, com a crescente valorização dos direitos humanos e conceitos de igualdade de oportunidades.	Docente de Educação Especial e alunos de Alunos de Currículo Específico Individual (CEI) do 2º e 3º ciclo	Direção do Agrupamento e Câmara Municipal de Alenquer	Comunidade em geral	



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES 2016-2017
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Data	Depart	Atividades	Projeto Educativo	Objetivos Específicos	Quem promove	Quem articula	Destinatários	Avaliação
			aprendizagem, na perspetiva da formação integral dos alunos.					

EBI, outubro de 2017

A Representante do Grupo de Recrutamento de Educação Especial

(Célia Nogueira)

APÊNDICE I – MAPA DE ALUNOS AO ABRIGO DO DL 3/2008



MAPA DOS ALUNOS AO ABRIGO DO DECRETO-LEI 3/2008 DE 7 DE JANEIRO - ANO LETIVO 2017/2018

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
Pré-escolar	Jardim de Infância do Carregado Centro Escolar		26-08-2011 6 Anos	Sala 1	Atraso ao nível das competências psicomotoras, bem como da capacidade de atenção e concentração	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado c) Adequações no processo de matrícula f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 19º – Ponto 1 e 2 Artigo 22º	Carla Coelho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia - Reabilitação Psicomotora
Pré-escolar	Jardim de Infância do Carregado Centro Escolar		20-06-2012 5 Anos	Sala 6	Perturbação do Espectro do Autismo	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado c) Adequações no processo de matrícula f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 22º	Maria do Carmo Palha Teixeira Diniz Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Terapia da Fala

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
Pré-escolar	Jardim de Infância de Cadafais		04-06-2011 6 Anos	Sala 1 CA	Dificuldades a nível da linguagem (expressão e compreensão), consciência fonológica, identificação de símbolos, da atenção, da motricidade fina, lateralidade.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado c) Adequações no processo de matrícula f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 19º – Ponto 1 e 2 Artigo 22º	Ana Cristina Isidro Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		01-06-2010 7 Anos	1ªA	Défice Cognitivo; Perturbações ao nível da linguagem; Atraso global do desenvolvimento psicomotor em todas as áreas.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º - Ponto 1 Artigo 22º	Rosália Batista Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Terapeuta da Fala Maria Helena) de: - Terapia da Fala

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		17-08-2010 7 Anos	1ºB	Perturbação de Hiperatividade do tipo Misto (impulsivo e desatento), com Déficit de Atenção, Perturbação da Linguagem; Atraso de desenvolvimento Psicomotor.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação. f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º Ponto 1 Artigo 22º	Pedro Nunes Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala - Reabilitação Psicomotora
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		05-08-2007	2º Ano 1º/2ºD	Perturbação da linguagem (grave) e eficiência intelectual inferior à média	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais (Português, Matemática) d) Adequações no processo de avaliação	Andreia Henriques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		05-09-2009 7 Anos	2º Ano 1º/2ºD	Atraso Global do desenvolvimento	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22º	Andreia Henriques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		05-08-2007	2º Ano 1º/2ºD	Perturbação da linguagem (grave) e eficiência intelectual inferior à média	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais (Português, Matemática) d) Adequações no processo de avaliação	Andreia Henriques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		13-06-2008 9 Anos	2º Ano 1º/2ºD	Atraso de Desenvolvimento Psicomotor, Perturbação da Linguagem, Perturbação do Comportamento e Desatenção Grave, no plano cognitivo apresenta um desempenho muito inferior ao esperado para a sua faixa etária	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Andreia Henriques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: -Psicologia
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		06-06-2008 9 Anos	2ºC	Diagnóstico de Perturbação da Articulação verbal; Perturbação da Linguagem; Atraso Global de Desenvolvimento,	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação; f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Simone Carvalho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia - Terapia da Fala Psicomotricidade - Terapia Ocupacional

6

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		15-08-2009 8 Anos	2ºC	Perturbação do Espectro do Autismo ligeira com atraso na linguagem	Emocional	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Simone Carvalho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		08-11-2009 7 Anos	2ºC	Atraso do Desenvolvimento Psicomotor Ligeiro, imaturidade, desatenção e comportamento um pouco opoitor, PHDA, perturbação da linguagem	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Simone Carvalho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala

7

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		26-07-2008 9 Anos	2º/3ºD 3º Ano	Dislexia, Disortografia e Disgrafia e Perturbação da Hiperatividade do tipo misto (impulsivo e desatento) em Comorbilidade com Perturbação de Oposição e Desafio.	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Tiago Rodrigues Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Psicoterapêutico com a Psicóloga Filipa Santos do Centro de Saúde de Alenquer) Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		27-10-2008 9 Anos	2º/3ºD 3º Ano	Perturbação da Linguagem Mista e Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Tiago Rodrigues APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia - Terapia da Fala

8

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
1ºCiclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		30-10-2008 8 Anos	3ºA	Dificuldades acentuadas ao nível da linguagem expressiva e compreensiva, de motricidade e de memorização e comportamento obsessivo-compulsivo	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação; Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20º – Ponto 1	Ana Maria Simão Raposo Nascimento Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		05-05-2008 9 Anos	3ºA	Atraso global do desenvolvimento	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Ana Nascimento Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia - Terapia da Fala

9

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
1ºCiclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		09-04-2007 10 Anos	3ºA	Atraso global do desenvolvimento	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Ana Nascimento APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		12-08-2009 8 Anos	3ºC	Atraso ao nível do Desenvolvimento Global	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20º – Ponto 1	Otilia Maria Lemos Martins Martins Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala

10

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		01-06-2009 8 Anos	3ºC	Perturbação da linguagem e perturbação do desenvolvimento intelectual a esclarecer.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de Apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22.º	Otilia Maria Lemos Martins Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		30-11-2006 10 Anos	4ºB	Défice cognitivo moderado	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22º	Lina Maria Mata Pereira Reis Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

11

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		05-04-2008 9 Anos	4ºB	Hemofilia A Grave com Inibidores (anticorpos para o FVIII)	Saúde Física	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Lina Maria Mata Pereira Reis Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: Psicomotricidade
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		11-10-2007 9 Anos	4ºC	Perturbação da linguagem e fala. Dificuldades de atenção/ concentração. Dificuldades no relacionamento interpessoal.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Maria Angélica Rodrigues Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala

12

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		06-06-2007 10 Anos	4ºC	Atraso ao nível do Desenvolvimento Global	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Maria Angélica Rodrigues Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		30-07-2007 10 Anos	4ºD	Atraso global do desenvolvimento psicomotor; Déficit de atenção e hiperatividade; Perturbações ao nível da linguagem oral; dificuldades do cálculo e da memorização	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18 Artigo 20º – Ponto 1	Viviana Louro Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

13

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		15-09-2007 9 Anos	4ºD	Perturbação de aquisição de conhecimentos bem como problemas de comunicação/linguagem. Emocionalmente percebem-se sinais de perturbação e fragilidade emocional.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Viviana Louro Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado Centro Escolar		05-07-2007	4ºD	Capacidades cognitivas abaixo da média e dificuldades emocionais nomeadamente ao nível das relações sociais e escolares, PHDA	Cognitivas	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Viviana Louro APOIO DIRETO DA EE	Acompanhado em Psicologia no Centro de saúde de Alenquer

14

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		01-02-2009 8 Anos	2ºA	Atraso ao nível do desenvolvimento global	Emocionais	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de Apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22º	Suzete Simões Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		31-05-2009 8 Anos	3ºA	Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção de Especificador Misto em Comorbilidade com Diminuída Flexibilidade Cognitiva	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Joaquina Fragoso Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala

15

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		12-10-2009 8 Anos	3ºA	Perturbação de Défice de Atenção tipo desatento e uma baixa resistência a frustração, podendo englobar-se também numa Perturbação de Oposição-Desafio	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Joaquina Fragoso APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		12-10-2007 10 Anos	3ºB	Atraso ao nível do Desenvolvimento Global	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Anabela Santos Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

16

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		31-08-2008 9 Anos	3ºB	Atraso Grave da Linguagem e uma Perturbação articulatória grave de tipo fonético-fonológico	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Anabela Santos Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		24-10-2007 10 Anos	3º/4ºC 3ºAno	Perturbação do Desenvolvimento Intelectual e Perturbação da Linguagem	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Marisa Vieira Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: - Psicologia

17

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		26-11-2007 9 Anos	3º/4ºC 3ºAno	Atraso no Desenvolvimento e dificuldades de atenção/ concentração.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a),b) c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22.º	Marisa Vieira Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala -Psicologia
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		27-09-2006 11 Anos	4ºA	Atraso do Desenvolvimento da Linguagem (AGL); Perturbação Fonético-Fonológica; Perturbação do desenvolvimento intelectual	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Clara Assunção Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala

18

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		25-10-2006 11 Anos	4ºA	Atraso ao nível do desenvolvimento global, com um desempenho inferior no domínio da eficiência intelectual.	Cognitivas	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Clara Assunção Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		26-05-2008 9 Anos	4ºB	Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção, Perturbação da Linguagem, Perturbação da Aprendizagem Específica (com Défice na Leitura) e Perturbação da aprendizagem específica (com défice na escrita)	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a),b), e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Paula Carvalho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia

19

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado 12509		24-08-2006 11 Anos	4ºB	PHDA, Perturbação de Oposição e P. Tíques SOE e Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem/Dislexia.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Paula Carvalho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica do 1º Ciclo dos Cadafais		17-11-2008 9 Anos	3º/4º CA 3º Ano	Perturbação Específica da leitura	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares à disciplina de Português d) Adequações no processo de avaliação às disciplinas de Português, Estudo do Meio e Matemática. Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22º - Tecnologias de Apoio.	Elisabete Varanda APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: - Psicologia - Terapia da Fala

20

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
1.º Ciclo	Escola Básica do 1º Ciclo dos Cadafais		03-03-2009 8 Anos	3º/4º CA 3º Ano	Dislexia e Disortografia em comorbidade com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Elisabete Varanda APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: - Psicologia - Terapia da Fala
1º Ciclo	Escola Básica do 1º Ciclo dos Cadafais		03-12-2006 11 Anos	3º/4ºCA 3º Ano	Atraso global do desenvolvimento, com um funcionamento intelectual homogéneo, estando as suas competências verbais e não-verbais igualmente pouco desenvolvidas.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22.º	Elisabete Varanda Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala

21

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP.- NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica do 1.º Ciclo dos Cadafais		22-08-2007 10 Anos	3º/4ºCA 3º Ano	Dificuldades cognitivas acentuadas e claros comprometimentos ao nível de várias das suas competências associadas, a saber ao nível da linguagem, da memória, da atenção e concentração, do cálculo numérico e do pensamento	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Elisabete Varanda Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		06-07-2005 12 Anos	5ªA	Apresenta Perturbação Articulatoria Mista e um Atraso de Desenvolvimento da Linguagem Funcionamento Cognitivo muito inferior ao esperado para a sua faixa etária; Perturbação Grave do processo atencional, Dificuldades emocionais e relacionais	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Ana Tomás Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: – Terapia da Fala

22

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP.- NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do carregado		24-02-2005 12 Anos	5ªA	Perturbação Específica da Leitura (dislexia de grau moderado), perturbação específica da ortografia (disortografia de grau moderado) e perturbação específica da caligrafia (disgrafia de grau moderado)	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Ana Tomás Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Acompanhamento em Psicologia através do Serviço de Psicologia e Orientação do Agrupamento de Escolas do Carregado (SPO)
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		23-10-2005 11 Anos	5ªA	Atraso ao nível do desenvolvimento cognitivo	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Ana Tomás Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia

23

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		23-12-2005 11 Anos	5ºB	Perturbação do desenvolvimento intelectual, Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita, em Comorbidade com uma Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção, especificador misto	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Paula Clamote Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		06-12-2006 10 Anos	5ºB	Dificuldades nas áreas da leitura, da escrita e do cálculo que comprometem as suas aprendizagens	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Paula Clamote APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

24

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		29-06-2005 12 Anos	5ºB	Perturbação do desenvolvimento intelectual	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Paula Clamote Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		06-08-2005 12 Anos	5ºB	Incapacidade motora, sensitiva e perceptivo-cognitiva, com défice na postura e dos movimentos dos quatro membros; Dificuldades continuadas ao nível da aprendizagem, mobilidade, autonomia, relacionamento interpessoal e participação social; Atraso de Desenvolvimento Psicomotor; Déficit Cognitivo Ligeiro associado a Perturbação de Déficit de Atenção e Hiperatividade.	Neuromusculo-esqueléticas	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação f)Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Paula Clamote Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: Psicomotricidade Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala

25

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		15-07-2006 11 Anos	5ºB	Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita (Dislexia de tipo fonológico)	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Paula Clamote APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		19-12-2003 13 Anos	5ºC	Défice cognitivo	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de Apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Ana Brilha Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala

26

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		28-07-2007 10 Anos	5ºC	Hidrocefalia pós-hemorrágica	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Ana Brilha Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Reabilitação Psicomotora
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		04-08-2005 12 Anos	5ºC	Atraso ao nível do Desenvolvimento Global	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Ana Brilha Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Foi proposta para beneficiar de Apoio terapêutico de: - Psicologia Através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja

27

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		20-08-2005 12 Anos	5ºD	Atraso ao Nível do Desenvolvimento Global	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Isabel Inocêncio Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Foi proposta para beneficiar de apoio terapêutico de: - Psicologia Através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		22-02-2006 11 Anos	5ºD	Comprometimento grave ao nível das funções cognitivas de nível superior com impacto severo na aprendizagem	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20º – Ponto 1	Isabel Inocêncio Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

28

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2º Ciclo CEI	Escola Básica Integrada do Carregado		11-06-2005 12 Anos	5ºD	Perturbação do Desenvolvimento Intelectual	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico Individual Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 2 Artigo 21º	Isabel Maria Gonçalves Inocêncio APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia Ocupacional Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		09-09-2005 11 Anos	5ºD	Funcionamento Intelectual abaixo do esperado para a sua idade; Dificuldades ao nível da linguagem expressiva e compreensiva; PHDA	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Isabel Maria Gonçalves Inocêncio Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia

29

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		01-02-2007 10 Anos	5ºE	Alterações no domínio cognitivo que advêm de lesões cerebrais provocadas por epilepsia	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Maria Clara de Carvalho Marques Geraides Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		12-10-2007 9 Anos	5ºE	Hiperatividade com Défice de Atenção; Perturbação Específica da Aprendizagem.	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Maria Clara de Carvalho Marques Geraides Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala

30

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		18-07-2007 9 Anos	5ºE	Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita (dislexia, do tipo fonológica)	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a) e b) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Maria Clara de Carvalho Marques Geraides APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		18-02-2007 10 Anos	5ºE	Perturbação Específica da Linguagem Expressiva (Dislexia)	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Maria Clara de Carvalho Marques Geraides Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Acompanhamento em Psicologia através do Serviço de Psicologia e Orientação do Agrupamento de Escolas do Carregado (SPO) Terapia da Fala através do Instituto do Cérebro

31

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		02-08-2007 10 Anos	5ºF	Hiperatividade com Défice de Atenção e Perturbação Específica da Aprendizagem (Dislexia e Disortografia)	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Isabel Maria Costa Martins Ferreira Alqueidão Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		09-03-2006 11 Anos	5ºF	Atraso de Desenvolvimento o Psicomotor; Atraso de Desenvolvimento de linguagem. Surdez de condução bilateral, otite serosa/ seromucosa bilateral. Desatenção e hiperatividade.	Audição	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Isabel Maria Costa Martins Ferreira Alqueidão Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

32

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		20-12-2005 12 Anos	6ªA	Défice Cognitivo e um Atraso ao nível do Desenvolvimento Global da Linguagem associado a uma Perturbação Fonético-Fonológico	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Josefina Ferreira Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		21-04-2005 12 Anos	6ªA	Perturbação a nível dos fatores emocionais/ relacionais; Abaixamento global das funções nervosas complexas, sendo compatível com o quadro de Défice Cognitivo (Emocional).	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Josefina Ferreira Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia

33

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado	Micael Bolota Serrana 1.	21-09-2006 11 Anos	6ºA	Perturbação do Desenvolvimento Intelectual	Cognitivo	Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Josefina Ferreira Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		10-04-2005 12 Anos	6ºB	Perturbação de Aprendizagem da Leitura e da Escrita - Dislexia	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Martinha Mendes Vieira Pereira APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia

34

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		11-06-2006 11 Anos	6ºB	Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem/Dislexia e Disortografia	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Martinha Pereira APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia da Fala
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		13-01-2005 12 Anos	6ºC	Rendimento intelectual que se situa abaixo dos valores esperados para a sua faixa etária(...)Instabilidade emocional, que se expressam por diminuída autoestima Diabetes tipo 1. Insulinodependente, diagnosticado em agosto de 2016. Atrofia difusa do cerebelo, Déficit na convergência do olho esquerdo, dificuldade no início da marcha e nas atividades motoras de coordenação (informação de 9 de novembro de 2017	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Carmina Ribeiro Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

35

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Integrada do Carregado		02-10-2005 12 Anos	6ºC	Prematuridade; Desenvolvimento Global (Cognitivo e afetivo) que revela ainda alguma imaturidade global.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Carmina Ribeiro APOIO DIRETO DA EE	
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado	2.	04-02-2003 14 Anos	6ºD	*Dislexia, Disortografia Grave e Défice de Atenção Ligeiro (alterado por novo relatório da consulta de Neurodesenvolvimento, elaborado pela Dr.ª Paula Pires de Matos do Centro de Desenvolvimento Infantil – Diferenças) *A 09/09/2016, na reunião de C.T., foi dado a conhecer o relatório da pediatra, Dr.ª Paula Matos, que altera o diagnóstico constante no PEI da aluna. Foi solicitada a checklist com referência às funções do corpo, com o intuito de se fundamentar esta alteração de diagnóstico.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais c) Adequações no processo de matrícula d) Adequações no processo de avaliação; Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 19º Artigo 20º – Ponto 1 DISCIPLINAS 2017/2018: - Matemática - Inglês - Educação para a Cidadania - Educação Tecnológica - Educação Musical	Lúcia Marques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

36

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		04-01-2005 12 Anos	6ºD	Défice Cognitivo (Perturbação do desenvolvimento intelectual)	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Lúcia Marques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
2º Ciclo CEI	Escola Básica Integrada do Carregado		20-07-2000 17 Anos	6ºD	Limitações significativas, sobretudo ao nível da Atividade e participação, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente.	Cognitivo	Artigo 14º - ponto 2 – Plano Individual de transição Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico Individual Artigo 17º Ponto 1-alíneas a), b), c) e d) Artigo 20º – Ponto 2 Artigo 21º	Lúcia Marques APOIO DIRETO DA EE	

37

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
2.º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		04-10-2006 10 Anos	6ºE	Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita (Dislexia de tipo fonológico)	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º não necessita Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.	Sónia Isabel Rodrigues APOIO INDIRETO DA EE	Teve alta do apoio terapêutico de Terapia da fala através do CRI da CERCI Flor da Vida em Azambuja
2º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		01-06-2004 13 Anos	6ºF PCA	Atraso ao nível do desenvolvimento global e acentuados sentimentos de ansiedade, insegurança e tristeza.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Júlia Brilha Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: -Psicologia - Terapia da Fala

38

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		15-04-2005 12 Anos	7ºA	Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção de tipo misto (desatenta, hiperativa e impulsiva) – PHDA.	Emocional	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Alexandra Linares APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		13-01-2004 13 Anos	7ºA	Perturbação emocional, Perturbação da aprendizagem com deficit de atenção e concentração, bem como, possível componente orgânica	Emocional	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Alexandra Linares Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

39

NÍVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		29-10-2004 12 Anos	7ºA	Atraso no desenvolvimento intelectual e atraso no desenvolvimento da linguagem	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Alexandra Linares Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		27-01-2005 12 Anos	7ºC	Hemiplegia direita; Perturbação do desenvolvimento da Linguagem - Dislexia, Disortografia e Disgrafia.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação; Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Maria Costa Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: Psicomotricidade

40

NÍVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		28-01-2004 13 Anos	7ºC	Perturbação do Desenvolvimento Intelectual em comorbilidade com Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º - Ponto 1	Maria Costa Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		30-12-2003 13 Anos	7ºD	Perturbação do Desenvolvimento das Aquisições Académicas (leitura, escrita e cálculo), associada a um défice de atenção	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Raquel Rayagra Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

41

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		08-08-2002 15 Anos	7ºD	Quadro psicopatológico grave depressivo.	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Raquel Rayagra Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia
3º Ciclo CEI	Escola Básica Integrada do Carregado		06-11-2002 15 Anos	7ºD	Perturbação do Desenvolvimento Intelectual Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita. Distúrbio da Atividade e da Atenção	Cognitivo	Artigo 14º - ponto 2 – Plano Individual de transição Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico Individual Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 21º	Raquel Rayagra APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia para supervisão do seu PIT - Terapia Ocupacional Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia

42

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		15-12-2004 12 Anos	7ºE	Perturbação da Linguagem Escrita	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1 Artigo 22.º	Júlio Silva APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		10-10-2005 12 Anos	7ºE	Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita em comorbidade com uma Perturbação da Aprendizagem Específica – Défice na Matemática (discalculia) e Perturbação Específica do Grafismo – Disgrafia	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Júlio Silva Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia

43

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		03-05-2003 14 Anos	7ºE	Distrofia muscular severa: Gama-sarcoglicanopatia	Neuromusculoesquelético	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20º- Ponto 1 Artigo 22º	Júlio Silva Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO INDIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da vida em Azambuja de: - Terapia Ocupacional
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado	3.	16-11-2005 12 Anos	7ºE	Perturbação Expressiva da Linguagem Escrita (dislexia do tipo misto) em comorbilidade com o quadro de Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção, do tipo desatento	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Júlio Silva Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

44

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
3.º Ciclo	Escola Básica Integrada do carregado		25-02-2005 12 Anos	7ºF	Síndrome de Dislexia e Disortografia	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a) e b) Artigo 20º – Ponto 1	Lino Oliveira APOIO INDIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		24-02-2005 12 Anos	7ºG	Hiperatividade com Déficit de Atenção de tipo combinado e Perturbação Específica da Aprendizagem (Dislexia).	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Carlos Américo Ferreira Mocho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

45

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
3º Ciclo CEI	Escola Básica Integrada do Carregado	4.	26-11-2003 13 Anos	7ºG	Perturbação de Desenvolvimento Intelectual uma Perturbação por Déficit de Atenção e Hiperatividade.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico individual f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 21º Artigo 22º	Carlos Américo Ferreira Mocho APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia Ocupacional Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		15-05-2004 13 Anos	7ºG	Perturbação do desenvolvimento Intelectual (Percentil 5) com discrepância significativa entre a área verbal (percentil 2) e a área de realização (percentil 19); Déficit de atenção moderado.	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico individual f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 21º Artigo 22º	Carlos Mocho APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia - Terapia da Fala - Terapia Ocupacional

46

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		03-01-2005 12 Anos	7ºG	Déficit Cognitivo	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Carlos Mocho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: - Psicologia
3º Ciclo CEI	Escola Básica Integrada do Carregado		04-10-2002 14 Anos	8ºA	Perturbação do Desenvolvimento intelectual, Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção (tipo desatento) moderado, e Perturbação grave da linguagem	Cognitivo	Artigo 14º - ponto 2 – Plano Individual de transição Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico Individual f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 2 Artigo 21º; Artigo 22º	Carla Silva APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia para supervisão do seu Plano Individual - Terapia da Fala - Terapia Ocupacional

47

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		03-09-2003 14 Anos	8ªA	Mal formação Chiarii tipo I; Craniosinostose Hidrocefalia derivada; Atraso Global de Desenvolvimento; Atraso da Linguagem; Síndrome de Crouzon ; Síndrome de apneia central, com VNI noturno; sistema de derivação ventrículo-peritoneal	Audição / Visão	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio (prótese retro auriculares) Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22º	Carla Silva Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		20-09-2002 15 Anos	8ªA	Atraso ao nível do desenvolvimento global	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Carla Silva Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

48

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		26-02-2002 15 Anos	8ºC	Déficé Cognitivo	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Edite do Carmo Pires Agostinho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		12-10-2002 15 Anos	8ºC	Perturbação de Hiperatividade com Déficé de Atenção (PHDA)	Emocional	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Edite do Carmo Pires Agostinho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO INDIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

49

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		31-01-2004 13 Anos	8ºC	Perturbação Mista do Desenvolvimento das Aquisições Académicas da Leitura (Dislexia) e da Escrita (Disortografia); Alterações ao nível da perceção, memória de trabalho e alguns sinais e sintomas de desatenção.	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Édite do Carmo Pires Agostinho APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		17-02-2004 13 Anos	8ºD	Síndrome de Asperger; Hiperatividade; Dislexia e Disgrafia.	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20º – Ponto 1	Lídia Lopes APOIO INDIRETO DA EE	

50

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		17-12-2004 12 Anos	8ºD	Perturbação da Linguagem: Quadro de Dislexia	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1	Lídia Lopes APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		12-02-2003 14 Anos	8ºD	Transtorno de Défice de Atenção e Hiperatividade e Perturbação da Linguagem e Perturbação Articulatória que comprometem a escrita	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Lídia Lopes Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

51

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		21-05-2004 13 Anos	8ºE	Perturbação Específica da Linguagem Expressiva (Dislexia Severa)	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequação no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º - Ponto 1	Francisco Henriques APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		28-07-2003 14 Anos	8ºE	Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção (PHDA -Tipo Misto)	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1- alíneas a) e d) Artigo 18.º Artigo 20º - Ponto 1	Francisco Henriques Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Psicológico-Reavaliação pela Drª Eneia Bexiga do Serviço de Psicologia do Agrupamento de Escolas do Carregado

52

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		15-06-2003 14 Anos	9ºA	Perturbação de hiperatividade e de atenção e disgrafia	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1- alíneas a), b) e c) Artigo 18.º Artigo 20º - Ponto 1	Rui Almeida APOIO DIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		14-03-2002 15 Anos	9ºA	Déficit Cognitivo e dificuldade ao nível da função executiva da Atenção”, apresentando dificuldades graves ao nível das Funções Mentais Globais e dificuldades graves e moderadas nas Funções Mentais Específicas.	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Rui Almeida Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: -Psicologia

53

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		03-07-2002 15 Anos	9ºB	Situação oncológica: tumor do sistema nervoso central.	Saúde Física	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação; Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b), c) e d) Artigo 18.º Artigo 20.º – Ponto 1	Filipe Crespo Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia
3.º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		13-11-2001 16 Anos	9ºC	Défice Cognitivo	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	António Nunes Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Acompanhada pela Psicóloga do Centro de Saúde de Alenquer Dr.ª Filipa Santos.

54

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3.º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		21-02-2003 14 Anos	9ºC	Perturbação Global do Desenvolvimento com características do Espectro Autista e Comportamentos Psicóticos	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	António Nunes Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia
3.º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		08-07-2003 14 Anos	9ºD	Nistagmo Pendular, horizontal, conjugado.	Visão	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; d) Adequações no processo de avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 22º	Ana Isabel Salema Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCÍ Flor da vida em Azambuja de: - Terapia Ocupacional

55

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		19-08-2002 15 Anos	9ºD	Défice Cognitivo	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a) e b) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Ana Isabel Salema Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO INDIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		14-08-2003 14 Anos	9ºD	Perturbação Específica da Linguagem Expressiva – Dislexia/ Disortografia	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Ana Isabel Salema APOIO DIRETO DA EE	Reavaliação Psicológica Através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja, na interrupção do 1º período

56

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		19-08-2002 15 Anos	9ºD	Défice Cognitivo	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado; b) Adequações Curriculares Individuais; d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º – Ponto 1	Ana Isabel Salema Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO INDIRETO DA EE	
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		14-05-2003 14 Anos	9ºD	Perturbação Emocional; reduzidos níveis de atenção/concentração.	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a) e b) Artigo 20º – Ponto 1	Ana Isabel Salema Cruz Cachado Lourenço APOIO INDIRETO DA EE	

57

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		15-01-2001 16 Anos	9ºE	Perturbação de Desenvolvimento Intelectual e uma Perturbação da Linguagem	Cognitivo	Artigo 14º - ponto 2 – Plano Individual de transição Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo Específico individual Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20º – Ponto 1 Artigo 21º	Ana Paula Antunes APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia para supervisão do seu Plano Individual - Terapia Ocupacional Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia - Terapia da Fala
Curso de Educação e Formação COZINHA 1º ANO	Escola Básica Integrada do Carregado		14-06-2001 16 Anos	CEF COZ 2º Ano	Déficite Cognitivo - dificuldades graves ao nível da capacidade de aprendizagem, cujas competências de raciocínio, linguagem, cálculo e aquisição, consolidação e organização de informação se situam muito abaixo do esperado para a sua idade.	Cognitivo	Artigo 16.º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Lisete Bicho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoio Terapêutico através do CRI da CERCI Flor da vida em Azambuja de: - Psicologia

58

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP. NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÊUTICOS
Curso de Educação e Formação COZINHA 1º ANO	Escola Básica Integrada do Carregado		25-12-2001 15 Anos	CEF COZ 2º Ano	Perturbação da Linguagem Expressiva (disortografia, discalculia e dislexia)	Linguagem	Artigo 16.º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17.º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 20.º – Ponto 1	Lisete Bicho Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Instituto do Cérebro) de: - Psicologia
Pré-escolar	Jardim de Infância de Cadafais		03-03- 2014 3 Anos	Sala 1 CA	Atraso de Desenvolvimento por condições específicas - complicações pré-natais severas	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado f) Tecnologias de apoio Artigo 17º Ponto 1 – alíneas a), b) e d) Artigo 22º	Ana Cristina Isidro Redução de turma ao abrigo do Despacho Normativo n.º 1 – B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Apoios Terapêuticos através do Subsídio de Educação Especial (Saber de Mim) de: - Terapia da Fala

59

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP.- NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar		06-07-2009 8 Anos	1º/2ºD 2º Ano	Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção, Perturbação Específica da Aprendizagem e Perturbação da Oposição e Desafio	Emocional	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio Pedagógico Personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no Processo de Avaliação Artigo 17º - Ponto 1 - alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º Ponto 1	Andreia Henriques Redução de Turma ao abrigo do Despacho Normativo nº1-B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Acompanhamento em Psicologia através do Serviço de Psicologia e Orientação de Escolas do Agrupamento de Escolas do Carregado (SPO) com a Psicóloga Carina Rucha
1º Ciclo	Escola Básica Número Um do Carregado, Centro Escolar 107622		01-05-2010 7 Anos	2ªA	Perturbação do Desenvolvimento Intelectual	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio Pedagógico Personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no Processo de Avaliação f) Tecnologias de apoio Artigo 17º - Ponto 1 - alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º Ponto 1 Artigo 22º	Célia Siva Redução de Turma ao abrigo do Despacho Normativo nº1-B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	

60

NIVEL DE ENSINO	ESCOLA LOCAL	ALUNO	DATA NASC.	ANO TURMA	DIAGNÓSTICO	TIP.- NEE	RESPOSTA EDUCATIVA	OBS. PROFESSOR/ DIRETOR DE TURMA	APOIOS TERAPÉUTICOS
2ºciclo	Escola Básica Integrada do Carregado 109174		02-05-2007 10 Anos	5ºE	Perturbação Específica da Linguagem Expressiva (Dislexia)	Linguagem	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio pedagógico personalizado d) Adequações no processo de avaliação Artigo 17º Ponto 1 - alíneas a), b), c) e d) Artigo 18º Artigo 20º - Ponto 1	Clara Geraldes APOIO INDIRETO DA EE	Não estão previstos Apoios
3º Ciclo	Escola Básica Integrada do Carregado		26-07-2003 14 Anos	7ºD	Défice Cognitivo	Cognitivo	Artigo 16º Ponto 2, Alíneas: a) Apoio Pedagógico Personalizado b) Adequações Curriculares Individuais d) Adequações no Processo de Avaliação Artigo 17º - Ponto 1 - alíneas a), b) e d) Artigo 18º Artigo 20º Ponto 1	Raquel Rayagra Redução de Turma ao abrigo do Despacho Normativo nº1-B/2017, de 17 de abril APOIO DIRETO DA EE	Proposta para Apoio em Psicologia

61

NÍVEL DE ENSINO	Nº ALUNOS/TIPO DE APOIO			
	NÚMERO TOTAL DE ALUNOS	NÚMERO DE ALUNOS EM APOIO DIRETO	NÚMERO DE ALUNOS EM APOIO INDIRETO	NÚMERO DE ALUNOS REDUTORES DE TURMA
Pré- Escolar	4	4	0	4
1º ciclo	42	47	2	42
2º ciclo	34	27	3	19
3º ciclo	40	23	7	16
CEF	2	2	1	3
TOTAIS	122	110	13	91

16 de janeiro de 2018

A Coordenadora do Grupo de Recrutamento de Educação Especial

Célia Nogueira

APÊNDICE J – LISTA DE TÉCNICOS APOIO TERAPÊUTICO

Técnicos de Apoio Terapêutico
Psicóloga do CRI- Centro de Recursos para a Inclusão
Terapeuta da Fala do CRI- Centro de Recursos para a Inclusão
Terapeuta Ocupacional do CRI- Centro de Recursos para a Inclusão
Técnica Superior de Educação Especial e Reabilitação do CRI- Centro de Recursos para a Inclusão
3 Psicólogas do Instituto do Cérebro (Subsídio de Educação Especial)
2 Terapeutas da Fala do Instituto do Cérebro (Subsídio de Educação Especial)
Técnica de Psicomotricidade do Instituto do Cérebro (Subsídio de Educação Especial)
2 Psicólogas do Saber de Mim (Subsídio de Educação Especial)
Terapeuta da Fala do Saber de Mim (Subsídio de Educação Especial)
Psicóloga da Câmara Municipal de Alenquer para o 1º Ciclo
Psicóloga do SPO - Serviço de Psicologia do AE Carregado